CONTINUO EXISTINDO

Produção: Alisson Roger Piske.

Médium: Sadraquiele.

Ditado pelo Espírito Sadraque Walmor da Silva.

APRESENTAÇÃO

A segunda edição do livro Continuo Existindo, traz correções e um apoio ainda maior da espiritualidade superior, já que a primeira edição foi feita no calor da emoção, porque a desencarnação do jovem Sadraque ainda era muito recente e assim que pôde, ele por conta própria, reuniu os materiais necessários para contar o começo de sua aventura pós morte pessoalmente. E a médium, sendo irmã dele, ao ouvir as narrações, sentia também fortes impressões. Agora, porém, já sem aquela saudade que deixa a razão um tanto anuviada, se faz uma edição sem aqueles erros de português e com a proteção de uma egrégora bem mais forte.

Também são trazidas nessa segunda edição, algumas pequenas informações a mais, alguma coisa foi acrescentado sim e poucas foram as substituições, porém nada foi retirado e a essência da história e da personalidade de Sadraque permanece a mesma.

Dedicamos essa segunda edição ao amigo Alisson, que ouvindo da médium em questão as narrações, digitou a história da melhor forma que pôde.

Dedicando também este livro aos irmãos do centro espírita Candeia de Maria, ao núcleo espírita São Francisco de Assis. Dedicando também esta obra aos irmãos do centro espírita Schneider. Todos eles localizados em Rio do Sul, Santa Catarina. E por fim, dedicamos esta obra a todos aqueles que amam a vida e a defendem com as armas do amor.

Crisânia Velardi.

PREFÁCIO

Tem coisas que podemos e outras que não podemos fazer, porém não tem como deixar de existir. Espero que entendam de maneira fácil, já eu aprendi que continuamos a existir, não importa em qual plano você está, mas sim o estado em que você se encontra e como as pessoas que te cercam se sentem quando estão contigo.

Nessas páginas não vou falar sobre a minha vida terrena, pois me sinto envergonhado por algumas coisas e alguns familiares se encontram na Terra. Respeito a todos, principalmente meu pai, mas sinto a necessidade de conscientizar algumas pessoas que o desespero não é o melhor caminho. Orem à Deus e nunca pensem em suicídio, e se pensarem em algum momento, procurem ajuda.

Essa obra vai relatar a minha experiência após o suicídio. Minhas lutas, meu desenvolvimento e minha conscientização.

Sejam felizes, sejam úteis e confiem em Deus! Obrigado.

S.W.S.

SUMÁRIO

Capítulo 1

A Pior Decisão Da Minha Existência.

Amigos, na última tarde da minha existência eu me encontrava cansado de mim mesmo. Cansado de ser cego e da falta de oportunidades na área profissional. Sentia uma forte agonia, uma ansiedade terrível, queria fazer tudo! Sair andando ou até mesmo correr, mas ao mesmo tempo não tinha ânimo para nada.

Minha mente e meu espírito estavam em uma tremenda confusão. Hoje me sinto envergonhado, mas naquela tarde eu estava decidido a me destruir. Infelizmente já tinha ensaiado outras tentativas de suicídio antes da última que infelizmente deu certo. Eu não sabia a dor que causaria a minha família, aos meus amigos e principalmente aos meus pais. Agora sei o quanto sou amado, mas eu não sentia esse amor quando estava na Terra.

Então tirei uma cordinha que estava na minha jaqueta e fiz o que não deveria ter feito, me estrangulei. Senti um choque dolorido na garganta, uma pressão na cabeça e falta de ar, então apaguei.

Quando despertei não tinha noção de que minha loucura tinha dado certo. Sentia uma sensação de câimbra no corpo todo, queria pedir ajuda. Chamei meu pai, chamei minha mãe, mas é claro que ninguém me escutava. Resolvi ir atrás deles, era difícil andar, tudo formigava.

Então eu fui até a janela, encostei na parede e não sei como fui parar na calçada e pensei comigo: “nossa! Como vim parar aqui fora, preciso de ajuda”. Eu estava me sentindo tão mal que não me dei conta de que havia transpassado a parede da casa. Agora não era só o corpo que formigava, minha cabeça doía, eu estava com falta de ar, mesmo assim fui andando pela grama, eu queria encontrar o casarão onde estavam meus pais, mas eu estava tão mal e não sabia para onde estava andando. Tudo que consegui foi cair dentro da lagoa que tinha atrás da casa. Então senti uma força que me puxava para baixo.

De repente, cadê a água? Eu não sabia como, mas estava em outro lugar. Pisava em folhas secas e sentia um frio insuportável! Tinha um vento gelado e um cheiro nada agradável. Eu escutava gente chorando, gritando e até urrando. Essa barulheira vinha do meu lado esquerdo, então pensei: "vou para o lado direito, eu é que não fico aqui"! Daí saí correndo em sentido contrário e dei uma baita cabeçada em uma árvore, afinal, eu ainda estava cego e não me dava conta do desencarne, mas gostei de ter encontrado aquela árvore, eu sentia segurança nela e subi.

Capítulo 2

Uma Proposta Terrível

O vento frio não parava e eu continuava em cima da árvore. Meu corpo já não formigava, eu estava melhor, porém, sentia fome e sede. Eu já estava entediado, mas não tinha coragem de descer, então comi algumas folhas daquela árvore, eram bem amargas, mas era o que tinha e sinceramente não queria procurar comida naquele chão. Eu continuava lá em cima pensando, quando ouvi alguns passos se aproximando da árvore, daí senti medo e fiquei bem quietinho, mas o grupo que se aproximava me viu lá em cima e um homem disse:

— Seu nome é Sadraque não é?

Eu continuei quieto, mas ele insistiu dizendo:

— Vamos responda! Eu estou te fazendo uma pergunta.

Então eu respondi:

— É, sou o Sadraque e você quem é?

Então o grupo começou a dar gargalhadas estridentes e eu não conseguia disfarçar o medo. O homem então esclareceu, depois de mandar os outros ficarem quietos:

— Ainda não fomos apresentados, meu nome é Siang Lee Ami, mas aqui todos me chamam de imperador. - E ele continuou. - Pelo jeito você não sabe ainda o que aconteceu direito, vamos te dar um tempo para pensar e depois te digo o que eu quero, afinal sou eu que manda aqui! E graças a minha influência você veio parar neste lugar. Você já me obedeceu uma vez e vai obedecer de novo.

Daí eles foram embora, fiquei aliviado, mas não lembrava dele. Pensei comigo: “esse homem disse que me trouxe para cá, mas tenho certeza que eu não conheço ele e não sei que lugar é esse, mas quero sair daqui”!

Eu ia descer da árvore, mas senti algo pendurado em meu corpo, passei as mãos nas costas e senti uns fios, puxei um pouco e percebi que faziam parte de mim e estavam arrebentados nas pontas, fiquei pensando: "eu não tinha esses fios antes ou estou enlouquecendo de vez, ou isso é um pesadelo daqueles! Mas é tudo tão real"!

Aquele lugar era horrível de viver, mas nos força a refletir porque surge na mente uma pergunta atrás da outra e se não pararmos para refletir de duas ou uma: ou ficamos totalmente perdidos; ou perdemos a lucidez. Sorte a minha que sou daqueles que pensa bastante até entender as coisas. "Meu Pai e minha mãe não estavam atrás de mim ou será que estavam"? De repente ouvi um choro baixinho de mulher e não senti medo, senti vontade de ajudar, então desci da árvore e fui de encontro ao som daquele choro e perguntei:

— Quem está aí? Por que está chorando? A moça chorou mais forte e falava desesperada:

— Moço, por favor, me ajuda! Cortei meus pulsos e estou sangrando, não quero mais morrer, me ajude! Estou morrendo!

Fiquei com pena, eu queria ajudar, mas não sabia o que fazer, então perguntei:

— Amiga, como é o seu nome? Como eu posso te ajudar?

Ela estava desesperada e quase gritando, dizia:

— Não sei! Não lembro, mas me ajude, chame um médico por favor.

Ela me abraçou e eu com pena não tive coragem de me afastar. Ela estava suja, estava tão assustada como eu. Foi aí que minha ficha começou a cair e pensei: "tentei me matar e agora estou aqui, e essa moça está aqui pelo mesmo motivo. Será que tentamos, ou conseguimos"? Eu não tinha tempo para continuar pensando, ela chorava muito e resolvi ajudar, e ao mesmo tempo fazer uma experiência que iria me ajudar a descobrir o que estava acontecendo. Então eu disse:

— Amiga, fique calma e não fale, tente não chorar e continue abraçada comigo, vou cantar um hino que eu sei e vamos ver se melhora ou não.

Comecei a contar um hino assim: “sonhei que fui para o céu, um sonho tão real nas ruas de ouro, eu andei um lago de cristal”...

E assim fui cantando, a moça estava bem calma, quase dormindo e os pulsos pararam de sangrar. Eu fiquei feliz em ajuda-la, mas a alegria durou pouco, porque aquele grupo que tinha me encontrado na árvore, me encontraram de novo e o tal imperador falou debochando:

— Ah Sadraque, mal chegou aqui e já está cantando no ouvidinho dessas perdidas. Não seja burro, não perca tempo conquistando essa aí, se tiver afim pode pegar a força.

Eu fiquei indignado e fiz uma bobagem, enfrentei o imperador dizendo:

— Cala boca! Eu não sou que nem você seu imoral, meus pais me deram educação e ela precisa de ajuda.

Eles riram bastante, parecia que eu tinha falado um absurdo, os papéis estavam invertidos, o mal era considerado bem e o bem considerado mal. Então o imperador disse com sarcasmo:

— Vejam só, um suicida falando de moralidade!

Todos riram e ele continuou:

— me chama de bandido, mas destruiu o próprio corpo, e a família tomara que morram aos poucos de tristeza. Principalmente aquele teu pai. Quanto a essa, se você não quer, nós queremos!

Eles pegaram ela e tive a péssima ideia de bancar o herói. Eu dei um pulo e gritei:

— Solta ela!

E quando fui para defender a moça, um membro do grupo me jogou no chão e os outros vieram para cima de mim. Foi aquela surra com direito a tudo, socos, chutes, mordidas e arranhões.

Depois do quebra pau me deixaram lá jogado. Então chorei por vários motivos, estava com fome, sede, com frio, com medo e com muita raiva daquele lugar, daquele grupo e com raiva de mim mesmo, porque

infelizmente minha irmã tinha razão a respeito da imortalidade do espírito. As vezes eu acreditava e as vezes não, eu tinha dúvida a respeito do assunto, mas agora não podia mais duvidar. Aquele lugar, as palavras daquele homem, aquela pobre moça e os fios grudados no meu corpo, tudo isso era prova de que eu continuava existindo e agora que fazer? Enquanto pensava o grupo do imperador se aproximava de mim novamente, mas já não sentia mais medo, agora eu estava com raiva deles! Eu não fiz nada para levar aquela surra, só defendi aquela jovem. Enquanto pensava, o imperador me disse:

— É moleque já deu para perceber quem manda aqui né? Agora você tem duas opções: ou faz o que eu quero; ou sofre como a maioria. Se bem que a maioria sofre mais por loucura do que por desobediência, mas você pensa rápido e não perdeu a lucidez, além do mais, você conhece bem a pessoa que eu quero trazer para morar aqui e olha que já faz tempo que eu desejo isso! Quero que você convença teu pai a fazer o que você fez, não vai ser difícil, ele já está bem triste por causa de você. Ah, e parabéns pela criatividade, eu nunca vi alguém se esconder naquela árvore antes, mas não tente me enganar, eu sou mais esperto! Afinal de contas, achei você e sei tudo que acontece aqui. O nosso camarada Sufoco vai te levar para casa e não banque o esperto se não vai descobrir porque chamamos ele assim.

Fiquei indignado mais uma vez. Eu não queria fazer mal para ninguém, muito menos para o meu pai, eu já tinha feito bobagem o suficiente, então eu disse:

— Olha cara, eu não vou fazer nada contra meu pai, eu vou aprender a sair daqui sozinho. Quando vim para cá não foi você quem me trouxe tá bom? Agora eu sei porque meu pai sofreu quando era novo, era você confundindo ele, mas Deus vai proteger o meu pai do mal e eu já vou indo.

Daí virei as costas, mas eles me puxaram, e claro, levei outra surra, mas dessa vez percebi enquanto eles me batiam, sombras se movimentavam nos meus olhos acompanhando o movimento deles e quando eles foram embora, coloquei as mãos na frente do rosto e balançava para lá e para cá. Então me emocionei! “Será que estou enxergando”? Se isso for visão eu posso pelo menos me defender e talvez, ajudar meu pai. Daí chorei muito, mas dessa vez não era de tristeza, agora eu estava feliz!

Capítulo 3

Mansão Sombria

Eu continuava naquele lugar, mas agora estava como uma criança testando uma novidade, balançando as mãos para um lado e para o outro e vi que a imagem nos meus olhos acompanhava os movimentos e decidi conhecer melhor aquele lugar. Era um lugar horrível, mas era o que tinha no momento. Então comecei a caminhar e fui em direção a um som de choro e gemidos. De repente alguns deles vieram em minha direção e continuando o choro, me cercaram. E enquanto uns me abraçavam, outros simplesmente passaram a mão em mim e uma senhora gordinha me abraçando um pouco mais forte, dizia repetidamente:

— Eu também quero, também quero!

Eles ficaram ali comigo só uns minutinhos, mas quando saíram, eu estava fraco e bem tonto, mas fiz de tudo para continuar caminhando, afinal de contas, eu é que não ficaria deitado naquele chão! E estava prometendo para mim mesmo que não confiaria mais em ninguém daquele lugar. Estava ainda com esse propósito quando olhei para frente e vi uma coisa diferente, aquilo chamava minha atenção, e pensei: "aqui a gente só se lasca mesmo, então vou ver o que é aquilo ali". Fui chegando mais perto e ouvi um homem no meio daquela coisa gritando:

— Aaai! Estou queimando! Socorro!

Eu seguia aquela voz e pensei comigo: "então isso é fogo, é assim que é a luz! Como é linda! Só que agora vou tentar ajudar esse coitado, como se eu não fosse um coitado também"! Daí fui me aproximando e disse:

— Amigo, está me ouvindo?

Ele demorou um pouco, mas respondeu:

— Estou ouvindo, você também veio me perturbar e debochar de mim?

— Não vim debochar de você, eu quero te ajudar, só não sei como ainda. - Respondi enquanto ele chorava, urrava, e só sabia dizer: estou queimando, estou queimando!

Então cheguei bem pertinho dele, pois queria me aquecer e percebi que aquela chama não aquecia, então me toquei e percebi o que realmente estava acontecendo e disse:

— Cara, isso é só uma ilusão, preste atenção na minha voz e não nesse fogo falso.

E comecei a cantar: "água, muita água! Chuvas de bênçãos que desce do céu"... Também lembrei de um hino chamado "Além do rio", e quando terminei de cantar, ele estava deitado no chão e não existia mais nenhuma chama. Então me aproximei e fiz carinho na cabeça dele e perguntei:

— Como é o seu nome amigo?

— Casimiro Godói. — Ele respondeu quase dormindo.

Sinceramente eu queria ajudar aquele homem, mas para onde eu iria levar aquele cara? Nem eu mesmo sabia onde estava, nem tinha ideia de como sair dali. Daí saí caminhando e com pena deixei ele ali mesmo, enquanto continuava refletindo: "de duas ou uma, ou são sofredores ou são carrascos. Eu acho que estou no primeiro grupo, eu vim para cá porque não suportava meus problemas e agora não suporto esse lugar e ainda tenho que aguentar os problemas dos outros". Enquanto pensava, ouvi um homem me respondendo:

— Você se preocupa com eles porque quer! Essa gente é problema nosso e você já está se metendo demais e o Casimiro não é da tua conta.

Eu reconheci aquela voz, era o tal imperador e como sempre não estava sozinho, mas agora o grupo estava reduzido com apenas uma mulher e dois caras. Daí a mulher disse:

— Nossa imperador! Ele é mais gatinho de perto!

E enquanto segurava as minhas bochechas com as mãos, eu recuei.

— O que vocês querem dessa vez? Vou levar outra surra? — Perguntei indignado, afinal eu não gostava nenhum pouco daquele cara.

— Dessa vez não moleque, só vim dizer para não se meter nas nossas coisas. Esses perdidos não são da tua conta, isso é coisa nossa, além do mais, o venerado se interessou por você. Não sei o que ele vê nessa coisinha insignificante.

O imperador parou de falar, mas a mulher resolveu começar e com o tempo aprendi que quando ela começava a falar, custava a parar. Mas enfim, ela disse:

— Ai imperador, insignificante nada, ele é uma gracinha! Se bem que tem alguma coisa nos olhos não tem? Você consegue me ver gatinho, ou não? Olha pra mim, diz que você me vê, por favor! Eu estou bem aqui.

— Cala boca copinho! Não vê que o moleque é cego! Gritou ele e continuava a dizer. - Além do mais se ele conseguisse te ver, nunca mais parava de correr, então cria vergonha. Vem comigo agora e deixa esse moleque em paz.

E ela respondeu:

— Paz aqui, tá sonhando?

Ele fez que não escutou e foram embora, eu esperei eles se afastarem mais e comecei a refletir assim: "quando eu estava pensando, o imperador veio do nada e respondeu o meu pensamento, sendo que eu nem disse nada, pelo jeito não dá para pensar perto desses caras, além do mais, ele disse que estou cego e melhor que pensem assim, acho que vou atrás deles".

Eu fui seguindo o grupinho de longe até chegarem num lugar que tinha luz, sim, porque luz de fogo eu já conhecia. Tinha bastante gente lá e eu fiquei prestando atenção na conversa escondido atrás do mato.

— Vim ver o que quer o venerado. Falou o imperador.

— Pode entrar. - Disse outro homem que estava na porta daquele lugar.

E quando eles entraram, eu fui até lá, subi algumas escadas que pareciam de mármore. Naquela hora senti uma ansiedade, um medo e não tinha noção do belo e do feio. Hoje posso dizer que a mansão onde eu entrei era luxuosa, apesar de suja e pouco iluminada. Mas para quem acabava de

recuperar a visão, era demais! So que eu estava me decidindo a voltar atrás, mas o homem que estava na porta me perguntou:

— Você marcou audiência? Com quem quer falar? O que deseja?

Sorte a minha que respondi bem rápido:

— Eu vim com o imperador para falar com o venerado, só que me atrasei um pouco.

— Muito bem, pode entrar.

Não pensei que fosse tão fácil. Era só prestar atenção nas coisas e tudo dava certo, mas nem todos naquele lugar eram capazes de prestarem a atenção por falta de lucidez.

Capítulo 4

O Venerado Das Sombras

Agora eu estava dentro daquele casarão, perdido. Era tanta porta que não sabia por onde começar, daí fiquei ali parado ouvindo e vendo pessoas que se dirigiam para todos os lados e alguns conversavam. E quando comecei a caminhar, ouvi uma voz conhecida, era a voz do imperador. Então me aproximei, ficando escondido atrás de uma grande coluna, daí eu ouvi um homem que respondia o imperador dizendo:

- Você continua mantendo o título de imperador Siang? Apesar de não me agradar vou deixar as coisas assim.

O homem acabou de falar e o imperador já se justificava dizendo:

— Ó grande venerado, sabe que fui na China alguém muito importante.

O venerado interrompeu mais uma vez, dizendo:

— Sim eu sei, foi grande general, longe de ser um imperador. Pode continuar com esse apelido contanto que não esqueça que aqui quem dá as ordens sou eu e os outros venerados.

Sinceramente, gostei da bronca que o imperador ganhou daquele homem estranho que era o real governante daquele lugar e não me contive, dando uma risada mais alto do que deveria. Então o venerado disse:

— Parece que andaram te seguindo Siang.

E o imperador com medo, se justificou de novo, dizendo:

— Não sei como isso foi acontecer.

— Ah, mas eu sei! - Interrompeu o venerado dizendo e continuou. — Quando a mestra disse que o rapazinho era curioso não estava brincando, mas vou castigar meus guardas por essa falta de vigilância!

— Mas fui eu que menti dizendo que conhecia o senhor. - Respondi rapidamente.

Eu podia ter ficado calado, mas não! Tinha que falar demais.

— Então castigarei você, já que mentiu. - Respondeu o venerado.

— Amigo, eu te peço por favor que não me castigue, esse lugar já é um castigo e lá fora já levei algumas pancadas.

Todos ficamos calados por um tempo, então falou o venerado:

— Em primeiro lugar não sou seu amigo, mas não se preocupe, não vou castigá-lo porque sua vinda estava programada, mas eu mando aqui e não pense que terá acesso a todos os lugares. Você entrou aqui porque tinha que ser assim, não porque se acha esperto, tem ideia de com quem está falando?

— Não senhor. Não sei quem é, nem onde estou, só quero voltar para casa. - Respondi amedrontado.

Daí o venerado saiu de onde estava e chegando perto de mim, disse:

— Não me parece que gostava de estar em casa, caso contrário não estaria aqui, mas não pretendo falar nesse assunto. Se tiver uma crise eu não posso e nem quero ajudá-lo. Além do mais, não tenho tempo, tenho que ir ao Palácio de Fogo agora e você ficará aos cuidados da Tomásia, você já a conhece pelo pseudônimo copinho.

— Meu pai, estou lascado! Tem que ser ela? - Respondi indignado.

O venerado segurou minha mão, deu duas batidinhas e respondeu ironicamente:

— Se preferir pode ficar aos cuidados do imperador, para mim não faz diferença contanto que entenda que eu sou a verdadeira autoridade aqui no Vale!

— Pode ser ela mesma, o imperador e a turma dele já me deram aquela surra, já a copinho só irrita mesmo.

— Muito bem, então aprenda rápido a ser um de nós ou sofra lá fora com os outros. Cuide dele Tomásia, só não lhe dê importância demais, porque tem outras obrigações e não vá falhar como o imperador, que queria trazer o pai e trouxe o filho, e para mim é mais conveniente.

Daí despediu-se o venerado.

— Vem gatinho, vou mostrar onde vai ficar. – Disse a copinho me puxando pelo braço.

Mas eu preferia continuar ali, porque não sabia aonde ela queria me levar. Então travei e não saia do lugar, e ela já sem muita paciência me puxou mais forte e disse:

— Vem logo, eu não mordo! A não ser que você queira.

— Senhora sou uma pessoa de respeito! E por favor não me chame de gatinho, o meu nome é Sadraque. — Respondi um pouco bravo, eu só queria ser respeitado.

— Ai tá! Que chato você em! Eu só tava brincando e você não precisa ficar preocupado, vai ficar aqui na Mansão Vermelha e eu tenho a minha casa. Sabe, eu tive sucesso em uma coisinha que o venerado me mandou fazer e aí ganhei a casa.

— Então tá bom! Onde vai me levar? — Perguntei aliviado.

— Vou te mostrar como é que o venerado sabe de tudo que acontece aqui no Vale do Choro.

Ela me levou por alguns corredores e pediu licença para um homem que estava na porta, quer dizer, licença é maneira de falar porque na verdade ela disse: "sai daí". Mas enfim, depois da porta, subimos uma escada que tinha uns sessenta degraus, então ela abriu uma portinha e entramos em uma sala bem grande, parecia um estúdio de rádio ou de TV, porque tinha muitos televisores encostados uns nos outros. Daí passei a mão em uma cadeira que estava na frente daquele painel e perguntei:

— Quem senta aqui?

— Ah, quem senta aí é o venerado, mas ele vai demorar para chegar e também não acho que vai reclamar, afinal de contas sou eu quem limpa a sala. É só você não dizer para ninguém que esteve aqui e fica tudo certo. - Disse ela rindo bem despreocupada, enquanto apertava alguns botões e ligando os painés, disse. — Pena que não vê, mas daqui dá pra ver todo o

Vale do Choro. Em cada TV dessa você pode ver um pedaço do território que o venerado manda, escuta ai.

Escutei e vi o que passava nos televisores e ela me ensinou a mexer em uma coisa ou outra. Ficamos ali uma meia hora eu acho.

— Está com sede ou com fome? Quer alguma coisa? Perguntou ela.

— Tem comida aqui? Perguntei um pouco espantado.

— Tem sim gatinho, ah não, desculpe, Sadraque. Aqui desse lado tem coisas que você, mas quer comida ou não?

— Pode ser. — Foi o que eu respondi.

Então saímos da sala e ela me falou:

— Olha, se você quer comer tem que ir para minha casa, aqui na mansão só come quem merece, nem eu como aqui. Hoje você vai comer lá, mas se eu fracassar em alguma missão e o venerado ficar brabo comigo e não me der comida nem agua, não esqueça de mim se cair nas graças dele. Ou fica me devendo outra coisa tá?

Eu não queria ficar devendo nada para ela, por outro lado, eu estava com fome e com sede.

— Tá bom Tomásia, te ajudo mesmo que não me deva nada, só que vai ser assim: se eu ficar te devendo água, vou pagar com água, se eu dever comida, vou te pagar com comida, mais nada, tá bom?

— Ai tá! Que seja assim então! — Respondeu contrariada.

Então fomos até a casa dela, era uma casa pequena, ou melhor dizendo, uma caverna. Tinha um cheiro horrível, mas era o que tinha no momento. Daí ela me trouxe um copo com água e um prato meio engordurado com alguma coisa dentro, não sei se era sopa ou pirão, mas sinceramente eu tinha medo de perguntar, se bem que a maioria vagava por lá sem comer e sem beber, chorando e se arrastando, então eu até que estava bem.

— Ei, vai querer? Pega! — Disse ela estendendo o prato e o copo.

— Obrigado. — Respondi pegando o que ela tinha oferecido.

— Obrigado nada, você fica me devendo uma tá! — Ela respondeu, lembrando o nosso acordo.

Então bebi a água que não era da boa, parecia água salobra, mas me ajudou bastante. A comida eu não quis, não deu coragem de comer e olha que eu estava com fome! Daí deixei o prato em uma mesinha de madeira que tinha ali.

— Ué, não vai comer? Tá fazendo greve de fome só para não me pagar depois né espertinho? — Disse ela contrariada.

Então respondi:

— Olha Tomásia, não tem nada haver com o acordo e não fique ofendida com o que vou te dizer, mas não consigo comer aqui, a minha casa era bem limpinha e a minha mãe fazia comidas bem gostosas. Não quero te ofender, mas tenho nojo, a comida não vai.

Eu pensei que ela me daria uns tabefes ou jogaria o prato na minha cabeça, afinal de contas ela era igual a eles, mas ela apenas disse:

— Olha moleque enjoado, isso aqui é tudo que eu tenho e para conseguir eu tenho que fazer muitas coisas para deixar o venerado contente. Eu só tenho água para tomar e comida de vez em quando, mas não tenho água para limpar a casa e tomar banho, só quando eu tiver o cargo do imperador, aí sim vou ter água a vontade e uma casinha bacana. O que eu te dei agora era tudo que eu tinha, então fica assim, você tomou a água e eu como a comida.

Eu estava indignado, nem na Terra vi as pessoas serem tão exploradas, será que não existia um lugar melhor? Pensei. Será que o vale do choro é tudo que existe desse lado? Tomara que seja diferente, tomara que esse lugar não seja tudo que eu tenho, se não, não me resta outra escolha a não ser ter um cargo como o do imperador, ou daquele venerado, mas eu nem quero morar num lugar desses, só quero voltar para casa comer a comida da minha mãe e escutar o meu pai lendo a bíblia. Enquanto pensava a copinho me deu um chaqualhão e disse:

— Ei, ei! Sadraque! Não fica com essa carinha de choro, você tem que esquecer tudo. Aquele mundo ficou para trás, agora só te resta o Vale do Choro. Se você começar a lembrar da tua casa, do teu pai, da tua mãe e dos teus amigos, logo logo vai pensar no suicídio. Se tiver uma crise é capaz de delirar igual aos outros, daí o venerado me mata.

Mal ela terminou de falar, eu comecei a dar risadas e respondi:

— Ué, me mata, como assim? Morrer de novo?

Ela pegou em minhas mãos e disse:

— Pelo visto tem coisas que você não sabe. O venerado não pode me matar de novo, mas se eu desobedecer a ponto de irritar o homem de verdade, ele vai me torturar! Tá certo, a gente não morre, mas além da dor, caímos em um sono profundo e sozinho não se pode acordar, então é melhor obedecer! Falando nisso, vou te levar de volta para a Mansão Vermelha e quando o venerado chegar, quero que esteja lá se é que já não chegou.

— Amiga, prefiro ficar aqui, me sinto mais livre, lá é um clima pesado, me sinto oprimido. Aqui eu posso pensar, você não percebe o que eu penso, mas o imperador consegue perceber, é só eu pensar em alguma coisa e ele percebe certinho.

— As vezes eu também percebo, mas não muito bem, por isso que eu te disse que o Vale do Choro é tudo que existe. Eu vi que quer sair daqui. — Ela respondeu.

— E tem como sair daqui? Existe outros lugares? — Perguntei ansioso.

Ela me pegou pelo braço e foi me levando, ficando em silêncio o caminho todo. Eu também consegui sentir as intenções dela, ela não queria que eu fosse embora, então se eu quisesse descobrir esse mundo novo, teria que contar com outra pessoa, ela não estava disposta a me ajudar, além do mais eu sabia tão poucas coisas.

Não demorou muito para chegarmos a Mansão Vermelha, mal terminamos de subir as escadas e um homem me pegou pelo braço e disse:

— Vai para casa agora copinho, deixa ele comigo.

— O venerado já chegou? — Perguntou ela.

— Já sim. — Respondeu o homem.

Enquanto eles conversavam, pensei: “a voz desse cara eu também conheço, ele estava no grupo do imperador quando me deram aquela surra por causa da moça que cortou os pulsos”. Então resolvi perguntar:

— Ei cara, quem é você?

Só que ele não me respondeu e não era gentil. Foi me puxando pelo braço casarão a dentro e quando chegou na sala do venerado foi logo dizendo:

— O tampinha está entregue.

— Muito bem Genésio, volte para seu posto. — Respondeu o venerado.

Assim que Genésio deixou a sala o venerado se aproximou de mim e disse:

— O que andou fazendo enquanto eu não estava?

— Fui na casa da copinho. — Respondi.

— O imperador e esses malditos apelidos, detesto esse costume que ele tem de pôr apelidos naqueles que trabalham para ele. — Disse o venerado.

- Então por que permite isso? — Perguntei.

- Eu dou um pouco de liberdade aos que merecem. O imperador as vezes me decepciona, mas geralmente desempenha bem suas tarefas, as vezes até se supera, por isso permito algumas coisas e você como se sente? — Perguntou o venerado, passando a mão na minha cabeça.

Eu achava estranha essa maneira de agir do venerado, as vezes nos tratava bem, mas de uma coisa eu sabia, bom ele não era.

— Vamos me responda, como se sente? — Ele insistia.

— Olha, não posso dizer que me sinto bem, porque não é verdade, esse lugar é horrível, tem gente sofrendo lá fora, porque o senhor permite isso? — Perguntei, apesar de que na mesma hora me arrependi de ter perguntado, porque pensei que ele ficaria zangado.

— Eles não estão sofrendo sem causa, cada um tem o que merece e como sou justo, permito que tenham sua autopunição. Você não está sofrendo muito porque não merece sofrer tanto, mas deixo que sofra o que precisar. Agora preciso me retirar, mas antes vou leva-lo a suas instalações.

— Por que se importa tanto comigo? — Perguntei ao venerado.

Mas ele não me respondeu, apenas gritou:

— Genésio, Genésio! É melhor que você leve o rapaz, estou com dor de cabeça.

O tal Genésio me pegou pelo braço e me levou até o quarto e disse:

— É aí que vai ficar tampinha, aproveite a sorte que teve.

Daí ele saiu e bateu a porta. Enquanto isso eu procurava um lugar para me sentar. O lugar era espaçoso e tinha luz, acho que eram tochas, como disse, luz de fogo eu já conhecia. Então sentei em uma cama bem grande, muito semelhante a uma cama de casal que já conhecemos e depois de ter me levantado abri uma outra porta e vi que era um banheiro e pensei: precisa disso aqui nesse lado? Bom, eu sinto fomo e sede as vezes, então por que não?

Capítulo 5

No Grupo Do Imperador

No quarto que eu estava, também encontrei uma jarra com água e um prato com uma maçã meio feia, mas era bem melhor que o prato de gororoba da copinho. Daí comi a maçã e bebi um pouco daquela água, que dessa vez era boa mesmo. Então voltei a deitar na cama e cochilei um pouco, só que ouvi batidas na porta.

— Já vou abrir. — Respondi enquanto me levantava.

Eu fui até a porta e antes que eu pudesse abrir o venerado entrou por conta própria perguntando:

— Gostou das instalações?

— Gostei sim, principalmente da água, se bem que falando nisso, acho que a copinho merece mais do que eu, porque trabalha contigo a tempo eu acho. Na casa dela a água era salobra, fiquei com pena dela, o senhor não? — Perguntei.

— Se você a conhecesse tão bem, não teria pena dela. — Respondeu o venerado.

— Eu também tenho os meus defeitos, mas tenho o meu lado bom, aposto que ela também tem, e falando nisso, ela até que me tratou bem, me deu água e comida. — Respondi.

— Aposto que te pediu algo em troca, estou errado? Se eu estiver errado, deixo que me corrija, pelo menos hoje, mas só hoje, tá bem?

Infelizmente ele estava com a razão, daí estendeu a mão e disse:

— Venha, você já descansou o suficiente.

— Eu posso ficar aqui só mais uns minutinhos? — Eu pedi.

— Vou te dar essa liberdade, mas não demore!

E depois de ter dito isso o venerado saiu do quarto, enquanto fechei a porta e fui até a cama, ficando de joelhos e juntando as mãos e fiz uma

oração assim: “ó Deus, não sei mais o que pensar, continuo existindo nesse lugar e não sei se olha ou não para esse lugar, mas se tiver me ouvindo, ou melhor dizendo, se quiser me dar atenção, porque eu sei que vê todos os lugares. Peço perdão e se existe um lugar melhor do que esse, peço que me tire daqui, também peço pelo meu pai, pela minha mãe e pela minha irmã. Me disseram que ela está sendo maltratada, não sei se é verdade, mas cuida dela e do meu filho e se possível me tire daqui”.

Eu estava me levantando e assim que fiquei de pé, escutei os gritos do venerado que dizia:

— Genésio, Siang, venham aqui agora mesmo!

Eles abriram a porta do meu quarto e o venerado me perguntou bem irritado:

— O que você está fazendo aqui dentro? Pode me explicar? Por causa da sua invocação ao alto eu senti um abalo, um aperto no peito, eu espero que você não tenha o costume dos habitantes de cima, eu não tolero isso! Siang você tem um curto prazo para torná-lo um de nós, ou caso contrário, sofrerão os dois o sono profundo. Ah, mais uma coisa, vá chamar a Tomásia imediatamente e levem o rapazinho para fora daqui.

Então o imperador me pegou pelo braço e me levou para fora e disse:

— Tomara mesmo que você decepcione venerado, aí te dou o que merece.

— Se eu cair você também cai, foi isso que disse o venerado, tá bom? — Respondi.

Não demorou muito e a copinho já estava lá. O imperador repassou a ela as ordens do venerado, ela me puxou para um canto e perguntou:

— O que é que você fez agora?

— Nada de mais, eu só estava orando no meu quarto, aí do nada o venerado ficou irritado e agora eu não sei o que vai ser de mim. — Respondi amedrontado.

— Você ficou louco? O venerado detesta essa coisa de religião, ainda mais na Mansão Vermelha, o que deu em você? — Falou me dando o maior sermão.

— Eu não sabia que era proibido, só abri o meu coração para Deus, isso não é errado. — Eu disse.

— Fica quieto por favor, não fale mais nada, senão você encrenca nós dois. Agora você vai fazer parte do grupo do imperador junto comigo. — Disse ela me interrompendo.

— Vamos cordinha chega de conversa fiada. — Disse o imperador ironicamente.

— Cordinha? Que papo é esse? — Perguntei tentando entender.

— Você trabalha comigo agora, então te chamo como eu quiser. — Disse o imperador.

Todos riram, devia ter umas vinte pessoas com ele e todas falavam debochando, “cordinha! Cordinha! Cordinha!”. Daí fechei a cara e fiquei irritado, aquele apelido era ridículo e o venerado tinha razão de detestar aquele costume do imperador.

— Vamos cordinha! Você e a copinho vão lá para trás do grupo. — Falou ele.

Nós obedecemos, então perguntei a copinho:

— Por que o imperador te chama de copinho?

— Porque eu tomei veneno depois que o meu marido me traiu e deu nossos bens para a amante dele, me abandonando na miséria! — Respondeu ela falando com raiva.

— Me perdoe o comentário, mas pelo jeito você não é muito certinha quando o assunto é paixão, essas coisas né?

— É, você tem razão, mas eu só ficava na vontade enquanto ele aprontava mesmo. — Disse ela.

Sorte a minha que ela não me deu uns tapas pelo comentário.

— Chega de conversa aí atrás, chegou gente nova no Vale, vamos ver como o cordinha se sai atormentando esses novos perdidos. — Disse o imperador.

Daí fomos até ao local onde estavam alguns novatos e o imperador disse para um senhor:

— Vejam só como chora o suicida.

E enquanto Siang o provocava, o restante do grupo cercava o homem que parecia ter dado um tiro na própria cabeça. Fiquei com pena dele, mas não podia fazer nada. Daí um membro do grupo disse:

— Valeu a pena dar um tiro na cabeça por aquela uma? Enquanto você está aqui, ela está lá com outro, ele vai morar na sua casa e vão gastar o seu dinheiro.

Enquanto outro gritava:

— Suicida! Suicida!

O imperador não perdeu tempo e me disse:

— Vamos ver se você é um de cima, ou um de nós.

E então todos me animavam, gritando:

— Vai cordinha, mostra pra ele quem manda aqui!

Enquanto outro dizia:

— Dá uns tabefes nele!

E assim cada um ia sugerindo um ato de violência para que eu praticasse, mas fiquei com pena daquele homem, eu queria ajuda-lo, mas não podia. Eu cheguei lá no vale nas mesmas condições e não iria bater nele. Daí saí correndo muito rápido e depois de ter subido em uma árvore, chorei muito! Eu dizia, ou melhor dizendo, gritava: “Deus! Eu não aguento mais esse lugar! Eu quero sair daqui, quero ir pra casa. Pai! Mãe” me tirem daqui”!

E enquanto eu gritava, comecei a ouvir o som de vozes chorando dentro e fora de mim. Eu ouvia todos os que me amavam chorando ao

mesmo tempo, escutava meu pai, minha mãe, minha esposa e minha irmã. Aquele choro aumentava cada vez mais, daí comecei a sentir uma dor no pescoço e uma tontura... Então caí da árvore enquanto tudo formigava no meu corpo. Daí começou a chover, eu não sabia dizer se essa chuva era real ou uma ilusão, como aquele fogo que torturava o Casemiro. Aquela chuva aumentava e o choro dos meus entes queridos também. Era chuva e choro, e assim eu sofria meus tormentos que se repetiam de vez em quando.

Capítulo 6

Uma Tábua De Salvação

Enquanto sofria, Deus ouviu a prece que fiz em uma colônia longe dali, porque a Ministra do Auxílio Crisânia Velardi estava encerrando seus trabalhos, quando chegou na sala o irmão Cornélio, ela muito simpática saudou dizendo:

— Seja bem-vindo irmão Cornélio, faz um tempo que não nos vemos, pelo seu semblante o assunto é sério, do que se trata?

— Tenho amigos na Terra que estão passando por um momento difícil, seu filho mais velho suicidou-se e agora a família sofre, e com certeza ele está sofrendo também. — Respondeu Cornélio.

Daí Crisânia foi até a uma estante pegando um livro e mostrando a Cornélio, disse:

— Veja, esse rapaz é o suicida mais recente que registramos em nossos arquivos, se trata dele? É o jovem Sadraque, não é mesmo? É esse o retrato dele?

— Sim. — Disse Cornélio, sorrindo muito.

Daó ela o tranquilizou dizendo:

— O rapazinho é especial, está sofrendo sim, mas se preocupou com os outros na Zona Umbralina. É como disse Jesus: “bem aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia”. Vamos fazer valer a máxima do Cristo, chame o irmão Valmir que também é conhecido do Sadraque. Enquanto isso vamos organizar uma expedição de salvamento.

Cornélio então tranquilizado, respondeu:

— Agradeço muito Crisânia, não quero ver meus amigos sofrendo, minha família está bem, mas meus amigos não. Mas me diga, como pretende ajudar o Sadraque?

Então Crisânia conduziu Cornélio até a um hospital da colônia e quando chegaram em um dos quartos, disse apontando:

— Esta enfermeira dedicada foi uma ex-venerada e o povo do Umbral, especialmente do Vale do Choro, não sabem a razão do desaparecimento dela. Vamos ver se ela pode nos ajudar.

Então Cornélio e Crisânia se aproximaram de Miranda, a antiga venerada. Cornélio saudou a enfermeira e perguntou a Crisânia:

— Ex-venerada? Como assim? O que são os venerados?

— São sacerdotes das sombras. — Miranda respondeu, interrompendo o diálogo dos dois e continuou dizendo. — Eu residia no Vale do Choro, na Mansão Agulha de Prata e tinha uma alta posição, era uma sacerdotisa das sombras, cheguei lá como uma simples ladra, mas fui ganhando a confiança dos venerados. Depois de vinte anos naquele vale horrível me tornei venerada, mas minha suposta felicidade não durou muito, comecei a me sentir sozinha, eu achava que me tornando venerada seria feliz, humilhando os que me humilhavam, mas sentia necessidade de ser amada e todos os que se aproximavam de mim, ou tinham medo, ou queriam alguma coisa.

"Então saí dos limites do Vale do Choro e vi Samaritanos resgatando sofredores, me aproximei do grupo de Samaritanos e um dos lanceiros pediu para que eu me afastasse, mas o líder dos Samaritanos, o irmão Luiz Augusto percebeu que eu estava sendo sincera. Ele perguntou por que eu estava ali, e eu respondi com outra pergunta. Perguntei porque eles estavam salvando aqueles perdidos. Luiz Augusto me respondeu que o amor de Jesus alcançava a todos e eu perguntei se também me alcançava aquele amor, Luiz Augusto me disse que sim. Então abandonei o vale do choro e vim para cá com os Samaritanos, foi a melhor decisão em toda minha existência, hoje sou uma simples enfermeira, mas meus pacientes me amam e sou feliz aqui".

Então Cornélio perguntou se Miranda poderia ajudá-lo a me resgatar. Ela ficou receosa, não queria voltar ao Vale do Choro, mas Crisânia garantiu a ela proteção, ela só tinha que fingir que ainda era venerada no Vale do Choro, pois não sabiam a causa do seu desaparecimento. No Vale do Choro pensavam que ela estava procurando novos espaços para dominar e ampliar o vale. Então em poucos dias, organizaram a expedição que mudaria minha vida.

Enquanto isso no Vale do Choro eu estava caído no chão, já não chovia, mas eu não podia me mover, meu pescoço doía e tinha muita falta de ar, era agoniante, eu conseguia ver e ouvir, percebendo tudo em volta de mim, só não conseguia sair dali e olha que era tudo que eu queria. De repente ouvi passos e pensei: "quem será agora"? E claro era a copinho, quando me viu, ficou desesperada, não sei se gostava de mim, ou se tinha medo das consequências, por terem deixado que eu entrasse em crise, se bem que não era culpa dela, a culpa era minha. Enfim, ela me chaqualhava um pouco e dizia:

— Sadraque, Sadraque, pode me ouvir? Diz que sim, levanta por favor. Ai Sadraque, não faz isso comigo.

Vendo que não podia me mover ela saiu correndo e me deixou ali, talvez ela gostasse de mim, mas não queria encrenca. De repente escutei um trote de cavalo e um rugido de leão, daí pensei: "ué, estou delirando de novo"? Mas não, a fera era bem real e quem estava montado nela? O venerado claro. E ele deixou o animal e veio até mim e disse:

— Sadraque, levante. O que está fazendo aí? Vamos, eu estou mandando, levante!

Eu queria responder, mas só conseguia ouvir e não podia fazer nada. Então ele percebeu o que estava acontecendo e gritou:

— Malditos incompetentes! Deixaram o moleque desse jeito, era só distrair o rapazinho, será que nem isso conseguem fazer?

Então ele pegou um apito que carregava com ele sempre e apitou duas vezes, logo o grupo do imperador estava lá. Então ele tomou satisfações de todos, queria saber quem era o responsável por eu estar naquelas condições. Daí o imperador respondeu:

— Não tenho culpa se o moleque é um de cima, nós tentamos mostrar a ele como ser um de nós, mas ele não aprende, tem pena dos perdidos, é um moleque de colônia.

Mas o venerado interrompeu dizendo:

— Não fale desses lugares, ele pode estar ouvindo, seja cauteloso.

E eu estava ouvindo mesmo e pensei: “que negócio é esse de colônia? Será que é melhor que o Vale do Choro? Se for eu quero estar lá ou em casa”.

E o imperador querendo contentar o venerado, perguntou:

— O que vamos fazer a respeito do moleque?

Mas o venerado bem contrariado respondeu:

— Que vamos coisa nenhuma, eu cuido disso sozinho, você e a Tomásia são dois incompetentes. Agora vou levá-lo para a Mansão Vermelha, como se eu já não tivesse o que fazer.

O imperador então perguntou:

— Quer que eu leve ele para o Senhor? Grande venerado.

O venerado olhou para ele e respondeu:

— Está maluco Siang, você detesta esse menino.

— E você ama ele senhor? — Respondeu o imperador.

O venerado ficou bem irritado e disse com firmeza:

— Se falar uma frase dessas de novo, mando te torturar. Ou melhor, faço isso pessoalmente.

Então o venerado me pegou no colo e me pôs em cima da besta fera que era sua montaria e fomos até a Mansão Vermelha. Ao chegarmos ele disse ao porteiro Genésio:

— Leve o rapazinho as minhas instalações e com cuidado.

Genésio estranhou e perguntou:

— Desde quando cuida do tampinha? Nenhum desses perdidos te interessa.

Então venerado interrompeu dizendo:

— E os meus assuntos não te interessam, leve o rapaz as minhas instalações e pronto.

E Genésio contrariado obedeceu. Aquele casarão me sufocava, agora eu preferiria estar lá fora no chão do que na Mansão Vermelha e o pior foi quando o venerado decidiu me pegar no colo tentando ajudar, se bem que eu me perguntava: “será que ele queria ajudar mesmo”? Enfim, só sei que me sentia ainda pior no quarto daquele homem, porque meu pescoço doía mais do que antes e a dor de cabeça veio junto e por um tempo fiquei sem poder ver. Agora eu estava na Mansão Vermelha e cego outra vez. Só escutava e além de cego estava incapacitado de me mover. Hoje sei que se não saísse daquela crise meu quadro ficaria pior e tenho noção de que poderia ter me tornado um ovóidi se tivesse ficado naquela situação por muito tempo.

Capítulo 7

O Resgate

Eu continuava deitado no quarto do venerado, mas de repente Tomásia foi até onde eu estava e ficou me olhando por algum tempo, então o venerado chegou e disse a ela:

— O que está fazendo aqui? Não é dia de limpar o meu quarto.

— Eu sei. — Disse ela e continuou. — Vim por causa do Sadraque, nós não podemos ajudar o menino.

— Disso eu sei. — Disse o venerado.

— Só os de cima podem ajudar o Sadraque. — Replicou Tomásia.

O venerado ficou irritado e gritou:

— Fora daqui sua incompetente! Você poderia ter evitado essa crise, mas nem para distrair o moleque você serve.

— Eu vou. — Disse Tomásia.

Ela foi caminhando e chegou até a porta do quarto, antes de sair ela se virou para o venerado e disse:

— Se ele continuar assim vai atrofiar.

— Então que seja. — Disse o venerado, e continuou dizendo. — Prefiro que esteja assim, vai me servir de qualquer forma, nem que seja como mobilha.

— E se ele sarar? — Perguntou Tomásia.

— Se ele sarar, vamos bestializá-lo, eu e os outros venerados. Quero ver se vai ter coragem de sair daqui com a aparência de uma fera horrível.

— Era só isso? — Perguntou Tomásia.

— Não. — Disse o venerado.

Então ele pegou Tomásia pelo braço e disse grosseiramente:

— Fique ajoelhada infeliz, a quem você deve obedecer?

Ela se ajoelhou e disse contrariada:

— Somente ao senhor soberano venerado.

Então ele deu uma bofetada no rosto de Tomásia e disse:

— Agora sim, pode sair daqui, perdida infeliz.

Daí Tomásia saiu correndo, eu a ouvi chorando alto. Tá certo, ela era irritante e não tinha uma moral daquelas que faz inveja na gente, mas não era tão má e no Vale do Choro ela foi a única que me tratou razoavelmente bem, mas sei que o venerado poderia ter feito coisa pior, então um tapa não era grande coisa. O pior de tudo é que ele se aproximou de mim, daí me senti ainda mais sufocado, ele tinha um clima, uma energia horrível, então comecei a sentir um calor. Tudo que eu queria naquele momento era que ele se afastasse e minha dor de cabeça também aumentou com a aproximação dele. Provavelmente eu estava vermelho e estava suando também, mas graças a Deus uma mulher o chamou. Ele saiu, fechou a porta e eu me senti um pouco melhor.

Enquanto isso na colônia Jardim Érida, a expedição de salvamento estava sendo preparada, a ex venerada Miranda estava preparando Isabel, porque as duas desceriam ao Vale do Choro se fazendo passar por veneradas e Isabel precisava se comportar de acordo. A intenção delas era me tirar daquela crise, então Miranda disse a Isabel:

— Querida, amanhã vamos ao Vale do Choro, estou um pouco agitada, não gostaria de ir, mas sei que o jovenzinho precisa de ajuda e sei que é uma excelente lanceira, só que este teu jeitinho de colônia vai nos denunciar. Então, quando estiver no Vale do Choro, vão pensar que é venerada, se te elogiarem não agradeça, olhe com aquela carinha de tanto faz, você sabe né?

— Sei sim. — Replicou Isabel.

— Ah, mais uma coisinha. — Miranda continuou a dizer. — Essa roupa cor de rosa não ajuda, então vou plasmar algo mais adequado para aquelas regiões mais inferiores.

Então Miranda plasmou para ela um vestido longo e decotado, de cor alaranjada e algumas joias, e continuou a dizer:

— Vista isso amanhã e vai parecer uma legítima venerada.

Isabel olhou espantada e respondeu:

— Só se for vestida assim fora da colônia, não quero que os irmãos nos vejam assim.

— Tá certo! — Respondeu Miranda e continuou. — Leve o traje com você e nos aprontaremos no Vale do Choro.

E assim foi. No dia seguinte as duas foram até as Zonas Umbralinas e se aprontaram como combinou Miranda. Isabel estava muito diferente, os irmãos nem a reconheceriam, mas estava sem jeito, tímida. Miranda então sorriu e disse:

— Fique tranquila, os venerados se vestem assim mesmo, aqui é normal, não está mais extravagante do que os outros.

E foram caminhando, enquanto lanceiros foram com elas a pretexto de serem seus servos. E quando chegaram em frente a Mansão Vermelha, causaram um grande alvoroço, pois todos no Vale do Choro comentavam. Enquanto os porteiros da Mansão Vermelha foram correndo dizer ao venerado que Miranda estava de volta. Ele não acreditava e querendo ver com os próprios olhos, foi até a porta da Mansão Vermelha e quando pôs os olhos em Miranda e Isabel, ficou admirado com o tanto de servos que as cercavam, então disse:

— Quanto tempo Miranda, por que sumiu assim? Muitos venerados estão comentando que foi atrás de novos espaços para o Vale do Choro e você confirma essa história?

Miranda então respondeu:

— Pelo que me lembro, estou acima de você na ordem dos venerados e não devo muitas satisfações, mas como vim visitar a Mansão Vermelha, vim porque quero falar de você e não de mim. Além do mais, quero ver as melhorias que andou fazendo como um dos governantes do Vale do Choro.

Mas o venerado ficou olhando para Isabel e disse a Miranda:

— Nunca tinha ouvido falar nesta venerada, de onde ela é?

Miranda ouviu altivamente e respondeu:

— Ela está comigo, é o que importa e é muito competente, se não fosse assim não estaria ao meu lado.

E o venerado interrompeu dizendo:

— Competente e muito bonita, gostaria de demonstrar a ela as melhorias que fiz na Mansão Vermelha.

Mas Miranda vendo que Isabel estava um pouco acanhada, para não despertar suspeitas foi logo dizendo:

— Vamos logo, quero ver a mansão, Isabel vem também se for do seu agrado, mas ela deve satisfações à mim.

— E não é venerada? — Perguntou o venerado, e continuou dizendo. — Se é uma venerada, tem a mesma autoridade que você Miranda.

— Eu sei. — Respondeu Isabel e continuou dizendo. — Temos a mesma autoridade, mas confio em Miranda.

— Ela parece um pouco submissa. — Disse o venerado.

— Quer nos mostrar a mansão ou não? — Perguntou Miranda.

— Claro que sim, agora mesmo. — Disse o venerado lançando olhares a Isabel.

Então eles entraram casarão adentro e os servos do venerado mostraram a elas todas as instalações e quando chegaram perto dos aposentos do venerado, Miranda comentou:

— Também podemos ver os seus aposentos, ou tem algum segredo aí?

Daí o venerado respondeu:

— Deseja conhecer todos os lugares Isabel?

— Sim eu quero. — Respondeu.

— Então vamos. — Respondeu o venerado abrindo a porta.

Quando entraram no quarto dele, Miranda olhou e lá estava eu em cima da cama do venerado e ela comentou:

— Um sofredor aqui? Não combina com a decoração, além do mais não fez melhorias significativas na Mansão Vermelha. Está quase do mesmo jeito, está caindo na onda do conformismo Wagner.

Daí o venerado saiu contrariado e disse de longe:

— Fiquem à vontade, vou até a sala de monitoramento.

As duas esperaram que ele se afastasse mais e quando fecharam a porta se aproximaram de mim, então Miranda disse:

— Querido, está me ouvindo? Se estiver, aperte minha mão.

Eu não tinha muita força, mas consegui apertar um pouquinho. Então Isabel me falou carinhosamente:

— Vamos orar por você, temos certeza que vai sair dessa crise.

E enquanto as duas oravam, senti um alívio, já não estava suando, nem com dor de cabeça, sentia também cair uma chuva de luz em mim. Então Miranda disse:

— Isabel, você agradou o Wagner, não se preocupe, ele vai te respeitar porque pensa que é uma das veneradas. Então não seja tão tímida, finja ser um pouco mais orgulhosa e vá distraí-lo enquanto eu aplico passes curativos no jovenzinho. Se alguém nos interromper tudo será em vão e preferimos que os lanceiros não precisem agir.

Daí Isabel ficou vermelha e disse:

— Tem que ser eu?

— Sabe aplicar passes curativos? — Perguntou Miranda.

— Não sei, sou especializada em reabilitar suicidas. — Disse Isabel.

— Então não tem outra escolha. — Afirmou Miranda.

Então Isabel saiu apressada do quarto, a procura do venerado, enquanto Miranda aplicava passes em mim. O resultado estava sendo maravilhoso, não estava mais me sentindo mal, sentia um frescor que saía das mãos dela e acredite, comecei a perceber as luzes outra vez, conseguindo ver as tochas no quarto e disse com dificuldade:

— Muito obrigado.

Capítulo 8

Uma Tarefa Difícil

Miranda estava comigo no quarto do venerado, enquanto isso Isabel precisava distraí-lo até que pudessem sair do vale. Infelizmente elas não poderiam me levar naquele momento, pois vieram apenas para me tirar da crise e então me resgatarem mais tarde. Daí Miranda me disse:

— Vou ver com alguém daqui se consigo ajuda para tirar você do Vale do Choro. Vou fazer amizade com alguma mulher sofredora, elas se deixam levar por qualquer presentinho. Confie meu jovem, daqui uns dias retornaremos e você deve estar na saída do vale. Agora eu vou.

E Miranda saiu da sala para fazer o que havia dito. Enquanto isso Isabel caminhava pela Mansão Vermelha a procura de Wagner, ela não tinha ideia de para onde ir, até que se lembrou da sala de monitoramento, mas não ficou perdida por muito tempo, porque o venerado a encontrou, perguntando:

— Onde está Miranda? Por que deixou você aqui sozinha? Deve estar se sentindo deslocada.

Então Isabel respondeu:

— Não estou deslocada e Miranda não me deixou sozinha, eu informei que me afastaria dela para procurá-lo. E nesse momento desejo ir lá fora conhecer o restante do Vale do Choro, eu gostaria que você me levasse.

Daí ele ficou contente e disse:

— Então vamos agora mesmo, temos coisas para ver no Vale do Choro.

— Não acredito que sejam muito interessantes. — Respondeu Isabel.

Então eles caminharam pelo Vale do Choro, enquanto Isabel lutava para fingir que não se importava com todos aqueles sofredores, ela estava

se segurando para não chorar. Só que ele percebeu alguma coisa errada nela e perguntou:

— O que está acontecendo Isabel? Tem os olhos vermelhos e olha que são lindos, porque estão assim?

— Tenho raiva de algumas situações. — Respondeu ela.

— De quais? — Ele replicou perguntando.

Então ela olhou bem séria para ele e disse:

— Prefiro não responder, tem algo melhor para me mostrar além desses sofredores se arrastando?

Então sentindo-se decepcionado por não impressionar, teve a ideia de mostrar a ela os sofredores que tiveram um azar de serem magnetizados a ponto de se tornarem quimeras e posso dizer que a sorte de Isabel foi que Wagner confiou nela a ponto de não ler seus arquivos mentais, caso contrário as coisas não terminariam bem. Enfim, ele disse:

— Vou te mostrar a minha montaria, vai se surpreender com a fera que criamos, eu e os outros venerados magnetizamos um incompetente que matou a esposa, Teobaldo era o nome dele e agora é a minha quimera.

Então Isabel respondeu:

— Ora me poupe, já vi muitos desses seres antes, mas se é o que tem para me mostrar, então vamos.

Ele ficou um tanto frustrado, mas foi com ela até onde Teobaldo estava.

Enquanto isso nas instalações do venerado eu estava me sentindo bem, tentei levantar e consegui e adivinhem só, dei pulos de alegria e disse:

— Agora sim, estou bom de novo! Só alegria, eu acho...

E esfregando as mãos que é o meu hábito de sempre quando estou alegre, pensei: "quem são essas mulheres que me ajudaram? Será que o venerado sabe que elas são boas assim, será que existe o bem nesse lugar, ou elas vieram de outro lugar? Se vieram de outro lugar é pra lá que eu vou".

Enquanto isso, adivinhem só, Miranda estava subornando uma mulher para nos ajudar. Infelizmente elas não podiam me tirar daquele lugar naquele momento, se não ficaria evidente demais e os lanceiros teriam que agir justamente no meio do vale, seria uma batalha daquelas, porque estávamos bem nos domínios do venerado e a vantagem seria dele. Mas como eu estava dizendo, Miranda estava recrutando ajuda e tinha que ser a copinho. Mas enfim, Miranda se aproximou dela e disse:

— Você parece bem lúcida, é tudo que eu preciso para meus planos, você é inteligente e até bonita, basta que se cuide mais. Gostaria de te dar alguns presentes, mas é claro, você precisa me ajudar. Gostaria de ser reconhecida e respeitada?

— Claro que gostaria, o venerado nunca reconhece os meus esforços, hoje mesmo ele me bateu e olha que eu faço tudo que ele manda, quase nada agrada a ele. — Disse Tomásia chorando de raiva.

Então Miranda tirou um dos anéis e disse a Tomásia:

— Pegue, essa é a primeira parte do nosso acordo.

Tomásia pegou o presente rapidamente e disse:

— A senhora sim que é uma boa venerada, me paga antes do favor feito e olha que nem me disse o que tenho que fazer e já confia em mim. Me peça tudo que a senhora quiser e eu vou fazer contente, principalmente se for pra puxar o tapete daquele venerado.

Daí Miranda chegou perto dela e disse:

— Não é bem isso que quero de você, sabe o rapazinho que está no quarto do venerado, quero que me ajude com ele.

— Ai Deus. — Ela interrompeu dizendo e continuou. — Sempre que tenho que fazer alguma coisa que tenha a ver com o Sadraque não dá certo. O que ele tem que os venerados se interessam por ele? Eu queria ter esse mel.

— Chega de conversa. — Interrompeu Miranda e continuou. — Vai fazer o que estou te pedindo ou não?

— Vou sim, claro. — Disse Tomásia.

Ela olhou para o anel e continuou:

— Eu não quero perder o presente que acabou de me dar e quero trabalhar sempre com a senhora, vou ser uma serva fiel, mas quero ser respeitada como aquele grosso do imperador.

Então Miranda pegou nas mãos de Tomásia e disse:

— Se me ajudar vai ser mais que respeitada, gostaria de ser amada Tomásia? De ser tratada como uma filha, ou como uma irmã? Gostaria de ter roupas limpas e um lugar decente para viver e ter muitos amigos, amigos fiéis que não pedem nada em troca?

— Não sei se isso existe, só os de cima pensam assim, mas se for verdade, também vou ter um namorado? — Perguntou Tomásia.

— Isso eu não posso prometer. — Respondeu Miranda.

Então as duas combinaram qual seria o plano. Tomásia teria que me deixar fora do Vale do Choro ou, pelo menos, próximo a saída, justo no momento que os Samaritanos retornariam. E no dia marcado Isabel e os membros da segunda expedição que seria formada salvariam à mim e a outros sofredores, inclusive Tomásia. Daí ela, espantada, disse:

— Então a senhora não foi procurar novas terras para expandir seus domínios, mas se tornou uma de cima! Se o venerado descobre vai esfolar a senhora.

Só que Miranda segura de si, interrompeu dizendo:

— Não vai descobrir se você não contar.

— E se ele perguntar do anel, o que vou dizer? — Disse Tomásia.

— Ora, diga que foi um presente meu e pronto. Wagner está bem acostumado com o meu costume de atirar uma joia ou outra para as infelizes disputarem. — Respondeu Miranda.

Mas Tomásia não se sentiu segura com a situação, escondendo o presente. Enquanto as duas conversavam, eu saía de mansinho do quarto do venerado e escutei um rugido parecido com o de leão quando já estava lá fora da Mansão Vermelha.

— O que está fazendo aqui fora? Agora pouco estava sofrendo nas minhas instalações e olha que já faz uns dias, como conseguiu se recuperar? — Perguntou o venerado.

Eu ia responder, mas Isabel me interrompeu dizendo:

— Não é necessário que responda, eu não quero encher meus ouvidos com histórias de milagres agora.

— Você ouviu a bela dama Sadraque, vai me contar essa história direitinho depois. Agora suma daqui, não quero você lá dentro da Mansão Vermelha. — Disse o venerado.

Sinceramente eu tinha muitas perguntas a fazer, primeiro de onde vinha aquele rugido de leão? E quem eram aquelas mulheres que acabaram sendo as minhas salvadoras? Uma delas estava ao lado de Wagner, mas não deixou que eu falasse e a outra onde estava? Eu queria conversar com elas, fiquei confuso, primeiro ela me ajudou, mas agora não desejava me ouvir, ela poderia ter ganhado todo mérito pela minha cura. Mas enfim, eu estava andando pelo vale quando encontrei Miranda, a outra mulher, daí ela olhou para os lados para ver se ninguém olhava e me abraçou dizendo:

— Querido, que bom que já está melhor, mas escute, você não pode contar a ninguém que fomos nós que te ajudamos, o venerado pensa que somos veneradas, mas nós moramos longe daqui, longe desse sofrimento, moramos em um lugar harmonioso e belo, mas não conte a ninguém. Moro em uma cidade chamada Jardim Érida, é uma colônia.

Daí eu não me contive, me ajoelhei e implorei:

— Por favor me tire daqui, Deus ouviu minha oração, existe um lugar melhor, parecendo a Terra, tem lugares bons e ruins.

Então Miranda me levantou do chão e disse:

— Vamos te tirar daqui, mas não pode ser agora, confia em mim querido, por favor. Se não, não vai dar certo nosso plano, já combinei com Tomásia e você vai sair daqui.

Eu estava acreditando nela, mas quando meteu a copinho no meio da história perdi a esperança, então falei:

— Senhora, se vai me tirar daqui tem que ser agora, se eu depender da copinho eu tô lascado.

Daí comecei a chorar e abraçando aquela mulher, disse:

— Por favor, é sério, me tire daqui.

Eu ainda estava abraçado com ela quando chegou o venerado, só que ela me empurrou e disse:

— Sai coisinha, credo.

Na hora fiquei confuso, mas logo me lembrei que ela estava fingindo ser uma venerada. Então saí correndo dali, enquanto o venerado querendo agradar Miranda, disse:

— Quer que eu castigue o rapaz pela insolência venerada Miranda?

E ela respondeu:

— Ora, não é necessário, temos coisas mais importantes para fazer. Isabel e eu já vamos, por falar nela, onde está?

— Não sei. — Respondeu o venerado e continuou. — Ela estava comigo, mas assim que viu Sadraque me deixou sozinho e agora por coincidência vejo ele incomodando você também, acho que dei confiança demais a esse rapazinho.

E assim terminou o comentário do venerado e Miranda tentando desviar o assunto perguntou:

— Como vão os planos para manter a crosta sob o domínio dos venerados?

Ele ficou orgulhoso, encheu o peito e disse:

— Tudo anda bem, a mídia continua sensual e pessimista, as famílias estão cada vez mais afastadas, distraímos os menores que ficam deslumbrados com as drogas e os mais velhos você já sabe, trabalham até ficarem esgotados atrás de dinheiro, para comprarem o que nós indicamos que é importante. Do que depender de nós a regeneração não chegará, nosso império será eterno.

Então Miranda respondeu:

— Muito bem então, vou procurar Isabel e vamos para casa.

— Vai voltar para Mansão Agulha de Prata? — Perguntou o venerado.

Mas ela respondeu:

— É claro que não, deixo essa mansão para as outras veneradas, eu habito um lugar muito melhor e de lá não quero sair jamais, adeus.

Aí ele disse:

— Um dia quero conhecer a sua residência.

Então ela respondeu:

— Quem sabe um dia, mas vai levar muitos séculos.

Então Miranda finalmente encontrou Isabel na sala de monitoramento do venerado e disse:

— Tudo certo, já podemos ir.

— Já era hora. — Respondeu Isabel e continuou. — O venerado fica me galanteando e pior, tenta me impressionar com as atrocidades que faz aqui.

— Wagner é assim mesmo. — Disse Miranda e continuou. — Você sabe que pela lei do progresso um dia ele se tornará um anjo.

E riu. Então todos saíram da Mansão Vermelha e conseguiram voltar em segurança a colônia Jardim Érida.

Capítulo 9

Um Lugar Proibido

As operárias do bem já tinham deixado o Vale do Choro, agora eu estava perdido, graças à Deus o venerado não me queria mais na Mansão Vermelha, mas por outro lado o que seria de mim, o que aconteceria comigo agora? Enquanto eu pensava, a copinho se aproximou e disse:

— Olha Sadraque, o venerado tá no quarto dele, com a dor de cabeça de sempre, e com o humor de sempre! Ele vai ficar um bom tempo sem pensar em você, então vamos dar uma voltinha?

— Pra onde? — Perguntei.

— Lá pra Terra, vou te levar um pouquinho mais pra cima, tenho um servicinho pra fazer lá, é coisa pessoal sabe. Então vamos ou não?

Então respondi:

— Pode ser, eu não sei o que vai acontecer se eu ficar aqui.

Daí Tomásia me pegou pela mão e foi me levando, e quando chegamos fora do vale, ela me disse:

— Olha Sadraque, segura bem a minha mão porque a gente vai voando.

E eu espantado, perguntei:

— Você sabe fazer essas coisas?

Então ela riu e me respondeu:

— Ai claro, eu vou e atravesso as paredes das casas e me divirto com a turma da crosta, é muito raro, mas quando alguém me vê se assusta, não sei porquê!

Eu dei uma risada e respondi:

- Ah, mas eu sei!

Daí a copinho me deu uns tapas, mas era só brincadeira. Então segurei a mão dela e voamos, é claro que eu estava com medo, mesmo assim ela ia bem rápido e nós estávamos flutuando por cima de uma BR, eu sabia por causa do vai e vem dos carros que passavam e já estava de noite quando chegamos na crosta. Então as luzes dos carros me impressionaram e eu fiz uma bobagem e falei o que não devia:

— Que lindas essas luzes!

— Então você enxerga danadinho. — Disse a copinho e continuou. — Por que não me contou antes? Mentir é muito feio, sabia?

Então eu pensei comigo: "eu e a minha tolice, podia ter ficado quieto né, mas não" e agora já sem saída, respondi:

— Eu só não falei porque fiquei com medo, porque você sabe, são muitas coisas acontecendo nesse momento. Além do mais, na verdade eu estava escondendo o retorno da minha visão do venerado e do imperador, só que você fala demais e olha que foi um sacrifício fingir que não enxergava, você assusta um pouquinho, sabia!

Aí ela disse:

— Chega de piada, senão solto a tua mão.

E eu respondi:

— Idaí, eu não morro mesmo.

Mas ela me interrompeu dizendo:

— Ai tá! Agora chega de piada porque já chegamos no nosso destino e você vai ficar lá no barzinho enquanto faço o meu servicinho.

Perguntei a ela que serviço era esse e ela me disse que estava convencendo a dona do lugar a se suicidar, daí fiquei indignado e disse a ela:

— Ah! Por isso que o imperador falou que me conhecia. Um espírito leva vantagem quando a gente está encarnado, porque a gente não percebe a presença deles e pensamos que a ideia é nossa.

Então ela disse:

— Ai tá! Mas a ideia não é toda minha, essa mulher já não tem esperança, tirou meu marido de mim e os dois me deixaram na rua e agora ela também foi largada, mas não ficou na miséria como eu, só que mesmo tendo dinheiro e sendo a dona desse lugar está bem doente e é uma perdida, está sozinha e pensa no suicídio assim como pensei um dia, só estou dando uma forcinha pra ela.

Então respondi:

— É por causa dessa forcinha que eu tô passando um doze aqui desse lado.

Então ela me interrompeu falando:

— Ih Sadraque, você tá bem, vai ver o que vou fazer com ela quando chegar lá onde moramos, quero arrastar ela pelos cabelos pelo vale todo, mas chega de conversa, eu vou lá dar um jeito nela e você fica aqui. Aproveite, se divirta.

Daí ela me deixou sozinho, perto do barzinho naquela casa de prostituição, onde homens e mulheres conversavam e bebiam. A conversa era de baixo calão, alguns até jogavam baralho, eu sentia cheiro de cigarro e haviam luzes que eu não conhecia. De repente começou a tocar no rádio algumas músicas que são tocadas sempre em alguns bailes, algumas daquelas músicas eram de bandas bem conhecidas que eu escutava sempre, principalmente quando chegavam as festas de fim de ano, daí eu me reunia com os meus parentes. Então fiquei muito contente, por conta de todas as boas lembranças que tive desses momentos dos natais em família, nos aniversários e de todas as nossas melhores conversas. É claro que a maioria das nossas festas sempre acabavam em briga, mas não eram tão sérias e era bem melhor estar em casa do que no Vale do Choro.

E quando percebi já estava batendo palmas e resolvi chegar perto do rádio, e era um som daqueles! Pois rádio é uma coisa que eu adoro! Mas eu fiquei frustrado não conseguindo apertar em nenhum botão, nem sequer para pregar uma peça naquela gente. Então eu tive a mesma ideia da copinho e pensei: “será que se eu chegar perto de alguém dando uma ideia, vão pensar que partiu deles mesmos, obedecendo logo em seguida”? Daí cheguei perto

de um cara do barzinho que tinha mexido no rádio antes colocando um bailinho ou outro, então pedi para que colocasse uma música eletrônica que eu gostava quando estava na Terra e disse:

— Só alegria!

Por incrível que pareça deu certo. O homem colocou a música que eu pedi e disse pra todos:

— Só alegria povo!

Eu fiquei contente e chegando perto dele denovo, eu disse:

— É nóis na área.

É claro que ele não falou do mesmo jeito que eu queria, mas deu certo e ele falou:

— Alegrando povo, é 'nóis' na área, vamos dançar meu povo!

Agora eu estava me divertindo e esqueci dos meus problemas por um momento e pensei: "o lugar é divertido, pena que é uma casa de prostituição, em outros lugares desta casa, estão se desrespeitando e desrespeitando à Deus, mas aqui no barzinho é só alegria"! Eu estava animado, mas a copinho retornou estragando tudo e quando chegou perto de mim, disse:

— Já terminei o servicinho de hoje, vamos voltar.

— Eu não vou voltar. — Respondi e continuei a dizer. — Prefiro ficar perdido nas ruas do que voltar para o Vale do Choro, posso até procurar minha casa, por que você não fica por aqui também? Tomásia você é livre, você sabe sair e sabe entrar no Vale do Choro, por que você não fica só com a saída e pronto!

Ela deu uma risadinha e me esclareceu dizendo:

— Ai Sadraque, tá pensando que é só eu que sei sair do Vale do Choro? Se demorarmos muito o imperador vem atrás da gente, um dia eu tentei fugir e sabe no que deu? Levei uma surra de chicote do imperador, foram umas vinte chicotadas, fiquei caída no chão por uns tempos, então chega de conversa e vamos voltar. — Disse ela bem chateada.

— Não vou voltar! — E continuei. — Se quer ir pra lá vai sozinha!

Então ela me puxou pela gola da roupa e falou bem brava:

— Tá pensando que vai me encrencar é? Se eu for sozinha vão me bater e vão atrás de você, vamos nos dar mal de qualquer jeito, então vamos agora!

Daí dei nela um empurrão. Dos outros eu até tinha medo, mas da Tomásia não. Se ela me batesse ia levar também! E percebendo as minhas intenções, ela disse:

— Tá pensando em me bater como faz o imperador? Eu já tô acostumada mesmo, só que eu pensei que você era diferente.

— Eu não quero te bater de graça, mas também não vou apanhar, só que, sinceramente, você está sendo grossa comigo. Eu não estou acostumado com isso, se eu gostasse de ser maltratado ficava no vale. — Eu falei.

Então ela se ajoelhou e juntando as mãos implorava chorando bastante, dizendo assim:

— Volta pro vale Sadraque, volta comigo, não faz isso eu te garanto que você irá sair de lá. Eu tenho uma prova de que eu tô falando a verdade. Lembra daquelas mulheres que estavam lá no Vale do Choro? Elas moram em uma colônia, não sei qual delas. Olha, a mulher de roupa vermelha me deu esse anel e me pediu para ajudar você. Se você ficar aqui vai me encrencar e estragar o plano da mulher de vermelho. Agora ela é muito boa e se chama Miranda, nem sei como ela foi confiar em mim, agora mesmo eu estava fazendo um serviço bem feio, essa mulher não deveria confiar em mim.

Daí eu interrompi dizendo:

— Tá bom Tomásia, eu acredito em você, a mesma mulher me falou que era de uma colônia, a história dela bate com a tua, então vamos para o vale, fazer o que né.

Capítulo 10

De Hóspede a Prisioneiro

Enquanto estávamos voltando para o vale fiz questão de decorar o caminho, fiquei bem quietinho enquanto a copinho não parava de falar, ela ficava se gabando das coisas que fazia e eu nem aí, estava de olhos abertos no caminho. Cruzei com o olhar algumas casas e árvores que usaria como referência e quando chegamos no vale, pedi a copinho que me deixasse um pouco sozinho e indo de encontro a uma árvore, esperei ela sair e com uma pedrinha que achei no chão marquei na casca da árvore as seguintes iniciais: "S.W.S". Agora sim, aquela árvore seria a minha referência de saída do Vale do Choro.

Enquanto isso na Mansão Vermelha já estavam sabendo da nossa saída e como ela disse, vieram atrás de nós e o imperador liderava o grupo de busca, sorte a nossa que nos encontraram já no vale, então disse o imperador:

— Pretendia fugir Sadraque? Fique sabendo que o venerado já não se interessa mais tanto por você. Na verdade nem eu me importo, mas se você encontrar a sua antiga casa, daí sim pode estragar tudo ajudando aquele teu pai, que há tempos venho tentando trazer pra cá, mas quando ele vier você mata a saudade!

Então os membros do grupo do imperador começaram a rir e ele continuou dizendo:

— E você Tomásia, por que levou o moleque pra fora?

Então ela disse quase chorando:

— Não é nada disso que você está pensando imperador, a gente só foi ver a Beti, você sabe quem é né? A maldita que roubou o meu marido.

O imperador então respondeu:

— Eu não tenho culpa se você é incompetente até para segurar o marido, se quiser fazer os teus trabalhinhos faça sozinha, não leve o moleque junto e se ele decora o caminho e foge? O venerado te tortura e se não cair

no grande sono eu termino o serviço! Agora Sadraque, estou indo para tua casa, dar um jeitinho no teu pai, quem sabe eu traga até tua irmãzinha, a família vai estar toda reunida, você não tá feliz Sadraque?

Enquanto ele falava eu estava explodindo de raiva e para piorar ele começou a falar coisas bem feias a respeito da minha mãe e de outras mulheres da minha família, coisas que eu nem pretendo mencionar aqui. Só sei que dei um pulo, eu estava cego de raiva, consegui dar uns belos murros na cara dele, mas claro, se eu dei um chute e dois socos, por outro lado, não deu para contar os que eu levei. O grupo todo veio pra cima. Então fiquei lá jogado, só a copinho ficou comigo, daí ela me ajudou a levantar e disse:

— Tadinho, olha o que fizeram com você, gostei do que fez com o imperador, ele merecia umas, se bem que não foi grande coisa, olha só como te deixaram.

Daí ela me levou pra casa, ou melhor dizendo, pra caverninha dela e agora eu estava enxergando melhor que antes! Conseguindo ver como ela era bem certinho, daí eu disse:

— Olha amiga, não conte pra ninguém que eu já enxergo, tá bom? Olhando pra você e para o imperador já aprendi a diferença entre enxergar homens e mulheres, mas as mulheres que vieram nos ajudar são mais agradáveis de se olhar. Não se ofenda, mas você podia se cuidar para ser como elas.

Então ela revoltada me disse:

— Você apanhou pouco da turma do imperador, ainda tem força pra fazer gracinha.

E me ofereceu um copo de água dizendo:

— Vou te dar só água, porque a comida sei que não vai querer, eu tenho que sair, vou a mansão vermelha, fique aqui e me faça um favor, guarda esse anel pra mim, se o venerado ver que está comigo vai ficar fazendo perguntas e vai me torturar até que eu conte tudo e claro né, vou contar antes que ele comece.

Daí ela me deixou sozinho, então pensei: “vou fugir agora, é hoje que deixo esse lugar” e mal estava saindo da casa da copinho e seis homens

já me esperavam lá fora. Eles me pegaram e foram me levando, um deles eu conhecia, era Genésio, o porteiro da Mansão Vermelha e ele me disse:

— É tampinha, antes era hóspede na casa do venerado, agora vai pra prisão, vejam só, de hóspede passou a ser prisioneiro e sabe, nem são ordens do venerado porque o nosso grande venerado deu carta branca, ou melhor, preta, para o imperador fazer com você o que tiver vontade.

Daí comecei a chorar, mas mesmo assim eu falei:

— Eu deixei de ser um hóspede e vou ser um prisioneiro. É caí bastante, mas você é uma porcaria e acho que sempre vai ser porteiro!

E bastou eu falar uma dessas para levar outra surra. Daí me jogaram em uma cadeia bem escura e eu não estava sozinho, porque escutei de novo aquele rugido de leão, então eu perguntei:

— Que coisa é essa?

E o rugido começou a se aproximar de mim, enquanto pensei: “sempre que escuto esse rugido também escuto trote de cavalo, que estranho”.

— Estranho nada. — Respondeu a coisa com muita dificuldade para falar.

— Eu era como você, mas desobedeci.

Olhei para ele e vi que era diferente, era um bicho mesmo, então perguntei:

— Você é manso ou bravo? Posso passar a mão em você?

Aquela coisa se aproximou mais de mim e disse:

— Não gosto mais de amigos, quem é que vai gostar de uma coisa como eu? Mas parece que você não tem medo, meu nome é Teobaldo, mas pode me chamar de Téo. Eu era um assaltante e do bom, roubava carros, motos e caixas eletrônicos, até estuprei uma vez, bom, disso eu me arrependi e de ter matado a minha esposa também. Por isso me chamam de monstro e eu acabei aceitando as palavras deles que me transformaram nisso. Eles me chamam de monstro, mas monstro é aquele venerado que junto com outros

malditos sacerdotes me transformaram nisso. Eu lembro bem como foi, tinha uma festa na Mansão Vermelha, o tal Wagner me chamou e começou a me acusar dos meus crimes, me acusou de tal maneira que eu mesmo reconheci diante de todos que era um renegado da sociedade, uma fera e conforme eu reconhecia isso, dava força pra que eles colocassem as mãos sobre mim e uma força me tornou assim e pelo que eu andei escutando, vão fazer o mesmo com você.

Então pensei comigo: “preciso fugir e vou sair daqui”.

Capítulo 11

Uma Festa Sombria

Agora eu estava preso, mas pelo menos a fera que estava comigo era só um cara magnetizado, sorte a minha que não era ou não estava agressivo, caso contrário eu não teria chance nenhuma contra ele. Mas agora não estava mais disposto a conversar comigo, pois foi para um canto de sua cela, enquanto eu estava na minha, não sei se dormiu ou se só estava deitado.

De repente ouvi muitos passos e olhei para frente, era o venerado e a turma dele, daí pensei que ele ia para a cela do Teobaldo, a fera, mas veio em minha direção e não estava sozinho, como já disse, pois um grupo de vinte pessoas e claro o imperador estava com ele, Tomásia também estava entre eles, só que ainda mais suja e machucada e dava pra ver que tinha apanhado bastante, porque ela estava com um dos olhos inchados, com a boca machucada e chorando. Daí eles abriram a cela e o venerado disse:

— Sadraque, vamos até a Mansão Vermelha, já teve a oportunidade de conhecer o Teobaldo pelo que eu vejo e ele está assim porque um dia mentiu pra mim e Tomásia também já teve seu castigo.

Então eles me levaram para a Mansão Vermelha enquanto Tomásia ia para sua casa e quando chegamos lá, o grupo nos deixou e o venerado me levou até a sua sala, então ele me perguntou:

— Sadraque, me diga uma coisa, você pode ou não pode ver?

Fiquei quieto, mentir eu já sabia que não podia, mas não estava afim de contar a verdade, o que eu não sabia é que a casa já tinha caído, porque eles pressionaram a copinho e ela contou quase tudo. Sorte a nossa que não falou nada a respeito das nossas salvadoras, então o venerado vendo que eu não respondia, abriu uma gaveta e tirou de lá um chicote crivado de metais pontiagudos e estalando o chicote no chão, me perguntou:

— Então Sadraque, consegue ou não enxergar?

— Sim senhor. — Respondi.

Eu não tinha saída, o jeito era falar a verdade, então o venerado falou irritado:

— Olha rapazinho, você sustentou esse segredo por bastante tempo suponho, uma coisa séria demais para se esconder, aqui no vale do choro não tem outra escolha, ou se confia em mim, ou eu desconfio. Então por causa disso vai voltar para a prisão.

Daí ele me deu umas duas chicotadas daquelas nas costas e tiveram que me levar carregado e o tal Genésio me levou para a prisão e praticamente me jogou lá dentro. Eu estava perdido, agora as coisas pareciam só piorar, onde estavam as nossas salvadoras que prometeram nos tirar dali? Eu ainda pensava quando chegou a copinho e disse desesperada:

— Sadraque você não sabe, amanhã terá uma festa para admitirem um novo venerado.

Eu interrompi dizendo:

— Grande coisa.

Mas ela continuou dizendo:

— Você não sabe que nessas festas sempre bestializam alguém?

Então falei:

— Sei sim, mas o que vou fazer! Estou preso!

Então Tomásia pegou uma chavezinha e me falou:

— Olha! Peguei a chave do imperador, vou abrir a cela pra você, eu estou perdida mesmo, sei que vou sofrer por isso, mas eu já sofro de qualquer jeito! Vá com as mulheres de cima e não esqueça de mim.

Então ela abriu a cela e me perguntou:

— Ainda tem o anel?

Daí respondi:

— Claro amiga, estou com ele.

— Mostre o anel aquelas mulheres que vieram aqui quando chegar lá. — Ela respondeu.

Então ela deixou a cela aberta e saiu correndo para casa e eu saí correndo mas para fora daquele vale, eu corria bastante, eu precisava chegar fora dos domínios do vale antes que alguém me visse. Infelizmente o vale era monitorado e o venerado estava na sala de monitoramento e assim que me viu em uma das telas, mandou o grupo do imperador atrás de mim. Quando vi a turma do imperador tive uma ideia e pensei: "se eu for pelo chão não vou ter chance, só que também não sei flutuar como a copinho", então subi em uma árvore e olhando bem para as outras árvores, pensei: "estou enxergando bem agora, quem sabe eu consiga pular de uma para a outra" . E foi o que fiz, eles correndo chão a fora e eu pulando por cima das árvores e ficando empolgado, às vezes eu debochava e até gritei:

— Iuhul! Só alegria! Essa cambada de lerdo não me pega!

Mas eles também tiveram a ideia deles, usando a coitada da copinho. Ela fingiu que estava muito mal, se bem que em parte era verdade, ela tinha apanhado né. Ela decidiu ficar embaixo de uma das árvores e chorava alto, chamando a minha atenção. Então desci da árvore e percebi que no tronco estava a inscrição que eu fiz: "S.W.S". E felizmente, estava praticamente quase fora dos domínios dos venerados. Então socorrendo a minha amiga, disse a ela:

— Copinho, o que está acontecendo com você amiga?

Daí ela deu um grito, mas não era de dor, era para chamar os outros e o imperador me pegou e falou debochando de mim:

— Agora sim Sadraque, vão te transformar em fera!

— Será que vai ser um lobo? Palpitou outro.

— Tomara que seja um lagartão. — Disse o imperador e continuou. — Mas vamos, o venerado está esperando e a festa já começou.

E eu esperneava é claro, porque queria sair daquela situação e quando comecei a pensar que não tinha mais saída, escutei algo que parecia uma marcha e de longe uma voz que gritou:

— Soltem ele!

Era a Isabel com seus lanceiros. Contando com a guarda de Samaritanos e com os colaboradores do bem, eram aproximadamente duzentos indivíduos. Agora sim eles podiam me ajudar, porque como eu já disse, estávamos quase fora dos domínios do venerado. Já o imperador estava apenas com vinte indivíduos, que logo se retiraram, dizendo:

— Fujam, são os de cima!

Eles não estavam fugindo apenas porque estavam em desvantagem, mas também porque a força moral dos operários do bem era irresistível para eles. Foi então que ouvi as vozes de duas pessoas conhecidas, então perguntei:

— É impressão minha ou estou escutando o Valmir e o irmão Nelo?

— Não é impressão, seus amigos vieram resgatar você. — Respondeu Isabel.

Daí baixei o olhar sem coragem de olhar para eles e enquanto os lanceiros nos cercavam garantindo a nossa proteção, o restante dos Samaritanos prestavam auxílio necessário, juntamente com os Madalenos e com o Ministro do Auxílio socorriam outras vítimas. Daí eu chorei de emoção e pensei: “como pode, o Valmir socorrendo pessoas, ele parecia não ter noção das coisas e quando encarnado na Terra comigo também era cego, eu não achava ele tão esperto, pra ser sincero, eu achava ele um idiota, mas me enganei, ele veio muito tempo antes de mim para o outro lado, mas esperou o tempo certo, não vindo por conta própria, estava iluminado, era uma luz linda e o Nelo então nem se fale. Mas como já disse, me faltava coragem para encarar o rosto deles, apenas observava a aura luminosa que emanava dos dois. Na verdade, o nome do Nelo, é Cornélio, mas ele não gosta. Daí na Terra chamávamos pelo apelido mesmo e ele nos levava na praia de vez em quando. Eu estava pensando nisso quando ele me disse:

— Sadraque, venha, o tempo de chorar acabou, vamos cuidar de você e vou tentar falar no coração dos seus pais que agora tudo está bem, sei que não vai ser fácil, eu também não acreditava que era possível a existência aqui desse lado, mesmo assim vou tentar avisar aos encarnados que você está bem, principalmente aos seus pais.

Então ele me abraçou, estava com uma roupa limpa, tinha um cheiro de flores, fiquei envergonhado, eu estava sujo. Não só as minhas roupas estavam sujas, mas a minha consciência me deixava envergonhado perto deles. Daí o Valmir me colocou em uma maca e disse que ficasse quieto, enquanto uma senhora bondosa me cobria, dizendo que era uma espécie de manta térmica, porque aquele lugar era muito frio e colocou alguma coisa que parecia uma venda em meus olhos e com carinho, continuou dizendo:

— Sadraque, a luz da colônia é forte, por isso quando chegarmos lá, vamos te colocar em um quarto pouco iluminado para que seus olhos se acostumem a luz, também vamos cuidar dos problemas acarretados pelo suicídio e então conhecerá as belezas do Jardim Érida.

Daí ela me aplicou um passe e eu apaguei, precisava dormir de verdade. Enquanto isso os operários do bem resgataram outros sofredores, uns cento e cinquenta mais ou menos e a Tomásia foi resgatada com eles. Fiquei sabendo disso bem mais tarde.

Capítulo 12

Um Hospital Diferente

Alguns resgatados mais rebeldes foram para as Câmaras de Retificação e outros foram para os hospitais, eu também fui um deles, fui para o Hospital Rosa Lilás e adivinhem, fiquei aos cuidados da enfermeira Miranda e da Doutora Crisânia. Sim, porque além de Ministra, nas horas vagas trabalhava no Hospital Rosa Lilás como médica. Afinal, o lema das colônias e o lema de Jesus é amor e trabalho.

Enfim, fiquei lá dormindo aproximadamente uns dez dias, porque eles me induziam a descansar e Ilda me aplicava passes tranquilizantes, assim só acordaria no momento certo. Depois me contaram que Tomásia me visitava quando estava dormindo, a enfermeira Celeste responsável pela ala feminina do hospital deixava que ela fosse me ver, isso estava ajudando na recuperação de minha amiga.

Finalmente acordei e no meu quarto tinha uma cama muito limpa, hoje posso descrever o lugar, porque já sei as cores e as noções básicas das formas e de outras coisas que só quem já aprendeu a enxergar sabe. Mas continuando, as luzes do meu quarto eram verdes e acendiam suave, era só para não ficar escuro mesmo. De repente alguém entrou, eu nunca tinha visto aquele rosto antes, mas quando ele falou reconheci a voz, fiquei feliz em receber a visita do irmão Nelo e ele me disse:

— Que Jesus te proteja Sadraque. Me diga uma coisa, você ia comigo para igreja e acreditávamos nas mesmas coisas, por que deixou de confiar no nosso Senhor Jesus agindo contra si mesmo? Não estou acusando você, mas mesmo não conhecendo as coisas completamente, enfrentei a vida mesmo não acreditando na imortalidade do espírito, só que nunca perdi a fé em Jesus. Sempre te achei tão esperto, quando ia lá em casa sempre dava um jeito de mexer no rádio.

Mas enquanto ele falava eu me sentia envergonhado, não sabia o que dizer, então achei melhor não dizer nada. De repente Crisânia entrou no quarto e falou:

—Vamos tentar levantar um pouco amiguinho? Trouxe comida e vamos te levar a uma sala de cirurgia onde aplicaremos os raios curadores necessários para cuidar de sua visão e da lesão na garganta.

— E precisa disso tudo aqui? —Perguntei.

— Precisa sim, agora me dê as mãos e vamos tentar levantar um pouco. — Disse Crisânia.

Daí ela me ajudou a sentar na cama, eu estava um pouco zonzo, mas levantei, fiquei de pé e sentei em uma cadeira com uma mesinha que tinha no meu quarto. Em cima da mesinha tinha um prato de sopa e um outro pratinho com um bolo. Então ela me falou:

— Vamos deixar você mais à vontade, depois de comer vá até a portinha que tem aqui no seu quarto. Ali tem um banheiro e uma salinha de banho, lá tem uma roupa dobrada, é sua, estaremos esperando e quando estiver pronto vamos te levar a sala de operação. Se precisar de ajuda, o irmão Cornélio ficará com você e vai te auxiliar. Um espírito de aparência masculina e trazendo essa energia vai te deixar mais à vontade.

Enquanto Crisânia deixou a sala, o irmão Nélo ficou me ajudando. Daí perguntei a ele sobre meus pais e ele foi sincero e falou que não era bom tocarmos nesse assunto, porque sinceramente não estavam bem e falou que também estava longe de sua família, mas que estava pronto pra visitar a sua antiga esposa e a sua filha, de vez em quando ele podia, mas eu ainda não. Eu queria questionar, mas eu respeitava o irmão Nélo.

Enfim, estávamos prontos, Crisânia trouxe uma maca e me levaram nela e quando chegamos na sala eu tremi de medo, então perguntei:

— Vai doer muito?

Então Crisânia pegou em minhas mãos e respondeu:

— Aplicação de raios curativos é indolor Sadraque, e além de não sentir dor vai sentir uma sensação agradável e a lesão no seu pescoço não vai mais trazer problemas, daí vamos avaliar também o quanto você realmente enxerga e seu perespírito vai ficar melhor.

Então eles ligaram um aparelho muito parecido com um raio x que conhecemos na Terra, fazia um barulho mas não era de incomodar e do aparelho saiu uma luz azul que passou pelo meu corpo, depois uma verde e uma branca, sentia sono mas não dormi e eu nem queria mesmo, eu estava cansado de ficar na cama. Eu fiquei muito melhor.

E depois do procedimento me levaram andando para uma salinha e daí me levaram para o meu quarto. E quando chegamos, Crisânia me disse:

— Por enquanto não pode sair do quarto, mas para não ficar entediado vou fazer uma surpresa e a professora Madalena virá te visitar para ensinar você as cores, algarismos e letras. Vamos estimular sua visão que não é perfeita, você enxerga aproximadamente uns quarenta por cento, precisamos te ensinar a enxergar melhor.

Daí ela saiu do quarto, fiquei um pouco sozinho, mas não demorou muito para que ela voltasse. Tinha nas mãos uma caixa, então me disse:

— Este presente é pra você, além de ser um mimo, também é um instrumento de aprendizado. — e ela continuou dizendo. — Sabe a cor dessa caixa? É dourada e aqui dentro tem vinte e quatro maçãs de cristal, uma de cada cor, nelas estão gravados caracteres, algarismos, sinais matemáticos e pontuação como interrogação, por exemplo.

Daí peguei a caixa com os presentes, fiquei feliz, as maças eram lindas, pareciam de verdade mas eram de cristal, um cristal de cada cor, eu peguei a maçã preta, a cinza, a vermelha e a alaranjada e disse a Crisânia:

— Essas cores eu já conheço, ainda não sei o nome delas mas foram as primeiras cores que eu vi.

Então ela me respondeu:

— Sadraque, precisa fazer um esforço para esquecer o tempo de tristeza, lembrar do Umbral não vai te fazer bem.

— Só se eu perder a memória vou esquecer. — Respondi.

Mas ela não perdeu a paciência e continuou dizendo:

— Não estou falando de esquecer literalmente, estou falando de esforço, de vontade. Você precisa aprender a se esforçar e não me entenda

mal, não estou chamando você de preguiçoso, estou falando do esforço moral. Agora tenho que ir, logo a professora Madalena virá te ensinar as cores e te alfabetizar, fique bem.

Daí ela saiu do quarto e não demorou muito para a professora chegar, ela se apresentou e foi me ensinando as cores, formas, até me ensinou a desenhar um pouco. Ela trouxe uma prancheta e um lápis, fiz alguns rabiscos eu acho, então a professora Madalena me deu uma foto que ela plasmou e me falou:

— Quero que tenha noção do que é bonito e do que não é, reconhece essa foto?

— Reconheço sim, é a copinho. — Respondi.

— O que sente quando vê essa foto? — Perguntou Madalena.

— Eu gosto da copinho, mas quando vejo essa foto não gosto do que vejo. — Eu falei.

A professora Madalena sorriu e me falou:

— Então vai gostar do que vai ver agora, uma visita vem te ver.

A professora Madalena abriu a porta e uma senhora entrou, estava com um vestido branco e pensei: "parece com a da foto, mas está mais bonita". Daí a professora Madalena interrompeu meus pensamentos perguntando:

— Sabe quem é?

Então respondi:

— É parecida com a da foto, parecida com a copinho.

— Sou eu Sadraque, mudei tanto assim?

Reconheci a voz, era minha amiga Tomásia mesmo. Agora estando na colônia, posso chamá-la de amiga. Daí naquele momento, nós nos abraçamos e ela me disse:

— Sadraque me perdoa, eu não queria fingir que estava doente para que o grupo do imperador te pegasse.

Então dei dois tapinhas nas costas da copinho e respondi:

— Tá perdoada amiga, você era pau mandado deles.

— Esqueçam tudo isso e os apelidos também, vocês têm lindos nomes e é estritamente proibido falar das Zonas Umbralinas nas regiões da colônia, quero que tenham novas vidas. — Interrompeu Madalena e continuou. — Tenho boas notícias, hoje vamos para fora, você já está pronto para conhecer o resto da colônia e fazer novos amigos. Vai começar a frequentar a minha sala na escola quando sair daqui e desde já vai frequentar o Grupo de Apoio. Lá no grupo podem falar da vida terrena e dos novos projetos que terão, a única coisa proibida é comentar as ocorrências do Umbral.

Quando Madalena terminou de falar, já ouvi batidas na porta, era Crisânia acompanhada de Isabel e sempre carinhosa, Crisânia me disse:

— Preparado para ver as belezas do Jardim Érida? Tenho certeza que um sorriso escondido se mostrará, aqui somos todos amigos. Quando chegar no grupo de apoio não tenha medo de mostrar o que sente e o que é. Ninguém é tão pequeno que não possa ensinar e ninguém é tão grande que não possa aprender.

Então ela me pegou pela mão e Isabel comentou:

— Pode deixar que eu mesma levo Sadraque até a escola, sei que tem coisas para fazer.

— Tenho sim, mas quero ver essa redenção de perto. — Disse Crisânia.

Fiquei muito feliz, ela estava me dando importância, melhor ainda, me dando amor e não queria nada em troca.

Capítulo 13

Novos amigos

Como eu disse, pela primeira vez estava saindo daquele hospital e quando saímos, quanta luz! O lugar tinha bastante natureza, eu escutava os passarinhos cantando e quando olhei na direção deles fiquei feliz em ver aqueles bichinhos coloridos que nunca havia visto. Escutava vozes de crianças, as cores eram tão intensas que me deixaram deslumbrado, mas ao mesmo tempo um pouco incomodado, mesmo assim fiquei feliz e dei um sorriso e Crisânia comentou:

— Não disse que um sorriso escondido se revelaria? Agora vamos conhecer seus novos amigos, são todos como você, não há motivos para se sentir envergonhado. Infelizmente os colegas que você vai conhecer também escolheram a porta estreita do suicídio, mas já estão bem, alguns até trabalhando.

Fiquei feliz em ouvir as palavras de Crisânia, eu não queria encontrar um bando de santos e me sentir envergonhado, e mais uma coisa, não queria ficar falando da minha vida. Crisânia leu meus pensamentos e disse:

— A finalidade do Grupo de Apoio é a socialização, só vai comentar com seus amigos o que tiver vontade e creio que vai gostar de estar com eles. A turma que você vai frequentar tem uma história um pouco triste, todos faziam parte de uma seita chamada Porta do Céu. Eles acreditavam que cometendo suicídio deixariam o corpo para deslumbrar uma vida nova, um planeta perfeito, isso é totalmente fora de questão e como você, passaram pelas tristezas do Umbral e terão de saldar essa dívida com Deus. Todos eles tomaram veneno, você é o único que se estrangulou, mas chega de conversa, vamos conhecer seus amigos.

Eu caminhava com Crisânia e Isabel pelas ruas e chegamos até uma praça muito bonita, tinha um chafariz de pedras semipreciosas com pedras vermelhas e verdes, daí ouvi um barulho de muitas crianças, logicamente eu conhecia crianças, mas nunca havia visto o rosto de uma antes e sempre ouvi as pessoas na Terra comentando como eram lindas as crianças, então perguntei:

— Da onde vinha aquela barulheira de crianças?

Isabel me respondeu que se tratava da escola Ciranda Colorida, era uma escola especializada em cuidar e educar crianças vítimas de guerra, ali tinham crianças de vários países do mundo. Isabel me falou que mais tarde me levaria para visitar a escola e conhecer as crianças, também me falou que ao lado da escola estava o edifício Novo Horizonte, responsável por auxiliar mulheres vítimas da violência doméstica e que por esse motivo desencarnaram. Pelo que eu percebi a colônia estava preparada para receber pessoas que desencarnaram de maneira violenta e eu não era exceção.

De repente chegamos a um casarão num edifício muito grande, então perguntei:

— É aqui que vamos ficar?

Daí Crisânia respondeu:

— Sim, este é o Instituto Somos Eternos, responsável por reabilitar suicidas. Quando sair do hospital vai morar aqui em um dos alojamentos e não está muito longe de ganhar alta, está progredindo bem, vai ficar só mais alguns dias no hospital.

Então nós chegamos até uma sala e um homem muito educado veio em minha direção dizendo:

— Seja bem-vindo amigo, sou o professor Flávio, estamos felizes em te ter aqui, como é seu nome?

— É Sadraque. — Respondi.

E ele continuou:

— Muito bem Sadraque, venha conhecer a escola e seus novos amigos.

Daí ele me apresentou aos outros que me cumprimentaram. Então uma jovem muito simpática se aproximou de mim e já foi dizendo:

— Oi, meu nome é Kimberlly, mas pode me chamar de Kim, venha sentar do meu lado, tem uma cadeira vazia.

Eu gostei da simpatia dela, mas perguntei:

— Não são proibidos os apelidos aqui?

Ela deu uma risadinha e respondeu:

— Se você ganhou um apelido no Umbral é proibido, mas o meu apelido é de casa, minha família escolheu um nome difícil e resolveram cortar mais da metade do meu nome, ou seja, sou chamada assim pelas pessoas que me amam, melhor dizendo, que me amavam. Meus pais não queriam que eu participasse da seita Porta do Céu e não estavam errados, agora pensam que eu não existo.

Fiquei com pena dela, então respondi:

— Tudo bem amiga, onde está a cadeira vazia?

Daí ela me mostrou o lugar e sentamos, por incrível que pareça o Grupo de Apoio não era parecido com um grupo de alcoólicos anônimos que você fica contando os dilemas da sua vida, era um grupo que se reunia para se distrair mesmo. Contamos piadas saudáveis e fatos engraçados da nossa vida terrena, jogamos até dominó, eu estava bem alegre, gostei do grupo, fiquei lá umas duas horas mais ou menos, mas minha amiga Kimberlly começou a ficar branca, colocou a mão na barriga e desmaiou. Então o professor Flávio chamou a enfermeira Miranda e levaram ela para o Hospital Rosa Lilás e Isabel aproveitou para me levar de volta também.

- O que aconteceu? — Perguntei a Isabel.

Então ela me respondeu:

— Kim teve uma crise, provavelmente lembrou da família e do que fez, com o tempo vão poder lembrar do suicídio sem se afetarem, mas Kim e você estão aqui a pouco tempo, ela vai ficar uns três dias no hospital eu acho. Ah Sadraque, falando nisso, a enfermeira Miranda me pediu para te dar uma coisa.

Então Isabel me deu uma bombinha semelhante a essas que os asmáticos usam na terra e explicou:

— Sempre que sentir falta de ar, em primeiro lugar evite pensar no suicídio, e em segundo lugar use essa bombinha pressionando a tampinha,

vai melhorar bastante. Kimberlly recebeu a dela, mas provavelmente deixou no alojamento.

— Posso visitar o quarto dela quando chegar no hospital? — Perguntei.

— Hoje não, ela vai dormir. — Respondeu Isabel.

E antes de chegarmos ao hospital, Isabel me levou a escola Ciranda Colorida, ela queria que eu visse o rosto de uma criança. Afinal, comentei que nunca tinha visto, queria ver se realmente era essa fofurinha toda que comentavam na Terra.

Daí chegamos lá e conversamos com a professora Betina e fomos até o parquinho da escola. Isabel chamou uma menina em uma linguagem que não entendi, a menininha veio correndo. Isabel deu a ela um doce e me disse:

— Esta é Fátula, quando veio para cá tinha quatro anos, ela é da Cisjordânia, agora está aos cuidados da professora Édina.

Daí cheguei perto da menininha e cumprimentei, e ela me olhava, era bem bonitinha mesmo, me deu um sorriso mas parecia não entender nada do que eu dizia, então Isabel me disse:

— Dê um abraço e um beijo nela, porque ela fala árabe e ainda não se comunica bem pelo pensamento.

Então abracei a menininha que se jogou no meu colo, tive que pegar um pouquinho, ficamos ali alguns minutos e Isabel se despediu dela, não entendi nada mas a menina voltou a brincar, crianças são bonitas mesmo.

Quando voltamos para o hospital fiquei um pouco desapontado e pensei comigo: “estava tão bom lá fora, agora tenho que ficar nesse quarto”. Eu estava pensando assim quando novamente entrou no meu quarto a professora Madalena, ela me ensinou alguns caracteres das maçãs de cristal que eu havia ganhado da Crisânia para que não me entediasse. Fiquei no hospital recebendo passes e sendo alfabetizado mais alguns dias, então Isabel foi até o meu quarto e me disse:

- Sadraque não precisa mais ficar aqui, seu quarto no alojamento do instituto já está pronto, então vamos.

Quando chegamos ao instituto fui recebido pela Diretora Bey, ela me recebeu com muito carinho e disse que era um prazer receber um aluno como eu, me apresentando aos professores e me mostrando um pouco da escola e digo só um pouco, porque a escola não é pequena, levou uns dois dias para conhecer o prédio todo. E quando cheguei ao meu quarto gostei muito, tinha uma cama, uma mesinha e acreditem, tinha um computador em cima dela, também tinha uma salinha de banho e um banheiro. A cama e a mesinha eram desmontáveis, eu poderia transformar em uma mesa com duas cadeiras quando chegasse alguma visita do plano astral, me explicou Crisânia.

— E o computador? — Perguntei.

— É seu. — Ela respondeu.

Foi engraçado porque Crisânia apareceu do nada, eu tinha ido até o alojamento só com a diretora Bey e com Isabel e lá estava Crisânia me esperando. Então adotei ela como figura materna.

Capítulo 14

Uma Visita Especial

Já era de noite na colônia, sim porque as colônias ficam no céu da nossa Terra, mais ou menos na rota dos aviões, então quando anoitece na Terra, anoitece nas colônias, só que aqui o céu é mais azul de dia e a noite o céu é mais limpo, o luar e as estrelas ficam bem cintilantes. Mas como eu estava dizendo, a noite chegou e bateram na porta do meu quarto dizendo:

— Sadraque, tem uma visita para você.

Quem estava na porta anunciando a visita era a coordenadora Laura, então perguntei quem era a visita. Laura me respondeu que era uma surpresa e disse apenas que eu esperasse. Então fiquei esperando e ouvi uns passos, nunca tinha visto aquele rosto antes, então perguntei:

— E aí, quem é?

E quando aquela pequena figurinha respondeu:

— Sou eu Sadraque.

Fiquei emocionado e disse:

— Kely, maninha do meu coração!

Então nós nos abraçamos e choramos bastante, e rapidamente mostrei a ela a cama que juntos desmontamos e transformamos em uma mesa. Então Laura emocionada perguntou:

— Querem comer alguma coisa, eu trago lá do refeitório.

— Quero sim. — Minha irmã respondeu.

Enquanto conversávamos mostrei a ela meu computador e o resto do quarto, minha irmã veio me visitar porque como sabem ou pelo menos como alguns sabem, nos desprendemos do corpo ao dormir e ela ao se desprender veio me visitar. Então eu tinha que aproveitar porque quando o sol nascesse ela voltaria para casa.

Daí Laura trouxe chá e bolo, e nós comemos e conversamos bastante. Então percebi uma coisa diferente em minha irmã, parece que tinha alguma coisa no ventre, uma luz e ela me contou que estava esperando uma menininha que provavelmente estava fazendo sua jornada noturna também, aí eu disse:

— Nossa mana, outro nenezinho!

Ela me deu uns tapinhas e respondeu:

— Pois é mano, depois que aconteceu isso com você fiquei com a mesma tentação, então eu desejei ter a Alice na esperança de que você voltasse para Terra. Lembra quando eu te falava das coisas do espírito?

Então respondi:

— Pois é, lembro, mas não estou pronto para voltar, além do mais como já pode perceber não deu certo teu plano, não sou eu quem vai voltar, mas cuide bem do nenenzinho. Quando nascer vou pedir para te visitar e eles vão ter que deixar.

Então ela respondeu:

— Não sei não Sadraque, mas eu estou muito feliz que você está aqui, é um lugar bem legal e eu estou morando com o pai e com a mãe agora.

Então fiquei curioso e perguntei:

— Mana é verdade que estava sendo maltratada? E aquele cara, tá morando lá em casa também?

Então a minha irmã respondeu:

— Olha Sadraque, não sei quem falou esse absurdo para você, o Walter não é lá grande coisa, mas daí a me maltratar já é demais e respondendo a sua pergunta, ele não tá mais morando lá em casa.

— Que legal. — Respondi.

Daí nós nos abraçamos e a Kely me perguntou se eu sabia volitar.

— É claro que não. — Respondi e continuei dizendo. — Já dei uns pulos de uma árvore a outra, mas nada de flutuar.

Então ela me disse que autorizaram a nossa saída da colônia e ela sim sabia volitar, então saímos. Daí perguntei a minha irmã Kely se gostava de aventuras e ela disse:

— Gosto, vê lá em, onde quer que eu te leve?

Então dei as coordenadas e levei a mana para aquela casa noturna onde a copinho tinha me levado. Chegamos lá e a mana muito responsável foi logo me dando uma bronca e disse:

— Poxa Sadraque, essa é a aventura, que lugar é esse?

Então respondi:

— O lugar não importa muito, uma amiga me trouxe aqui uma vez e agora quero ver se você sabe flutuar bem rápido.

Daí eu vi alguns espíritos influenciando os clientes da casa e falei:

— E ai seus lerdo, não me pegam!

Então um daqueles espíritos inferiores falou:

— Vamos mostrar para aqueles tampinhas o que podemos fazer.

A mana ficou brava comigo, me deu uns tapas mas não tínhamos mais tempo para briguinhas. Então ela me pegou pelo braço e nunca vi alguém volitar tão rápido! Porque eles estavam atrás de nós e um deles tinha um pedaço de pau na mão e estavam quase nos alcançando e a mana disse:

— Ai Sadraque, não precisava disso.

Então respondi:

— Se eles nos alcançarem te dou uns tapas.

E ela respondeu:

— Se eles nos alcançarem vamos ganhar muito mais que uns tapinhas.

Daí ela acelerou o vôo e conseguiu nos levar para outro lugar, então disse:

— Olha Sadraque, agora sou eu quem vai escolher para onde vamos.

Daí a Kely me levou para uma praia. Então corremos, brincamos e conhecemos alguns pequenos elementais da água que ela me apresentou. De repente o sol estava nascendo e ela me disse:

— Ai mano, tenho que voltar pra casa, vou te levar de volta até a colônia.

— Não precisa.

Ouvimos uma voz dizer. Era Isabel, estava zangada e ela continuou dizendo:

— Mocinha pode ir para casa, você sabe o caminho, sei que não teve culpa desse disparate, mas sua companhia motiva o seu irmão a querer impressionar e fazer coisas que não se deve, vocês poderiam ter se encrencado feio, eu segui vocês de longe e vi tudo, infelizmente a penalidade é seis meses sem se encontrarem e Sadraque infelizmente vai para o isolamento.

Minha irmã voltou para casa sozinha com uma cara! Estava triste e flutuou bem rápido, nem se despediu. O pior não era a mana ter saído sem se despedir, mas o olhar de censura da Isabel, ela só me disse uma palavra:

— Vamos!

Quando chegamos na colônia ela explicou o ocorrido a diretora Bey, que disse:

— Tem razão Isabel a conduta do jovenzinho foi um tanto exagerada e arriscada, mas isolamento é um pouco demais não acha?

Vamos fazer o seguinte, ele vai ficar seis meses sem receber as visitas e no período de um ano não poderá sair da colônia, mas a convivência com os demais é indispensável para o progresso dele e você Isabel, ficará responsável pela disciplina do Sadraque.

Isabel nem disfarçou e disse:

— Meu Deus, não faz isso comigo senhora Bey.

— Não é pra tanto. — Ela respondeu e continuou. — É só um menino travesso, ele só queria brincar, já sei do que ele precisa, vamos colocar o Sadraque no time de aerobols, ele precisa se agitar e o jogo é perfeito para ele, além do mais vai aprender a flutuar e desenvolver a coordenação de vôo, a concentração e o espírito de equipe. Está resolvido, fale com o professor Marcelo, Isabel, ele começa amanhã.

Capítulo 15

Um Jogo Diferente

No dia seguinte Isabel foi até o alojamento para me levar ao campo de aerobols, daí pensei comigo: “que jogo é esse”? Daí fomos até uma quadra que tinha no instituto, era uma quadra diferente, meio oval, parecia uma pista de corrida, mas no centro da quadra tinham quatro banquinhos com cores diferentes e em cada canto da quadra havia uma bandeirinha de cada cor, as cores eram: vermelho, azul, amarelo e verde. De repente chegou um homem perto de mim e disse:

— Olá, meu nome é Marcelo, sou instrutor de volitação e técnico de aerobols, pelo que me falaram de você vai ser um bom jogador. No início o aerobols foi criado para desenvolver a volitação, mas agora se tornou um esporte na colônia Jardim Érida, mas é uma coisa tranquila sem aquela febre competitiva dos jogos terrestres, a finalidade é sempre melhorar a qualidade moral e o espírito de equipe. Mas me conte rapazinho, sabe volitar?

Então respondi:

— Só saio do chão quando eu pulo amigo.

E a reação foi a mesma, todos riram, até Isabel que costuma ser séria e tímida. Daí o professor Marcelo me pegou pela mão e disse:

— Que resposta carismática! Mas agora vamos conhecer seus colegas e a quadra, hoje você só vai observar, mas amanhã vai aprender a volitar com a Dóris e quando estiver com as noções básicas de volitação vai entrar na equipe vermelha. Agora vou te mostrar os coletes que são usados e também as bolinhas que são arremessadas.

O colete que ele me mostrou era áspero, mas claro, só do lado de fora, semelhante a um velcro e as bolinhas eram leves e felpudas. Assim, quando eram arremessadas nos colegas, aderiam aos coletes e não machucavam ninguém. Mas enfim, Marcelo continuou dizendo:

— O objetivo do jogo é simples, cada jogador ganha doze bolinhas, ele tem que atingir o maior número possível de integrantes das outras

equipes, porém, integrantes da sua equipe não podem ser atingidos por você e você tem que cuidar para ser atingido o mínimo possível.

Nem preciso dizer que a primeira vez que joguei estava crivado de bolinhas. Mal o professor terminou de falar e eu dei uma risadinha. Isabel que estava conosco foi chamar a professora Dóris que estava ensinando volitação as crianças da Ciranda Colorida, dizem que as crianças se adaptam com facilidade ao mundo espiritual e aprendem muito mais fácil do que os adultos. Falando em volitação, me explicaram, ou melhor dizendo, a Isabel me explicou que é proibido volitar pela colônia, porque muitos não sabem volitar e na colônia ninguém humilha ninguém, só é possível volitar nos campos de aerobols ou nas pistas de volitação e sempre que tem alguma proibição é a Isabel quem diz: "não pode isso, não pode aquilo", e assim vai.

Mas continuando aonde eu estava. Dóris acabava de chegar, era muito simpática e me explicou assim:

— Se quer sair do chão não tem que impulsionar o perespírito, é preciso pensar em volitação, é a vontade que nos tira do chão e não a força.

Então pensei em flutuar para cima e Dóris me segurava pela mão, levantei um pouco do chão e perguntei:

— Dóris é você quem está fazendo isso?

— Não, é você e não se distraia.

Mal ela terminou de falar e caí meu primeiro tombo, ninguém riu, então ela me levantou e disse:

— Sadraque, você está indo bem, muitos no primeiro dia nem saem do chão, só que você precisa entender que ainda é muito cedo para volitar e se distrair, quando dominar bem a volitação então poderá conversar, olhar para os lados e etc.

— Tá certo. — Respondi.

Eu fiquei uns três dias treinando com ela, as vezes esquecia de usar a força da vontade e impulsionava o corpo espiritual e posso dizer que você se cansa mas não sai do lugar, o jeito mesmo é pensar para onde quer ir.

Quando adquiri noções básicas de volitação Dóris me levou até a quadra de aerobols e explicou ao professor Marcelo que em alguns dias eu já tinha aprendido as noções básicas. Flutuava de pé e planava deitado no ar, mas tinha dificuldades quando o assunto era deslocamento rápido e desvio de obstáculos, aliás a minha cabeça que o diga, pois dei uma trombada em uma árvore numa das aulas de desvio de obstáculos. Dóris falou que fazia parte, que era assim mesmo e aplicou um passe em minha cabeça.

Mas enfim, agora estávamos na quadra e o professor Marcelo me disse que jogaria a minha primeira partida. Eram quatro membros de cada equipe e eu faria parte da equipe vermelha e a Kim estava na minha equipe e disse:

— Sadraque, o jogo não é difícil, já sou veterana e vou te ajudar bastante.

Então respondi:

— Obrigado.

Mas pensei: “meu Deus essa menina não pode me ver e já vem para o meu lado, tomara que tenha vida própria”. Infelizmente esqueci que no mundo espiritual o pensamento é palavra viva. Daí a menina me olhou triste e disse:

— Sinto muito, não quero incomodar, se precisar de ajuda vou estar ali na arquibancada com as meninas.

Então Kim passou a mão no olho direito tirando uma lágrima e eu fiquei arrependido e fui atrás dela, só que quando eu ia pedir desculpas o professor Marcelo chegou e disse:

— Ei garotada, vamos todos pra quadra.

Entramos todos na quadra que era cercada por uma tela bem fina para que as bolinhas não se perdessem por aí caso não acertassem a equipe adversária. Então o professor explicou que eu era novato e que precisavam ter um pouco de paciência. Daí um rapaz chamado Deivid falou:

— Desculpa professor, mas eu não estou acostumado a aliviar a barra com ninguém, além do mais, eu sou da equipe amarela e ele da vermelha. Não vou dar os nossos pontos só porque é novato.

E o professor Marcelo interrompeu dizendo:

— Aqui o espírito de equipe e de solidariedade é o que mais soma pontos Devid.

Sabe, eu não fiquei chateado com o rapaz, afinal de contas eu merecia ser um pouquinho desprezado, a Kim só estava tentando me ajudar e eu não precisava ser grosso com ela. Enfim, antes de começar o jogo o professor explicou que ninguém poderia pousar, a regra era se manter volitando o jogo inteiro e as cadeiras que estavam no meio da quadra eram uma de cada cor e só um membro de cada equipe poderia descansar, os outros tinham que se manter flutuando, essa é uma maneira de ver se os mais fortes dão preferência aos novatos e aos mais fracos, essa atitude solidária conta cem pontos.

E então finalmente começamos o jogo, todo mundo voava rápido e se desviavam das bolinhas, quando terminamos o jogo eu tinha tanta bolinha cravada que parecia um arco-íris, meu colete vermelho estava com bolinhas de todas as cores, amarela, verde e azul. Só não tinha bolinhas vermelhas porque a regra não permitia, se não... eu era muito ruim nesse jogo, mas foi divertido. Afinal de contas eu não ficava entediado e com o tempo fui melhorando, indo toda tarde jogar aerobols.

Hoje posso dizer que quase não sou atingido e tem dias que nossa equipe dá um banho de bolinhas nos outros integrantes. Graças a esse jogo comecei a ganhar um benefício que funciona assim: a equipe vencedora tem direito a um passeio em outra colônia; e como nossa equipe foi a vencedora da última semana, tivemos o direito de visitar uma colônia na Espanha, chamada Arbol de la Vida.

Capítulo 16

Duas Promessas para a Terra

Depois de retornarmos da excursão que durou uns três dias, Crisânia me levou em um dos lagos da colônia Jardim Érida e me disse:

— Aqui no lago existe uma fruta que ainda não conhece, essa fruta um dia será uma promessa de cura para a AIDS no planeta Terra, mas essa planta evoluirá na Terra num futuro ainda mais distante, quando a AIDS deixar de ser um problema moral, então Deus dará esse presente aos homens.

Daí ela me deu um macacão que era semelhante a um plástico e disse:

— Se quer conhecer a planta mais de perto temos que entrar na água, esse macacão vai te manter sequinho porque a água da Terra pode não te molhar, mas em compensação essa aqui!

Coloquei a roupa que ela tinha me dado e entramos no lago, a planta era muito parecida com uma vitória régia, mas no lugar daquela flor bonita que fica no centro da planta, existe um cacho de frutas bem vermelhas cor de sangue, são redondinhas, parecem jabuticabas e por dentro são bem brancas como leite. Então conversei com algumas coletoras que estavam no lago, elas estavam colhendo as frutas para levarem a uma das processadoras da colônia onde produzem o suco fornecido para o Hospital Rosa Lilás. Então me lembrei que tomei esse suco, é muito parecido com gosto de guaraná e maçã ao mesmo tempo. Então Crisânia pegou em minha mão e disse:

— Vamos sair do lago agora, existe uma outra fruta desconhecida que um dia será um presente para a humanidade também.

Daí me levou até a uma árvore baixa e me mostrou uma fruta aproximadamente do tamanho de uma maçã, só que tinha a forma de uma moranga e era amarela feito juá, tendo a consistência de um tomate e com um gosto que não dá pra comparar com as frutas da Terra. É um gosto

desconhecido e não posso explicar, mas é muito bom. Então Crisânia explicou mais uma vez:

—Quando a Terra sofrer as mudanças necessárias tanto climáticas quanto morais, então essa fruta também será dada aos homens como cura para o câncer, por enquanto tudo que Deus permite é uma inteligência razoável para produzirem medicamentos.

— Essas frutas têm nome? — Perguntei.

Então Crisânia respondeu:

— Sim querido, a fruta vermelhinha da planta aquática chama-se narguida aqui na colônia e a fruta amarela da árvore chama-se andreja, mas provavelmente na Terra terão outros nomes, mas o que importa são os benefícios. Ah Sadraque, tenho uma notícia pra você. No período da tarde já está ocupado com o aerobols, mas no período da manhã a diretora Bey me designou para te dar um novo trabalho, então vai trabalhar como coletor de narguidas.

E eu meio contrariado, respondi:

— Vou ficar o dia todo ocupado desse jeito?

Ela nem ficou contrariada e com paciência respondeu:

— Querido Sadraque, já ouviu falar que mente desocupada é oficina do mal? Além do mais você é bem travesso e tempo livre demais não te fará bem, você passa o tempo todo pensando e não queremos que pense nas tristezas do passado, é uma maneira de te manter livre de uma possível crise até que possa falar do suicídio e de outros erros, sem que as lembranças te façam mal. Além do mais os coletores se divertem, de vez em quando fazem sua guerrinha de água e pode comer quantas frutas tiver vontade. É um trabalho agradável não acha?

Mas eu fiquei em silêncio, na Terra passava a maior parte do tempo na frente do computador jogando e batendo papo na internet, não ajudava minha mãe a lavar a louça porque tinha nojo dos restos de comida e agora passaria a manhã toda dentro de um lago encharcado. Mas Crisânia leu meus pensamentos. Pensa num lugarzinho que nem pra pensar sem ter alguém bisbilhotando é possível.

E enfim, ela respondeu:

— O macacão que está usando é um presente e é impermeável, não vai colher as frutas em péssimas condições, mas que você vai trabalhar isso vai.

Então indignado, disse:

— Não gosto que mandem em mim e se eu não trabalhar, o que acontece?

Então ela me respondeu apenas com um olhar severo e com uma palavra:

— Reencarna.

Daí eu não tinha mais argumentos, não gostava da minha existência terrestre, sei que um dia terei que voltar, fazer o que, mas agora por enquanto não. Mesmo porque, já tinha abandonado o Vale do Choro, aquele lugar horrível, mas não estava tendo a minha liberdade como sempre tive na minha casa. Tinha a ideia de que na colônia eu poderia fazer o que eu quisesse, eu queria mexer no computador que me deram de presente e estava lá no meu quarto, estava curioso pra ver como funcionava, será que tinha jogos ou internet? Ou talvez, aquela tecnologia não trouxesse nada daquilo que eu esperava encontrar. Enfim, estava cheio de perguntas enquanto aquela máquina estava lá no quarto me esperando eu tinha que ficar no lago colhendo frutinhas! Crisânia leu meus pensamentos mais uma vez, mas não disse nada, só que agora eu estava enxergando e pude ver um sorrisinho disfarçado, acho que a vontade dela era dar uma gargalhada daquelas, mas como me respeitava ficou só na vontade mesmo.

Daí nós saímos daquele campo e fomos até uma sala onde tinham alguns cabides e Crisânia disse:

— Pendure seu macacão em um desses cabides, ninguém vai pegar o macacão enganado, ele tem o seu nome e uma numeração, aqui todos respeitam o espaço dos demais, isso é uma das regras básicas da colônia.

Tirei o macacão e pendurei, e para minha surpresa eu estava bem sequinho, então ela disse:

— Viu como é impermeável? — E ela continuou dizendo. — Ah Sadraque e tem mais uma coisa, precisamos desenvolver seu lado afetivo, então vai dedicar uma hora de cada dia brincando com as crianças da Instituição Ciranda Colorida, e você já sabe que são todas vítimas da guerra, então terá de ter paciência e ser amável. Vai começar essa tarefa amanhã a uma hora da tarde.

Dei uma bufada e pensei: “Meu, crianças, que saco!

Crisânia dessa vez não se segurou, dando uma risada estridente. Até Isabel estranhou, pois Crisânia não tinha esse costume e disse:

— Menino, não tem como ficar entediada cuidando de você, mas infelizmente tenho que te deixar, pois tenho cargos no Ministério e no Hospital Rosa Lilás e preciso trabalhar, eu amo meu trabalho, mas ficar com você é divertido, você é alegre, mesmo que faça o possível para parecer aborrecido.

Gostei do elogio que recebi da Crisânia. Então fui para o meu alojamento, fechei a porta do meu quarto e sentei em frente a mesinha e disse:

— Agora sim, vou descobrir como funciona essa máquina.

Eu ia apertar o botão para ligar o computador, quando ouvi batidas na porta:

— Tem alguém ai?

Era a voz da Kimberlly, sinceramente a minha vontade era ficar bem quietinho pra que ela fosse embora, mas eu já tinha sido grosso com ela antes, então o jeito foi responder:

— Entra Kim, o que você quer?

Ela ficou feliz, mas sinceramente eu achava ela meio sonsa, eu já tinha dito para ela entrar e ela veio com uma perguntinha besta:

— Posso mesmo?

Ah faça mil favor, eu já tinha deixado ela entrar, afinal de contas bateu na porta mesmo, mas como vi que ela ficava plantada ali, disse:

— Entra Kimberlly, já que você chegou me diga, o que você quer.

Então ela falou:

— Sabe Sadraque, eu trabalhei bastante e tenho uma boa quantia de bônus hora.

— É coisa de celular? — Interrompi perguntando.

Kimberlly deu uma risadinha e explicou:

— Não é nada disso, quando trabalhamos na colônia ganhamos uma espécie de incentivo, tenho esse cartão e quando trabalho recebo um ponto por hora, e se o trabalho for feito com dedicação e amor e estiver perfeito ganho três pontos hora. É que as pessoas da Terra estão acostumadas com remuneração, então as colônias adotaram o sistema bônus hora para incentivar o trabalho e a dedicação. Mas como eu estava dizendo, vim para te convidar para ir comigo a praça das luzes hoje a noite. É uma praça linda onde os cidadãos da colônia podem se entreter e hoje vai ter uma peça musical a respeito da história de Jesus e também vão contar a história de Chico Xavier, um discípulo do bem e hoje a noite Crisânia vai dar um mimo para quem assistir o musical, é um cisne de cristal bem bonito.

Ela me convidou com tanto entusiasmo, estava querendo mesmo que eu fosse, então eu disse:

— Tudo bem Kimberlly, eu vou com você, você passa aqui para me levar? Sabe o que que é, não conheço nada na colônia.

Então ela respondeu:

— Não se preocupa, sei que é novo aqui, passo para te pegar as sete e meia, o musical começa as oito. Sara, Rebeca e Samanta também vão com a gente.

Então ela saiu, enquanto isso pensei: “Cisne de cristal? O que que eu vou fazer com isso? Eu já tenho vinte e quatro maçãs de cristal, tá certo são bonitas, mas são vinte e quatro! E a minha estante já está lotada, já decorei todas as letras, algarismos, sinais matemáticos, cores e bláh bláh bláh”... Então deitei na minha cama e cochilei um pouco.

Capítulo 17

Uma Noite Incomparável

Eu estava no meu quarto e Kimberlly foi na hora marcada, foi acompanhada com as amigas como tinha falado, elas estavam felizes, rindo e Kimberlly disse:

— Então, vamos?

Daí uma moça que estava com ela comentou:

— Nossa Kim, convidou ele também? Se eu soubesse tinha ficado no alojamento.

Kimberlly ficou sem jeito e respondeu:

— O que que isso Sara? Ele não te fez nada.

Mas Sara interrompeu dizendo:

— É ele não me fez nada, mas eu vi você chorando. Que saco Kim, você sempre deixa os outros pisarem em você.

Então Kimberlly ficou séria e respondeu:

— Verdade Sara, lembro como você me humilhava também na sala de ciências.

E Sara disse que era coisa do passado, e então Kimberlly pediu a ela que me desse uma chance também. Depois desse incidente fomos todos a Praça das Luzes, o lugar era tão lindo que até esquecemos a pequena discussão e lá, um coral cantava uma linda canção. Eles estavam com uma beca branca cravejada de pedrinhas e conforme as luzes refletiam nas pedrinhas, dava pra ver todas as cores do arco-íris refletindo nelas. A iluminação na praça era bem distribuída, os jardins eram perfeitos de um verde vivo, a pavimentação das ruas era bem branca, parecia mármore e a lua e as estrelas nas colônias são incomparáveis. O céu é muito limpo e os ministros tem o cuidado de fazer com que a iluminação seja projetada de uma forma que não esconda a luz das estrelas e nem da lua, é tudo muito

difícil de explicar, principalmente uma pessoa como eu que estava enxergando a apenas alguns meses.

Enfim, o musical começou, eles contaram a história de Jesus e um cantor que fazia o papel de Cristo, cantou o sermão da montanha com uma melodia muito bonita, toda a história do evangelho foi cantada e não enfatizaram a história da cruz, mas sim os ensinamentos de Jesus e suas obras de cura e caridade eram o principal tema no musical. Afinal de contas, chicotadas, gemidos e sangue não cicatrizam o coração da humanidade, são as palavras de Jesus em nossos atos que fazem a diferença.

Enfim, quando o festival terminou eu estava chorando, os atores transmitiram uma energia emocionante e depois do espetáculo eles mesmos distribuíram os cisneis de cristal. Para minha surpresa o ator que fez o papel de Jesus Cristo foi quem me deu um cisne e disse:

— Lá no palco fiz o papel de Jesus Cristo, mas meu nome é Luiz Augusto. Aqui neste cisne está gravado em uma folha de ouro o sermão da montanha.

A folha de ouro estava embutida dentro do cristal transparente e o sermão da montanha era bem legível.

— Esta pequena lembrança é para que você não esqueça as palavras que podem mudar a sua vida, sua existência será transparente e completamente feliz se essas palavras estiverem gravadas em seu coração. — Disse Luiz Augusto.

Daí fiz um gesto sem pensar, quando percebi já tinha dado um abraço em Luiz Augusto e estava chorando, o sermão da montanha que ele cantou tocou profundamente meu coração. Depois que Luiz Augusto se retirou, Kim me levou de volta e quando cheguei a porta do quarto, ela me disse:

— Muito obrigado por ter me acompanhado, gostei muito que você aceitou o convite, boa noite.

Então respondi:

— Espera Kim, o espetáculo foi muito melhor do que eu esperava e o mimo que ganhei tem muito mais importância do que eu achava que tinha,

agora me responda uma pergunta: sabe mexer nesses computadores dessa colônia?

— Claro que sim. — Ela respondeu.

Então ela ligou a máquina e não era no botão que eu imaginava, daí ela me mostrou um emblema de coração dourado e disse:

— Está vendo esse coração? É um arquivo das preces que seus familiares e amigos dirigiram a você e este outro ícone de um olho serve para ver regiões diferentes da colônia.

E assim foi me ensinando a mexer naquele computador, perto dela eu era um ignorante, porque mexer naquele tipo de computador é bem diferente do que mexer nos computadores terrestres, então perguntei a ela o seguinte:

— Kim, esse botão grande que eu pensei que servia para ligar o computador, pra que serve?

Daí ela respondeu:

— Para entrar em contato com outros membros dessa ou de outras colônias que estiverem conectados a sua máquina, a aula de informática está interessante, mas já é um pouco tarde e tenho que cumprir os meus horários, não quero aborrecer a diretora Bey, ela é muito paciente e merece nosso respeito, tenha uma boa noite amiguinho.

Então respondi:

— Amiguinho não, Sadraque por favor. Amiguinho parece bichinho de estimação.

Daí ela foi para o seu alojamento rindo bastante. No dia seguinte cumpri meus horários conforme Crisânia havia estipulado, fui até a plantação, entrei no lago e ajudei os coletores a colher as frutinhas, ou melhor dizendo, dei um pouco de trabalho a eles. Volte e meia cometia uma gafe e os coletores me ensinavam pacientemente. Depois de terminada minha tarefa, fui para o refeitório do instituto, acompanhado da Kim e do seu amigo Kevin. A comida estava gostosa, era uma sopa de vegetais e para

tomar, um suco de andreja, como se eu já não tivesse comido andrejas o bastante.

Enfim, depois do almoço chegou aquela hora de visitar os pequenos, daí Isabel veio até o refeitório e fez seu comentário assim:

— Sadraque, agora é hora de irmos, as crianças já estão te esperando, já avisamos a elas que vai passar um tempinho brincando lá e já estão bem curiosas porque você era cego e voltou a enxergar.

Deu a impressão de que ela estava me provocando, mas não, é o jeito dela, o problema estava comigo, mas enfim, fui grosso e falei:

— Também falou pra elas da cordinha?

Daí Isabel ficou um pouco irritada e falou com autoridade:

— Sadraque, que falta de sensibilidade, não é à toa que Crisânia pediu para que se enturmasse um pouco com as crianças que foram vítimas de guerra, já existiu muita violência no histórico deles, eu jamais faria um comentário ridículo desses e espero que também não faça.

Então fiquei sem jeito e respondi:

— Desculpa Isabel, é que eu não gosto muito de crianças.

— Não gosta muito! Ela respondeu.

Então fomos caminhando até a Ciranda Colorida, era uma escola legal e umas vinte crianças se aproximaram de mim, mas estavam acompanhadas de uma professora que chamavam de tia Simone. Ela me explicou que aquelas crianças vinham de vários lugares, algumas eram de Israel, outras do Iraque, da Angola e Sijordânia, então perguntei a Simone:

— A última menina que eu vi aqui não falava minha língua, como vou brincar com eles?

— Já pensamos nisso. — Respondeu Isabel e continuou. — Essas crianças aqui vão entender você muito bem e a linguagem do amor é universal, amor Sadraque!

Então tia Simone comentou:

— Me parece que ele não tem jeito com crianças Isabel, tem certeza que vai dar certo?

Daí Isabel olhou sério e respondeu:

— Sinceramente não tenho certeza, mas Crisânia sabe o que faz, por via das dúvidas fique junto com as crianças Simone.

Daí Isabel se despediu e apesar de termos nossas diferenças eu reconhecia o trabalho dela, não é uma tarefa fácil reabilitar suicidas e falo por mim, ela tinha muito trabalho, a noite ela socorría nos umbrais e durante o dia educava os socorridos. Eu estava com as minhas considerações quando uma menininha me puxou pela mão e disse:

— É verdade que você era cego?

— Era sim. — Respondi.

Algumas daquelas crianças eram bem carentes e antes que eu esperasse um abraço, me beijavam e ficavam me puxando para lá e para cá, fiquei com elas e fazia de tudo um pouquinho, respondia perguntas, empurrava o balanço, dava impulso no gira-gira, claro, tudo com o auxílio da irmã Simone, imagina eu sozinho com vinte crianças! Não daria certo.

Quando terminamos, irmã Simone pediu para que as crianças fossem ao refeitório, elas obedeceram imediatamente e Simone me disse:

— Sadraque, sabe quanto tempo ficou aqui?

Então respondi:

— Umas duas horas eu acho.

— A tarde toda. — Ela respondeu e continuou. — Você não gostou?

— Até que não foi ruim. — Respondi.

Então passei a cumprir minha rotina todos os dias, eu já estava acostumado, já estava fazendo amigos coletores, as crianças já estavam acostumadas comigo e eu estava começando a gostar bastante da menina Fátula que estava aprendendo algumas palavrinhas em português e me chamava de Xadraque, fazer o que né. Volte meia eu corrigia, mas não

adiantava muito. No aerobos já estavam me chamando de craque, se bem que acho que estavam exagerando, porque quem começou com essa história foi a Kimberlly, falando nela é uma ótima professora de informática eu já estava mexendo bem no computador que me deram. Vários indivíduos da colônia estavam conectados no meu computador e Kimberlly me ensinou uma maneira de ver entes queridos, mas explicou:

— Se sua vibração estiver ruim o leitor não funciona, é uma medida de proteção da colônia, todas as imagens e preces enviadas são revisadas pelos Ministros da Comunicação que só deixam chegar aos computadores imagens positivas.

E assim Kimberlly se despediu e a cada dia eu estava me acostumando com a rotina da colônia.

Capítulo 18

Um Dia Não Muito Agradável

Como sempre todas as tardes eu me dirigia para o internato de crianças Ciranda Colorida, foi quando avistei as amigas de Kimberlly e fui falar com elas. E chegando perto, consegui ouvir a conversa e Sara dizia para uma outra moça:

— Preciso sair daqui, quero voltar para casa.

E a outra respondia:

— Mas Sara, aqui não é um lugar ruim e na sua casa ninguém vai te ver.

Sinceramente fiquei feliz em escutar aquela conversa, eu estava gostando muito da colônia, mas no fundo queria voltar pra casa é uma vontade muito boba eu sei, mas a maioria sente, queria saber como andava minha família. Então cheguei perto das meninas e perguntei:

— Então vocês querem mesmo ir pra casa? Porque eu também quero, tem como sair?

A tal Sara fez uma cara fechada e me respondeu:

— É claro que eu quero voltar pra casa, mas querer é uma coisa e voltar é outra. Você não vê que a colônia é toda murada e tem uma abóboda transparente por cima.

Então eu respondi:

— Mas podemos pedir permissão.

Então ela respondeu:

— Não vão nos dar permissão porque ao chegar nas nossas casas não vamos querer voltar pra cá.

Então ela ia se retirando quando eu resolvi perguntar:

— Onde podemos nos encontrar para conversarmos?

Então ela me respondeu:

— Ah, não enche!

Então respondi:

— Sua grossa!

Daí Crisânia percebeu a discussão e se aproximando, perguntou com autoridade:

— O que está acontecendo aqui?

— Nada não. — Respondeu Sara.

Então Crisânia respondeu a ela:

— Se for para mentir não diga nada Sara, vá para o seu alojamento e Sadraque venha comigo, não alimente discussões, hoje você irá até o pavilhão azul.

Daí fiquei pensando: “pavilhão azul, que lugar é esse”?

Ela sentiu meu pensamento e respondeu:

— É um lugar muito semelhante aos ginásios que conhece na Terra, lá fazemos palestras e também assistimos as vidas dos que precisam se reabilitar.

— Como assim? — Perguntei.

Então ela pegou a minha mão e respondeu com calma:

— Prefiro que você veja o lugar por si mesmo, então vai entender naturalmente. Já vou adiantando que não é muito agradável, já que se trata de reabilitação, mas é completamente necessário. Agora vamos, a sua turma já está lá.

Fiquei um pouco apreensivo, o dia sinceramente não começava bem, fui tentar fazer amizade e levei uma bronca daquelas, e agora esse pavilhão! Enquanto eu pensava distraído chegamos. O pavilhão azul era muito bonito, era tudo feito de mármore, um mármore azul piscina e tinha detalhes nas paredes de folhagem feitas de cerâmicas vitrificadas, as plantas eram todas

brancas, o branco com o azul davam um contraste lindo, o teto era todo branco e a iluminação formava o sistema solar e algumas constelações, claro, só sei disso porque Crisânia me explicou, porque quando cheguei lá pensei: “o que significam esses rabiscos bonitos”?

Enfim, aos poucos o ginásio foi ficando cheio, alguns eram membros da minha turma e outros eu nem conhecia, então entrou um senhor que foi até a tribuna saudando a todos, dizendo:

— Sejam todos bem vindos sou Virgílio Santiago e vou iniciar esse processo de reabilitação juntamente com a irmã Crisânia, a irmã Isabel e a irmã Paula, peço que antes de mais nada não se condenem, essa sessão não é de julgamento, mas de auto análise e antes de iniciarmos vamos fazer uma prece.

Então irmão Virgílio chamou Crisânia para fazer uma prece e ela indo até a tribuna, começou uma prece muito bonita que dizia mais ou menos assim:

— Pai de infinita bondade, agradecemos porque seu amor reúne as luzes que se espalham, porque a tua justiça resgata antes de punir, porque a tua luz alcança os lugares mais sombrios, te agradecemos também a presença de todos esses amados e antes de mais nada, Jesus esteja conosco! O bom pastor que agora vai acolher conosco as ovelhinhas perdidas da casa de Israel que hoje representa todo o planeta, que todos possamos subir de forma mais rápida e mais suave na escala da evolução, que assim seja!

Nossa, quase chorei com a prece, mas não demoraria muito pra outra pessoa chorar. Logo que a prece ter terminada o bondoso Virgílio chamou:

— Kimberlly Foster, venha aqui.

Então ela foi até a tribuna e a irmã Paula trazendo uma cadeira, pediu para que Kimberlly se sentasse, a cadeira até que era confortável dessas que a gente fica praticamente deitado. Então Crisânia colocou algumas coisas na cabeça de Kim que pareciam eletrodos e uma mancha luminosa apareceu no telão na frente de nós. Daí Virgílio disse:

— Vamos assistir a vida de Kimberlly através de suas imagens mentais e assim podemos analisar quais as causas do suicídio.

Então as manchas luminosas foram se transformando numa cena, víamos uma ceia de natal e a família de Kimberlly reunida, ela parecia ter uns sete anos, de repente o pai se retirou da sala para atender uma ligação, passou um tempo e enquanto a família de Kimberlly se entretia na sala, seu pai pegava pouca bagagem e fugia, o pai dela deixou a família por outra mulher.

Enquanto via a cena pensei: “em pleno natal, que coisa mais ridícula, mas fazer o que”. Logo depois vieram outras cenas, Kimberlly sofria bullying na escola na adolescência e não desabafava com ninguém, afinal de contas seu pai não morava mais com ela e a mãe vivia no trabalho. Nesse período uma senhora apresentou a ela a seita “A Porta do Céu” e quando foi ao encontro deles pela primeira vez, também encontrou lá sua amiga Sara Benson. Tudo isso nós assistíamos nas cenas que estavam sendo mostradas no aparelho que chamavam de Relator, sinceramente eu preferia chamar de aparelho dedo duro.

Mas enfim, as cenas mostravam que na escola as duas não eram exatamente amigas, mas como estavam frequentando aquela seita escondidas se tratavam assim: “eu não falo de você e você não fala de mim”. Logo as cenas mudaram e para piorar nesta próxima cena de Kimberlly o tio a desrespeitava, em uma cena seguinte Kimberlly contou a sua mãe a respeito dos abusos do tio, mas a mãe de Kimberlly já havia descoberto a respeito da seita “Porta do Céu” e reclamou a filha que eles estavam fazendo lavagem cerebral nela. Tá certo que isso era uma verdade, afinal essa seita pregava que através do suicídio os membros deixariam este mundo para habitar um mundo mais pleno. A mãe de Kimberlly a mandou para o internato onde ficaria longe de problemas e da seita. Na cena seguinte, Kimberlly já estava no internato e quem ela encontra lá? Sara Benson é claro. Daí elas continuaram mantendo contato com a seita pela internet, que burrice, esses adultos esquecem da internet! Aos finais de semana Kimberlly voltava para a casa da mãe e em uma dessas visitas Sara foi com ela, então as duas fugiram de bicicleta a tarde para a sede da seita “Porta do Céu”, e era justamente o dia marcado para o suicídio coletivo. E infelizmente, todos morreram a noitinha, porque após uma cerimônia todos beberam cicuta e morreram envenenados, elas e mais vinte e quatro pessoas morreram naquela reunião. E como quase todo suicida, enfrentaram suas lutas no

Umbral, assim como eu, e pensei enquanto assistia tudo: “nossa que mundo pleno encontraram”.

Daí Kimberlly já não era mais a mesma, tiveram que interromper a sessão aplicando nela passes tranquilizantes, ela chorava compulsivamente e repetia: “por que estão fazendo isso comigo? Quero sair daqui, eu não fiz nada pra vocês, eu já sofri o bastante”! Então Virgílio interrompeu dizendo:

— Este processo é para sua recuperação e da recuperação dos outros, aqui existem pessoas preparadas para que vocês não entrem em crise, enfrentar o problema é melhor que fugir dele e enfrentar com amigos é ainda melhor. Kimberlly, em nenhum momento te acusamos, só mostramos a sua história através da sua mente é você quem se acusa, nós só queremos reabilitar você, mas os nossos irmãos da crosta preferem se sentir culpados quando deveriam se sentir responsáveis pelo mal que causam aos outros e a si mesmos. Querida, você acha que a vida foi injusta com você, mas Deus é justo, porque existem muitas vidas, vamos mostrar suas outras vidas agora mesmo através de alguém mais preparada, Sara venha até aqui, Virgílio chamou.

— Eu não vou! — Ela respondeu.

— Se você não quer curar-se não vamos força-la. — Virgílio respondeu e continuou. — Irmã Crisânia, pegue os arquivos na colônia a respeito de Kimberlly. Sara está dispensada da sessão e peça a irmã Paula que encaminhe ela ao Internato Renascer, vamos encaminhá-la para a reencarnação. Ela está aqui há meses e não progride, só na Terra poderá aprender, então meus amigos, mais alguém quer acompanha-la?

Fiquei bem quietinho, eu queria ir para casa, mas reencarnando não! Se já nasci cego antes, nem quero pensar na próxima. Enquanto eu pensava, trouxeram os relatórios da vida passada de Kimberlly. Ah, falando nela, depois que terminou nossa sessão, tiveram que levá-la para o hospital Rosa Lilás, ela não sofreu nenhuma crise, era só para mantê-la em observação mesmo. Enquanto isso colocaram na tela a vida passada de Kimberlly, era uma condessa muito importante que humilhava escravos indígenas quando a américa foi colonizada pela Inglaterra e não respeitava o casamento com o conde, tinha suas aventuras amorosas e costumava castigar os índios que trabalhavam em sua casa com a fome, humilhações e maus tratos, além do

mais dedicava seu tempo apenas a moda da época e à ostentação de seus recursos. Por isso, suas três filhas ficavam aos cuidados dos servos e uma das filhas era a mãe de Kimberlly e seu tio era um dos muitos escravos. A seguir vi outras cenas, agora a condessa estava no mundo espiritual, já desencarnada e se comprometia a ter as provas que sofreu como Kimberlly e claro, não suportou a pressão e recorreu ao suicídio. Então pensei:" será que vim cego por coisas de outras vidas? Será que também vou passar pela experiência do relator? Sinceramente eu não quero, mas não vou enfrentar esses grandes amigos como fez a Sara, eu quero me reabilitar"! E estava pensando nisso quando Virgílio nos disse:

— Deus é sempre justo amados, não reclamem pelas provas que passaram ou que terão que passar, hoje vimos que a frágil Kimberlly foi uma mulher dura, frívola e fútil, e não devemos julgá-la por isso, afinal de contas, quase todos aqui passamos pelo território da maldade, inclusive eu mesmo, mas hoje compreendo que o amor e o trabalho são a fonte da felicidade eterna e hoje não consigo mais desprezar, oprimir e destruir. Vocês todos podem ser ainda melhores do que sou agora. Amados, se fortaleçam na verdade, no amor e na justiça! Não condenem a nossa amiga Kimberlly, afinal de contas, todos os que aqui se encontram passarão pelo relator.

Até amanhã Sadraque, será o próximo.

— Sim senhor! — Respondi e continuei. — E posso te pedir uma coisa? É que eu não enxergava antes, eu estou te vendo daqui e estou acostumado a abraçar as pessoas que me trazem conforto e segurança, eu posso?

Ele não me respondeu nada, só veio em minha direção e me abraçou, senti uma energia muito gostosa, senti um amparo de pai. Então brinquei dizendo:

— Papai Virgílio e mamãe Crisânia!

Todos riram, então Crisânia disse:

— Amados, vamos fazer uma prece, afinal de contas o dia foi bem cheio e tudo que precisamos agora é descansar. Tenham um ótimo restante do dia.

Então Crisânia fez uma prece e depois se despediu abraçando a todos e olha que tinha umas duzentas pessoas no pavilhão, o amor desses irmãos é incomparável, um dia quero amar assim!

❧

Capítulo 19

Enfrentando a Consciência

Eu havia acabado de deixar o Pavilhão Azul, ainda era muito cedo e então resolvi visitar a minha amiga Kimberlly que estava no hospital Rosa Lilás por conta da experiência no relator. Pedi autorização a Isabel e ao professor Marcelo para dar uma olhadinha nela. O professor Marcelo me dispensou do aerobols então, mas disse que no outro dia eu teria que compensar o tempo. Todos na colônia são muito exigentes quando se trata de horário, mas é uma exigência que não pesa.

Enfim, fui ao hospital e logo me levaram ao quarto onde Kimberlly estava. Chegando lá, ao lado dela uma surpresa agradável era a enfermeira Miranda quem estava cuidando da minha amiga e então eu disse:

— Que bom que você está aqui Miranda, até agora nem tive tempo de te agradecer, você se arriscou por mim fingindo que era uma venerada para me ajudar e me tirar daquela porcaria de Vale.

Então ela me interrompeu dizendo:

— Modere as palavras Sadraque, por mais que não entendamos aquele lugar sinistro é um instrumento de purificação, foi o que aprendi aqui na colônia.

— E a Kimberlly, como ela está? — Perguntei.

Miranda chegou mais perto e respondeu baixinho:

— Ela está dormindo, vamos deixá-la descansar um pouco, se quiser conversar vamos a uma salinha que eu fico de vez em quando.

— Pode ser. — Respondi.

Daí chegamos na salinha e ela me ofereceu uma fruta e perguntou:

— Da onde você está vindo?

— Do Pavilhão Azul. — Respondi.

— Ah, então já começou sua reabilitação. — Ela comentou.

Nós estávamos nessa conversa quando uma outra enfermeira entrou e disse:

— Miranda, Kimberlly está acordando.

Então eu e Miranda fomos até o quarto. Chegando lá, Miranda perguntou se Kimberlly estava bem, ela respondeu que sim, então ficamos conversando ali um pouco e eu perguntei a Kimberlly:

— Amiga, quando a gente vai pro relator, dói alguma coisa? Porque você estava chorando muito.

— Não, não, só a consciência dói. — Ela respondeu.

Daí Miranda interrompeu dizendo:

— Logo que cheguei a colônia fui bem amparada, muitas lembranças chegaram sozinhas a minha mente e não precisei do auxílio do Relator, mas é bom que aproveitem essa ferramenta, o irmão Virgílio está muito preparado para auxiliar vocês nessa jornada.

Então Miranda foi para um canto do quarto, sentando em uma cadeira que estava perto de uma mesinha, ela era uma enfermeira muito prestativa, mas dava para ver que estava muito pensativa, cheguei mais perto e me espantei, pois senti os pensamentos dela, estava fazendo uma prece em favor do Wagner, o tal venerado. Esperei que ela terminasse a prece e perguntei:

— Miranda você reza por esse cara?

Então ela me disse:

— Por que não Sadraque? Eu estava na mesma situação e me reabilitei.

Então disse a ela:

— Amiga me perdoe a expressão, mas aquele cara é um bicho ruim.

Ela me interrompeu mais uma vez e me disse com carinho:

— Sadraque, modere as palavras, maus fluídos podem prejudicar a Kimberlly e peço que não se aprece em julgar, porque Wagner se interessou

muito por você e pelo que me parece, o interesse era muito mais emocional do que puramente calculado, então provavelmente vocês tem história em alguma encarnação.

— Nossa! — Respondi.

A conversa estava interessante, mas Miranda me disse que precisava atender outra paciente, se eu quisesse ficar mais um pouquinho com a Kimberlly tudo bem, mas que não fosse muito. Daí ela se retirou e a Kim me perguntou:

— Você não tinha que ir para o time hoje?

— Me liberaram. — Respondi e continuei. — Eu queria ver como você ficou depois da história do Relator.

Daí ela me olhou e respondeu:

— Ah Sadraque, eu tô legal, eu só vim pra cá porque é assim mesmo, você também terá que ficar aqui um pouquinho. Sei lá, acho que é o procedimento.

— E é sempre a Miranda quem cuida da gente? — Perguntei.

— Geralmente. — Ela me respondeu e continuou. — Eu já vim pra essa enfermaria e foi ela quem me atendeu, só que não foi por causa do Relator.

— Ué, por que então? — Perguntei.

Daí ela sentou na cama e respondeu:

— Tive algumas crises, mesmo na colônia.

— É, eu lembro, eu vi uma dessas crises no Grupo de Apoio. — Respondi.

Então eu me despedi dizendo:

— É Kimberlly já vou indo, logo a gente se vê.

Então ela se deitou de novo e eu saí. O dia se passou e a noite eu não dormi, é porque nesse tempo eu ainda dormia, só que estava ansioso demais.

Daí saí do alojamento antes que o sol nascesse e fui para o Pavilhão Azul sozinho mesmo. Fiquei lá sentado, tudo estava fechado, ninguém estava lá. De repente ouvi uns passos, olhei para o lado e vi uma amiga que não via a semanas.

— Nossa Tomásia! Você por aqui? — Perguntei.

— Pois é, acordo cedo. — Ela respondeu e continuou. — É que trabalho cuidando das roupas do hospital, foi o trabalho que a Miranda conseguiu pra mim, é bom, tenho bastante amigas. Eu moro na residência Ninho Azul, eu e mais seis mulheres estamos aprendendo a importância de gostarmos mais de nós mesmas do que gostar de alguém acima de nós. É bom ter um companheiro de jornada, mas quando caminha pacientemente ao nosso lado, é o que diz a irmã Celeste. É que as minhas colegas também se mataram por causa do abandono dos companheiros.

— Pois é, que situação triste. — Respondi.

Nós estávamos ali conversando quando chegou Crisânia, Virgílio a irmã Paula e o irmão Felipe. Então Virgílio me perguntou o seguinte:

— Sadraque, tão cedo aqui? — E continuou. — Com certeza deve estar muito ansioso, mas vai esclarecer algumas coisas hoje e pode ser bom ou ruim, vai depender muito da maneira que você enxerga as coisas. Se enxergar de maneira pessimista vai se acusar, mas se for otimista vai compreender alguns irmãos que procederam mal com você. Geralmente são questões mal resolvidas, talvez até aprenda a valorizar estes companheiros de jornada que colocam obstáculos em nossos caminhos.

— Muito bem Virgílio, é isso mesmo. — Crisânia completou.

Então a irmã Paula e o irmão Felipe foram abrindo as portas e ascendendo as luzes. Daí Tomásia se despediu de nós e Crisânia me disse:

— Sadraque, olhe para frente, o sol está nascendo. Na colônia as estrelas são muito mais nítidas a noite e quando o dia chega o sol é mais bonito e o céu mais azul.

Então eu perguntei:

— Ué, em que estação estamos aqui? É inverno ou verão? Porque o clima está bem bom.

Então ela respondeu:

— Nas colônias o clima sempre é agradável, nos Umbrais é que geralmente é muito frio ou um calor insuportável, mas vamos entrando.

Daí ela me pegou pela mão e me disse:

— Já que chegou cedo demais, vou te mostrar alguns de nossos arquivos a seu respeito.

Então ela me mostrou um aparelho e colocou na minha mão três quadradinhos que pareciam dados e me explicou:

— Está vendo um círculo marcado em um dos lados desse quadradinho que se chama cubo relator? Encaixe esse círculo no aparelho a sua frente.

Eu encaixei e vi cenas da minha infância que podiam ser projetadas na tela ou por todo lugar. Ela me mostrou uma cena onde eu brincava com a minha irmã em uma rede e me disse:

— Estou te mostrando uma cena leve porque ainda não está na hora de se expor ao relator, assim você relaxa e não fica tão ansioso.

Então ela me mostrou cenas engraçadas da minha vida, como quando eu era bem curioso e levava um choque ou outro de vez em quando, mexendo em tomadas e desmontando rádios e quando percebi estava rindo de mim mesmo, assim passamos o tempo até que os outros alunos da escola Somos Eternos chegaram. E o irmão Virgílio saudou a todos e dessa vez foi o irmão Felipe quem fez a prece, e uma energia gostosa tomou conta da sala. Então Virgílio me chamou:

— Sadraque Walmor da Silva, hoje é sua vez de se ajudar e ajudar seus colegas.

— Claro. — Respondi indo até a tribuna.

Sentei naquela cadeira e claro, tremia igual uma vara. Então o irmão Felipe me disse:

— Fique tranquilo, estamos aqui para ajudar.

Então assim como fizeram com a Kimberlly, também fizeram comigo. Mostrando cenas da minha vida quando nasci cego e minha mãe recebendo a notícia, depois mostraram a severidade do meu pai comigo, mas também me mostraram cenas das nossas conversas sobre a bíblia e as conversas da minha irmã tentando me esclarecer a respeito da reencarnação. Então mostraram também outras cenas, como por exemplo, do meu casamento prematuro e do meu suicídio. Eu fiquei um pouco afetado, mas não tanto quanto a Kimberlly, eu pretendia não sair aos prantos dali, é, pretendia né, mas os arquivos não aliviam muito. Depois da cena do suicídio mostraram o desastre após essa decisão. Mostraram meu pai e minha mãe muito abalados e em uma cena meu pai estava tendo uma crise nervosa, em outras, aquela que foi minha esposa estava jogada em uma cama muito deprimida, e percebendo o quanto era amado e quanta falta realmente fazia, perguntei:

— Virgílio, me desculpa interromper, mas o que eu quero saber mesmo é porque vim cego na última existência.

E fazendo essa pergunta, eu estava tentando disfarçar o abalo que estava sentindo. Então Virgílio respondeu:

— Vou te mostrar agora mesmo Sadraque, pelo menos um dos motivos que fez com que nacesse trazendo a deficiência visual. Quanto aos outros motivos que trouxeram essa limitação, revelaremos apenas bem mais tarde e você não está atrapalhando, aliás, é muito bom que quem está sentado na cadeira interaja com os demais e para que todos saibam, dou o direito a todos a fazerem as perguntas que quiserem quando estiverem sentados aqui.

Então ele chegou mais perto e pediu para Crisânia trocar o cubo relator. Sim, porque eu estava sentado, mas as cenas que apareciam na tela vinham dos arquivos da colônia e não da minha mente como aconteceu como a Kimberlly e Crisânia explicou a situação assim:

— Na sua mente existem muitos bloqueios e não existem imagens mentais nas lembranças de sua última encarnação. Então os arquivos da colônia são realmente proveitosos nessa situação.

Daí eles mostraram cenas de uma guerra e Virgílio explicou:

— Esta cena ocorre em uma guerra considerável na Europa e você é um daqueles quatro generais ali no canto da tela.

A cena seguiu e me espantei, pois um dos generais era o tal venerado e Virgílio explicou:

— Nesta existência, você e Wagner pertencem ao exército alemão e você não é um simples soldado.

Então eu perguntei:

— Se eu sou um general daqueles, por que tenho outra aparência e o tal venerado não?

Daí Virgílio respondeu:

— Porque você reencarnou e quis evoluir, já ele não reencarna desde aquele tempo.

Naquelas cenas de guerra me chamavam de Ladslau e junto comigo estava Wagner e mais cinco generais, me espantei quando Virgílio explicou que um deles era meu pai e outro minha irmã. Nossos soldados cometiam atrocidades e torturavam os marginalizados da sociedade, afinal ninguém os protegia, tá certo que em toda guerra existem rastros de destruição, mas muitas das coisas que fazíamos era completamente desnecessário. E para piorar, nas raras vezes em que eu estava em casa, eu estava geralmente bêbado e minha esposa nessa existência era fútil e vivia reclamando, por essa razão eu ficava muito nervoso, descontando minha raiva com covardia na minha enteada que tinha apenas sete anos e claro que em um desses momentos de fúria eu acabei exagerando nas agressões e por ter arremessado a pequena, ela acabou batendo a cabecinha na quina de um móvel. E naquela época, infelizmente, os móveis eram mais resistentes do que hoje. Por essa razão, com o tempo ela teve um tumor e ficou cega de uma vista e não demorou muitos meses para atingir a outra e com a falta dos cuidados necessários aos dez anos a criança faleceu.

Chorei bastante ao assistir a cena, talvez um pouquinho mais alto que a Kimberlly e disse:

— Esse cara aí não sou eu, tenho certeza que não!

Então Crisânia fez carinho em minha cabeça e me disse:

— Infelizmente é você, mas melhorou bastante, na última existência conservou ainda um pouco de revolta, mas ficou bem mais humano e amou as pessoas a sua maneira. Como Sadraque poderia ter feito melhor, mas evoluiu bastante e outros da sua família também evoluíram, principalmente sua irmã que entendeu rápido as leis do espírito.

Então o irmão Virgílio pediu para que a exposição acabasse e perguntou como eu me sentia, apesar de estar abalado e chorando, disse que estava bem e perguntei:

— Todos aqueles soldados e generais já reencarnaram? Então Crisânia respondeu:

— Grande parte deles faz parte da sua família ou são seus parentes.

Então eles mostraram a mim uma última cena, eu e alguns generais pedindo nossas próprias provas, só Wagner não estava entre nós porque perambulava nos mundos inferiores. Já no mundo espiritual o único que não pediu provas fui eu, a união divina que escolheu as minhas provações e uma delas era a cegueira, eu gritei revoltado dizendo que não queria e o general que hoje é minha irmã pôs a mão em meu ombro e me disse:

— Coragem amigo, estamos sem saída, eu quero ir com você e sofrer parte da sua prova, assim seremos mais amigos e vou te ajudar.

E um juiz bondoso nos respondeu:

— Sim, antes dessa grande provação, daremos a vocês mais uma encarnação ainda com todos os recursos para provarem o valor do amor e da inteligência. Vocês dois terão recursos, uma boa saúde e famílias estruturadas, mas você nascerá mulher por conta do machismo excessivo. Você irá com Ladslau, mas se não aproveitarem essa última boa chance, em uma próxima existência, ambos terão problemas visuais e será, de agora em diante, uma mulher em virtude do seu machismo.

Então eu e minha irmã reencarnamos depois de ter feito um pacto de amizade, e como vocês já puderam perceber, desperdiçamos mais uma vez

aquela chance dada, por isso veio também ao nosso encontro a encarnação prometida com os problemas visuais. E agora com o suicídio, eu piorei ainda mais as coisas.

Mas enfim, a sessão foi encerrada. Fizeram uma prece como manda o protocolo da colônia. Daí fui levado ao hospital Rosa Lilás e quando eu já estava no quarto, Miranda chegou com um copo de água e me perguntou:

— Está tudo bem com você?

— Está sim. — Respondi.

Daí eu bebi a água que ela ofereceu e falei:

— Amiga, quando for fazer orações pelo Wagner quero orar contigo, espero que também esteja orando por mim.

— Sim, algumas pessoas oram por você, não viu os arquivos no seu computador? — Ela perguntou.

— Quando eu for para o meu alojamento eu vejo. — Respondi.

— Então vamos orar? — Ela perguntou mais uma vez.

— Vamos. — Eu respondi.

Então ela continuou dizendo:

— Vamos fazer uma prece por você, por Wagner e por mim.

E assim foi, fizemos uma linda prece, eu me senti muito bem, aprendi a não odiar tanto o tal venerado e logo depois da prece eu dormi.

Capítulo 20

Um Milagre Diferente

Eu seguia minha rotina normalmente, agora progredindo cada vez mais, sempre pela manhã frequentava o grupo de apoio, depois visitava as crianças na Ciranda Colorida. No Pavilhão Azul eu ia apenas duas vezes por semana, pois algumas lembranças já estavam vindo sozinhas sem a necessidade do relator. Todas as tardes eu continuava frequentando as aulas de aerobols, passei a comer bem menos e a noite já estava dormindo apenas quatro horas e Crisânia me explicou que as horas de sono e as refeições diminuiriam ainda mais, e assim se passaram três meses...

Em um final de tarde quando eu me encontrava na praça das luzes, Isabel veio me procurar e disse:

— Sadraque, a dois meses chegou uma jovem aqui na colônia, ela nasceu cega e quando ficou adolescente os pais de boa família a colocaram em um internato, essa foi a maneira que eles encontraram de disfarçar a vergonha que sentiam da sua deficiência, ela desencarnou em razão de um aneurisma e não tem noção do que aconteceu, ela permanece aqui já tem dois meses e continua cega. Nós explicamos muitas vezes que ela desencarnou, mas ela pensa que o nosso objetivo é enlouquece-la, você também já foi cego talvez possa me ajudar.

Eu fiquei um pouco apreensivo, afinal de contas eu não sabia por onde começar, mas eu não ia dizer que não ajudaria, só que do lado de cá, nem tudo que a gente pensa fica só pra gente e a Isabel comentou:

— Olha Sadraque, eu sei que você não sabe por onde começar, mas eu sinceramente também não sei e a ideia de falar com você foi da diretora Bey. Ela sempre sabe o que faz e apesar de eu te achar um pouco rebelde, se ela confia em você eu também confio.

Escutei tudo aquilo e deixei escapar um “tô lascado”. Dessa vez, Isabel não me levou a nenhum instituto, mas me levou a uma residência onde a moça residia com uma senhora. Quando chegamos, a velha senhora nos recebeu com muito carinho e me disse:

— Olá rapaz, meu nome é Gabriela, sou avó da Luciana e pedi ajuda para ela, porque ela não acredita que sou avó dela, já que quando desencarnei ela era um bebezinho. Eu quero que ela volte a enxergar, mas ela só vai conseguir quando admitir que está do outro lado.

Então fui levado até o quarto da jovem, ela estava procurando alguma coisa porque estava tateando um móvel do quarto, então perguntei:

— Você quer ajuda? O que está procurando?

Então ela respondeu:

— Sei lá, algum documento ou alguma coisa que me permita sair daqui, eu já estou cansada de ficar internada, já não gostava do outro internato e esse lugar eu mal conheço, e pra piorar a situação querem me fazer acreditar que estou morta, como se não bastasse ser cega, agora também tenho que ser louca.

Ela terminou de dizer aquilo tudo e sinceramente eu não sabia o que dizer, então perguntei:

— O que te faz pensar que está viva?

Então ela me respondeu:

— Tudo ora! Eu respiro, como, tomo banho e até vou ao banheiro, vai me dizer que você também pensa que morreu?

Então eu tive uma ideia, porque falar de morte não iria funcionar, pois eu precisaria de sábias palavras e talvez ficar só na conversa não resolveria. Então eu disse a ela:

— Olha, você tem razão em alguns pontos, nem eu nem você estamos mortos, mas agora não somos como antigamente, estamos em um novo plano e olha que foi difícil pra mim entender isso também. Além do mais eu também era cego e agora estou enxergando. Se você entender as coisas como eu entendi, vai voltar a enxergar.

Daí ela me interrompeu dizendo:

— Era só o que me faltava, primeiro tentam me fazer acreditar que estou morta e agora querem me convencer que vou voltar a enxergar mudando de ideia? Vocês estão todos loucos e eu vou sair daqui!

Então fiquei indignado e respondi:

— Tudo bem então, faça o que quiser, não vou perder meu tempo e vou pro meu alojamento.

Isabel e a avó da menina ficaram sem ação e eu mais ainda, tudo que eu falava era inútil, ela não aceitava. Saí da casa um pouco decepcionado e Isabel me disse:

— Sadraque, eu estava contando com você, você sempre foi tão ousado e vi seus arquivos. No Umbral, você ajudou algumas pessoas, por que desistiu tão fácil?

Eu estava chateado e respondi:

— Vocês querem que essa moça enxergue? Levem ela no Vale do Choro, que depois de algumas pancadas quem sabe cura, comigo deu certo.

Daí Isabel ficou pálida e me disse:

— Luciana foi uma pessoa boa na última existência, não teve necessidade de se purificar através das penas no Umbral, ela só não quer ser enganada. É triste não ser aceito pela família e ela pensa que foi jogada aqui.

Enquanto conversávamos a diretora Bey se aproximou e Isabel falou a ela:

— Senhora Bey, a senhora sempre acerta nas decisões, mas agora me perdoe a senhora está equivocada. Levei o menino até a Luciana e o resultado não foi dos melhores.

Então a diretora Bey se aproximou de nós e me disse:

— Sadraque, até a Isabel se espantou com a sua ousadia, então mostre o que pode fazer agora.

Então eu respondi:

— É pra ser ousado Senhora Bey? Então vou fazer uma coisa que me veio na cabeça agora.

Isabel sentiu meus pensamentos e disse:

— Senhora Bey isso não vai dar certo.

Então a bondosa diretora se aproximou e nos disse:

— Pedimos a ajuda dele Isabel e agora vamos lhe dar um voto de confiança. Faça o que está pretendendo Sadraque e nós te acompanharemos.

Dei uma risadinha daquelas que sempre dou quando faço uma travessura. Então voltamos a casa da jovem Luciana, pedi desculpas a vó Gabriela pelo mal jeito e pedi permissão para levar a jovem para passear. Ela consentiu, então fui ao quarto da jovem e disse a ela:

— Luciana, mudei de ideia, se quer sair daqui então vem comigo agora.

— Tem certeza? — Ela respondeu.

Então peguei na mão dela e disse:

— É claro que tenho certeza, quer ir comigo ou não?

— Quero sim. — Disse ela.

Então fomos, eu a levei até a pista de volitação e claro, Isabel e a diretora Bey nos acompanhavam de longe, então eu disse a Luciana:

— Se eu te provar que podemos voar, você vai acreditar em mim sobre aquela história de estarmos em outro plano?

Então ela respondeu indignada:

— É pra isso que me chamou aqui? Eu não quero saber de truques.

Fiquei enfezado com a resposta de Luciana e disse:

— Vou te mostrar o truque!

Então segurei ela bem firme pela cintura e volitamos o mais rápido que pude e ela gritava:

— Socorro! Me ponham no chão, eu quero descer! Pelo amor de Deus, não me deixa cair.

Daí eu dei uma risada e falei:

— Tá com medo é? Mas não se preocupe, olha, eu prometo que te ponho no chão, mas me responda uma perguntinha. Você admite que somos diferentes ou não? Olha que dependendo da resposta eu te solto, em?

— Tá bom, tá bom, eu admito até que sou uma mula, mas me põe no chão. — Respondeu ela desesperada.

Então eu falei:

— Você não é uma mula, não precisa de drama, só teve um treco e desencarnou, tá certo, quando você ficar mais esperta vai volitar também e na velocidade que quiser. Agora aproveite, porque vou mais devagar.

— Mas depois a gente desce né? — Ela interrompeu dizendo.

— Claro né, nem eu quero ficar aqui pra sempre. — Eu falei e continuei dizendo. — Ô Luciana, porque não olha pra frente e vê se consegue enxergar alguma coisa.

— Não vejo nada. — Ela respondeu.

Então descemos e falei a diretora Bey:

— Olha, eu fiz o que pude, mas ela continua sem enxergar.

Daí a senhora Bey se aproximou de mim e respondeu compreensiva:

— Não pense que seu trabalho foi em vão mocinho, as vezes os atos falam mais que as palavras, geralmente é assim. Só que eu não tenho coragem para fazer uma coisa dessa, eu ficaria com pena de Luciana. Então deixe ela refletir em casa sobre o que aconteceu hoje e você vai ver como tudo vai dar certo.

Enquanto isso Isabel se despedia de nós e levava Luciana com ela. A moça estava visivelmente assustada e foi para casa abraçada com Isabel. Então eu voltei para o alojamento e comecei a mexer no computador que a colônia me deu. Fui na tal página do coraçãozinho dourado que a Kimberlly

me ensinou e ouvi mensagens de força de amigos e parentes. Me surpreendi com a quantidade de pensamentos que minha mãe enviou e pensei: “pra quem não acredita em gente que vive depois que morre, até que ela mandou bastante coisa em”. Do meu pai não recebi nada, mas não fiquei chateado, eu já esperava. Dos meus tios, recebi alguma coisa, e por incrível que pareça vi mais mensagens de amigos do que de parentes, mas todas me alegraram.

Daí consegui dormir algumas horinhas e depois que acordei fui para fora do meu quarto e ainda estava de noite, então parei para prestar atenção na lua e nas estrelas. Fiquei ali até o sol começar a nascer, as coisas do céu realmente fascinam como todos dizem, é uma beleza que faz a gente se sentir bem pequenininho, mas ao mesmo tempo nos acolhe, têm um Deus que fez tudo isso e também nos fez. Eu estava com esses pensamentos quando Crisânia chegou e respondeu:

— É verdade, Deus é bom. Tão bom que valorizou o seu esforço. Luciana acordou e está bem emocionada, porque quando levantou ela abriu a janela e o sol foi a primeira coisa que viu. Ela pede por você, vamos?

Fiquei sem palavras, apenas estendi a mão e fui com ela. Chegamos então a casa da jovem e mal a porta se abriu e a vó Gabriela me abraçou com vontade, bem emocionada. Nos cumprimentamos e a moça escutou minha voz lá do quarto onde estava e veio ao meu encontro bem rapidinho e dizia muito emocionada:

— Graças a você estou enxergando, muito obrigada. Estou vendo você.

Fiquei sem jeito e respondi timidamente:

— Olha Luciana, só fiz o que me pediram e sinceramente nem pensava que ia dar certo, mas deu né, fico feliz.

Daí ela me interrompeu dizendo:

— Quero aprender muitas coisas com você, porque você também não enxergava, então você sabe como lidar comigo. Prometo que vou acreditar em você e vou aprender tudo que me ensinar.

Daí fiquei pensando: “ué, aprender tudo o quê? Eu também estou aprendendo.

Então Crisânia interrompeu meus pensamentos e respondeu:

— Você não precisa ensinar tudo, apenas ensine o que aprendeu aqui. Você já aprendeu a escrever, a volitar, a ser afetuoso e paciente. Então parabéns, esta nova missão é sua, agora que você dorme pouco, pode executar mais tarefas.

Então respondi:

— Se eu soubesse, ficava dormindo um pouquinho mais. Não Crisânia, tô brincando, eu ajudo a moça. Ah, e falando nisso, tenho aquelas maçãs de cristal que a senhora me deu quando cheguei, eu empresto pra Luciana.

Daí Crisânia chegou mais perto e me disse:

— Aquele é um presente que dei para você, amanhã mesmo vou plasmar uma lembrança assim como a sua. Ela também vai ganhar suas próprias maçãs de cristal, guarde as que te dei com carinho Sadraque.

— Tá certo então. — Respondi.

E assim se passaram os dias, ensinar Luciana também agora fazia parte da minha rotina, sempre dedicando a ela três horas no período noturno. É... quando você não dorme, trabalha! Se essa moda pega aí na Terra a piazada vai dormir cedinho! Brincadeira, estou feliz com todo o trabalho e por incrível que pareça, quanto mais trabalhamos, mais temos tempo e aqui as pessoas que trabalham não são exploradas e o trabalho é prazeroso, porque nos dão apenas o que somos capazes de fazer, nada menos e nada mais.

Capítulo 21

Uma Decisão Admirável

Todos os dias eu seguia minha rotina normalmente e ao meio dia fui para o refeitório, sim, porque duas vezes por dia eu estava me alimentando. Então como disse, eu estava no refeitório quando Luciana veio desesperada e me disse:

— Sadraque, preciso muito que você me esclareça uma coisa, ouvi minha avó e Isabel conversando, elas falavam de um tal relator e disseram que vou ser submetida a ele. Perguntei a um rapaz chamado Bryan o que era o relator, e ele me disse que era horrível!

Então fiquei chateado com a situação, esse cara já vinha se comportando mal no aerobols e o professor Marcelo já estava de olho nele. Agora ele estava se aproveitando da ingenuidade da Luciana para colocar medo nela, então decidi ajudá-la. Daí segurei a mão da minha amiga e falei:

— Olha Luciana, não dê atenção para as conversinhas do Bryan, a diretora Bey e o professor Marcelo já estão de olho nele e se não progredir ele volta.

— Como assim? — Ela perguntou.

Então respondi:

— Ah amiga, uma hora eu te explico, agora eu vou te esclarecer um pouco do que sei a respeito do relator. É assim amiga, você senta em uma cadeira e coloca uns eletrodos, é como se fosse um eletroencefalograma, o aparelho traduz as suas imagens mentais para uma tela, assim você fica sabendo de coisas da sua vida ou de outras existências e assim você se ajuda e ajuda os outros. Depois que é submetida ao relator vai para o hospital Rosa Lilás só para ficar em observação, mas você ao hospital só na primeira sessão e se não tiver nenhuma crise vai para o relator outras vezes e se não ficar bem, fica longe do aparelho por um bom tempo.

— Não dói né? — Perguntou ela.

— Claro que não. — Respondi.

Então saímos do refeitório e fui com ela até uma das praças da colônia e falei:

— Luciana vou te dar um conselho, se quer se dar bem aqui na colônia, confie apenas em quem cuida de você. Fica longe do Bryan, vou falar com a Crisânia e com a Isabel a respeito dele. Eu evito falar com ele, afinal, tem tanta gente boa aqui e esse foi o mesmo conselho que Miranda me deu um dia desses.

— Claro. — Ela respondeu.

Nós estávamos no meio da conversa quando Isabel nos interrompeu dizendo:

— Sadraque, hoje quando anoitecer venho te buscar, pois vai ter uma festinha na casa da Miranda, é uma maneira de agradecer por tudo que ela nos fez, já que está se despedindo.

Fiquei surpreso e perguntei:

— Se despedindo? Como assim, pra onde é que ela vai?

— Reencarnar. — Respondeu Isabel.

— Meu Deus, já? Por que que ela vai? — Perguntei.

Daí Isabel chegou mais perto e disse:

— Bom Sadraque, essas perguntas é ela quem vai te responder, ela só me pediu para te convidar.

— Posso levar a Luciana? — Perguntei.

— É claro! Miranda não vai se importar e vai ser bom para a menina se distrair um pouco. Ah, mais uma coisa Sadraque, vá até o Ministério do Auxílio, a irmã Marcele quer falar com você. Bom, o recado está dado, eu tenho que sair.

E assim que Isabel falou tudo que precisava saiu, e Luciana me pediu para que levasse ela para casa. Quando chegamos, a vó Gabriela me convidou para tomar um chá com elas, aceitei, é claro, afinal de contas um cházinho nunca é demais. Depois fui para o treinamento de aerobols e

aproveitei para falar com o professor Marcelo a respeito da conduta de Bryan, porque se ele não quer progredir tudo bem, mas que não se meta com meus amigos. O professor me prometeu tomar providência a respeito do assunto e fiquei mais tranquilo, ah, e por falar nisso, aproveitei para mandar bem no aerobols, afinal de contas eu era da equipe vermelha e ele da azul. Nem preciso dizer que ele saiu de lá com muitas bolinhas vermelhas e a nossa equipe ganhou de presente um passeio para colônia Vitória Régia.

A noite chegou e fomos a casa de Miranda, eu, Luciana e Kimberlly, e Isabel nos acompanhava de longe. Luciana dava risadinhas porque Kimberlly conservava muitos traços da sua terra natal, e falava com sotaque americano. Eu também achava engraçado, só que eu conseguia disfarçar, já Luciana não, por ser muito transparente. Mas Kimberlly não se importava, estava feliz em divertir Luciana. Kimberlly é uma pessoa que adora fazer amigos.

Então chegamos a casa de Miranda, até que tinha bastante gente, Miranda nos recebeu e disse que estava muito feliz por nossa presença, era uma maneira de apoiá-la naquela decisão tão importante. Daí ela nos convidou para fazer uma prece e o irmão Vilson fez uma prece muito linda. Lá também encontrei o irmão Nelo e o meu amigo Valmir, que ficaram muito felizes em me ver. Relembramos fatos antigos de quando estávamos vivendo juntos na crosta terrestre. Depois de conversar um pouco com eles fui falar com Miranda e perguntei:

— Por que você vai embora daqui? Para onde está pretendendo ir amiga? Eu aprendi muito com você.

Então ela me levou para um cômodo mais tranquilo e respondeu:

— Sinto necessidade de esquecer algumas coisas e também de acertar meus ponteiros com Deus. Sei que aqui desempenho um papel importante no Hospital Rosa Lilás, mas não é o bastante para mim, eu não te disse nada antes, mas durante o dia estava trabalhando no hospital e as noites estava frequentando com meus grandes amigos o Grupo Vida Nova no Instituto Renascer. Eu decidi voltar e para remediar um pouco do que fiz, vou executar o que aprendi aqui sendo enfermeira na Terra e de bom grado aceitei ser a mãe de Wagner. Assim que eu for uma mulher adulta, a sociedade no Vale do Choro já terá sido desfeita, porque quatro colônias já

estão se organizando para desfazer a sociedade das trevas no Vale do Choro. É uma expedição que já vem sendo preparada desde agora e assim que a sociedade sombria for desfeita, Wagner será trazido para mim quando eu atingir a idade de trinta anos.

Fiquei chocado com o esclarecimento, não sei se era coragem ou loucura.

Então só respondi:

— É... Azar o seu e sorte a dele.

Ela então falou:

— Não é bem assim, o período da infância é muito importante e com certeza ele será rebelde, mas sem as antigas memórias será muito mais fácil corrigi-lo e como eu já mudei bastante, tenho certeza que vai dar certo. Além do mais ele vai sentir que temos uma ligação e vai confiar em mim.

Então desejei boa sorte a minha amiga Miranda, afinal de contas nada ia fazer ela mudar de ideia mesmo. Então eu disse:

— Posso te fazer uma última pergunta?

— Pode me fazer quantas quiser, eu não vou agora. — Ela respondeu.

— Era isso mesmo que eu ia te perguntar, quando você vai amiga? — Perguntei.

— Bom, eu vou semana que vem. — Ela respondeu.

— E eu posso ver como é o processo? — Perguntei curioso.

Ela chegou perto de mim, segurou minha mão e disse:

— Olha querido, isso eu não posso responder, afinal eu não sou a responsável por esses procedimentos e não vou estar completamente lúcida, só posso adiantar que vão me magnetizar e vou ficar miniaturizada e bem sonolenta com certeza. Já sei que minha mãe mora na Bélgica, terei uma condição financeira razoável, o suficiente para crescer, estudar e ser

enfermeira e estou bem feliz. Agora vou dar atenção aos outros convidados também, mas aproveite a nossa reunião para se enturmar e fazer amizades.

E foi o que eu fiz, voltei para sala onde todos estavam e foi nesse dia que conheci Vilson, o Ministro da Comunicação. Nós conversamos bastante, contei a minha história e ele sugeriu:

— Rapaz, se continuar progredindo assim, um dia pode fazer um livro para conscientizar muitos irmãos da importância da valorização da vida terrestre.

— É, quem sabe. — Respondi.

Então ele disse:

— Se sua resposta for positiva te auxilio quando estiver pronto.

— Obrigado. — Eu respondi.

Nós estávamos nessa conversa quando o Valmir se aproximou e me disse:

— Ô Sadraque, se você melhorar mais um pouco, eu, você e a Isabel vamos até a sua casa quando a sua sobrinha nascer.

Fiquei contente e o meu amigo Valmir continuou:

— É, já está quase na hora de nascer, falta mais umas semanas, está ansioso para ir?

Eu não sabia o que dizer, então eu disse:

— Pois é, tomara que dê certo.

Nós estávamos falando quando Miranda nos disse:

— Amigos, vamos receber carinhosamente meus pais terrestres, eles estão desprendidos enquanto dormem. Esses são os meus pais.

Ela terminou de falar apontando para um casal de jovens que estavam sorridentes, nós aplaudimos o casal e Vilson falou:

— O compromisso que estão assumindo, além de ser belo é muito importante, a maternidade e a paternidade tem um grande papel na evolução

do espírito infante e Miranda é uma grande colaboradora da colônia Jardim Érida. Irmã Ádina e irmão Joseph, sintam-se abraçados pela colônia Jardim Érida.

Então Miranda abraçou os jovens e ficaram fazendo planos, e quando a reunião terminou, Miranda e Crisânia acompanharam o casal até ao lar deles e eu claro, fui para o meu alojamento enquanto Kimberlly levou Luciana para casa. Já no meu quarto pensei: “será que quando for a minha vez, vou ficar assim tão animado? Será que vou merecer uma festa como a de Miranda? Só sei de uma coisa, eu ainda não estou pronto e quando eu estiver pronto, quero que a minha família tenha as bases sólidas a respeito da reencarnação e da espiritualidade, quero aprender as coisas de maneira correta para passar pelas provas e não sofrer com as provas. Espero conseguir o que desejo”.

Capítulo 22

Semelhanças e Diferenças Entre a Vida nas Colônias e a Vida Terrena

No dia seguinte o sol mal acabara de se levantar e eu já estava na janela do meu alojamento, então lembrei que Isabel tinha dito que eu deveria ir até o Ministério do Auxílio da colônia, para conversar com a irmã Marcele. Então pensei: “tenho que ir, mas não sei onde o Palácio do Ministério fica”. Então saí do meu alojamento e fui até a sala da diretora Bey, chegando lá notei que ela ainda não havia chegado, então fiquei sentado em uma cadeira por um momento, logo uma senhora entrou na sala, então perguntei:

— E a diretora Bey, ainda não chegou? Então a senhora me disse:

— Prazer irmão Sadraque, me chamo Elizabeth e a senhora Bey ainda não chegou, ela está no Ministério da Regeneração, mas não vai demorar muito até que venha, se quiser pode aguardar.

Daí ela me deixou ali por um tempo, então a diretora Bey chegou e me disse:

— Sadraque, você por aqui tão cedo.

— É, preciso de ajuda. — Respondi.

— Fico feliz em ajudar. — Ela respondeu.

Eu então perguntei a ela:

— Desculpe a intromissão, mas o que fazia no Ministério da Regeneração?

— Sou Ministra da Regeneração. — Ela respondeu.

Fiquei espantado, então comentei:

— Ué, mas a senhora não é a diretora do Instituto Somos Eternos?

Então ela carinhosamente respondeu:

— Sim, sou diretora do instituto, mas também sou Ministra da Regeneração, é que não necessito mais dormir e já absorvo meu alimento do ambiente, então posso aproveitar bem o meu tempo, um dia você também vai chegar no mesmo estágio que eu, e respondendo a sua pergunta, eu trabalho oito horas no instituto e as horas restantes no Ministério, entendeu agora amigo?

“Essa gente gosta mesmo de trabalhar”, pensei. Então ela continuou dizendo:

— Você veio por que precisa de ajuda, não é? Então me diga, do que precisa.

— Preciso saber onde trabalha a irmã Marcele. — Perguntei.

— Eu mesma posso te levar. — A diretora Bey respondeu e continuou dizendo . — E quando tivermos pouco trabalho, te levo para tomar chá em minha casa.

— Mas a senhora não come mais. — Respondi.

— Mas você sim, eu quero ser sua amiga, se bem que você já me considera. — Ela falou carinhosamente.

Eu queria aceitar o convite mas pensei: “ela é a Ministra da Regeneração e eu quem sou? Acabei de cometer suicídio não faz muito tempo”.

Mas ela interrompeu meus pensamentos dizendo:

— Não pense desta maneira, Jesus não quer que um se sinta mais importante do que o outro, eu estou um pouco à frente na escala da evolução, mas quem está à frente do caminho, espera quem vem vindo. Isso é o que Jesus nos disse. Não me sinto mais importante do que você porque sou Ministra, eu sinto que tenho muito mais responsabilidades a cumprir e sinto que devo tomar muito mais cuidado, porque você cuida da sua vida, enquanto eu tenho que cuidar dos demais na colônia, se bem que com a sua vida, pode influenciar os demais, então dê seu exemplo de bondade e aprendizado.

— É claro. — Respondi.

— O convite está de pé, no final da tarde. — Ela disse.

— Pode ser. — Respondi.

Então a diretora Bey segurou em minha mão e me levou até a sala da irmã Marcele no Ministério do Auxílio. A irmã Marcele foi muito cordial, depois de nos cumprimentar ela esclareceu dizendo:

— Sabe o que é Sadraque, desde que chegou na colônia, você se recuperou muito rápido e fazendo seus trabalhos desempenhou muito bem suas tarefas, apesar de ter reclamado um pouco e por seu trabalho receberá um cartão abastecido com seus bônus hora.

Eu podia ter ficado quieto, mas fui logo falando bobagem, eu não sabia do que se tratava, então perguntei:

— Bônus? É coisa de celular?

A irmã Marcele deu uma risadinha, então respondeu:

— Como você já pôde perceber, aqui temos tecnologia, mas celular não, já os bônus hora são pontos que você recebe por seu trabalho, é como se fosse dinheiro terrestre, é uma forma de recompensar seu esforço, sua dedicação. Sabe, os irmãos que chegam da crosta ainda precisam de incentivo e esta forma de remuneração organiza a colônia. Na verdade, Kimberlly já havia explicado à você o sistema de bônus hora, mas acho que naquele momento não estava prestando bem a devida atenção. Você está recebendo mil e quinhentos bônus hora pelos meses que trabalhou na colheita das frutas no lago e nos pomares, pelas aulas que deu a Luciana e pelo tempo que ajudou a cuidar das crianças da Instituição Ciranda Colorida. Já o Aerobols é responsabilidade do Ministério custear os passeios das equipes vencedoras, então não receberá nada por esta atividade.

Fiquei contente, afinal de contas eu nem sabia se merecia meu primeiro salário, então perguntei:

— O que faço com tudo isso? No instituto tenho amigos que me dão tudo que preciso, então não sei onde vou gastar.

A irmã Marcele me explicou então:

— Aqui na colônia existem dois teatros, salas de pesquisa e biblioteca e mais, você ainda troca de roupa, então pode ir a fábrica da colônia comprar alguma que goste e também pode exercitar o seu amor dividindo seus bônus com amigos que ainda não recebem, afinal de contas Kimberlly fez isso com você, lembra que ela te convidou para a praça das luzes? Pois é, ela custeou a entrada com os bônus dela, e o cisne de cristal que você ganhou também.

Fiquei feliz pelo que a Kimberlly tinha feito, ela foi boa comigo e eu nem fiquei sabendo. Então Marcele continuou dizendo:

— Ah querido, também te chamei para te avisar que você não precisa ir as sessões do relator este mês, então pode voltar a coletar as frutas no lago e nos pomares.

— Tá certo então. — Respondi.

“Eu já fazia o meu serviço bem feito mesmo reclamando, mas agora sei que sou reconhecido, vou fazer as coisas ainda melhor, quero mostrar que vale a pena a confiança que depositam em mim”. Quando acabei de pensar Marcele deu um sorriso e disse:

— Que bom que você pensa assim, fico feliz com seu progresso, agora tenha um bom dia.

Eu ia saindo da sala de Marcele e quem eu encontro? Tomásia, é claro. Assim como eu, também estava progredindo, então perguntei a ela:

— Amiga também veio atrás dos seus bônus?

— É claro, eu também trabalho. — Ela respondeu.

Então deixei o palácio do Ministério e fui até a uma praça, não demorou muito para Tomásia me encontrar lá. Então ela me disse:

— O que vai fazer agora? Porque eu vou para os pomares.

— Eu também. — Respondi e continuei explicando: — Já que não preciso frequentar o relator este mês, vou direto para os pomares de Andrejas e Narguidas.

— Que legal, vamos trabalhar juntos! — Disse Tomásia.

E assim foi, fomos para os pomares colher andrejas e logo depois fomos para os lagos colher as frutas vermelhas chamadas de narguidas. Estava sendo muito divertido trabalhar com Tomásia, a mulher que antes era debochada e sensual demais, ainda continuava falante, mas agora era somente alegria e dedicação, tá certo que dava aquelas gargalhadas, mas agora transmitia uma felicidade pura e verdadeira, e ela não estava rindo por maltratar alguém, agora sorria porque depois do expediente começamos uma boa guerra de água, até demos alguns mergulhos com autorização do chefe dos coletores e não fomos os únicos a entrarmos na brincadeira. É claro que a diversão veio depois da obrigação, quando a tarefa já estava terminada. Este tipo de brincadeira era permitido lá de vez em quando, principalmente quando chegavam novatos. E sabe né, dessa vez a novata era a Tomásia.

Enfim, deixamos os pomares e os lagos e desta vez cada um tomava o seu caminho, eu voltava para o Instituto Somos Eternos e depois da refeição diária fui para o Lar Ciranda Colorida brincar com as crianças como de costume, mas um garoto me chamou a atenção. Enquanto todos brincavam ele ficava quietinho em um canto pensativo, daí percebi que estava um pouco triste, então perguntei:

— Amiguinho, não vai brincar com a gente?

Então ele me olhou e levantou e muito educado me cumprimentou dizendo:

— Olá, meu nome é Edimundo, obrigado por se interessar por mim, mas prefiro ficar no meu canto.

Fiquei preocupado com a tristeza da criança, então deixei ele um pouco sozinho e fui brincar com as outras crianças, depois de uma meia hora me aproximei de Edimundo bem de mansinho e sondei seus pensamentos, ele pensava em uma moça chamada Regina e se perguntava porque ela tinha feito aquilo com ele, não me aguentei e perguntei:

— Aquilo o que amiguinho?

Então ele ficou chateado e respondeu:

— Não te dei permissão para ficar me sondando, isso é falta de educação as vezes, sabia?

Então me desculpei, afinal de contas não conhecia todas as regras e Edimundo continuou dizendo:

— Moço, vou te contar o que aconteceu, mas depois me promete que não vai mais me incomodar, certo?

— Tá certo. — Respondi.

Então ele começou a contar a sua história:

— Sabe essa moça que eu estava pensando? Pois é, fui pai dela em uma existência, mas tive de partir muito cedo. Agora pretendia ajudá-la sendo seu filho, mas ela não me quis e aí, sabe né, me abortou.

Quando ele terminou de falar, estava com os olhos mareados.

— Não tem raiva dela? — Perguntei.

Ele ficou um pouco indignado e me disse:

— É claro que não, eu gosto muito dela, só que não esperava por isso, não sabia que ela tinha tantos problemas com ela mesma.

Então fiquei curioso e perguntei a Edimundo:

— Se você foi abortado, deve ter vindo na forma de um bebezinho, como está tão lúcido e com a aparência de um menino de sete anos?

Então Edimundo me pegou pela mão e fomos passeando enquanto me explicava a situação assim:

— É que estou na colônia a mais de trinta anos, eu não ia querer parecer um bebe tanto tempo, além do mais a única coisa que limita o raciocínio das crianças é a debilidade do corpo, assim que crescem manifestam o que são e como não tenho corpo carnal, não tenho tantas limitações e minha mente é clara, entendeu rapaz?

— Entendi sim. — Respondi.

Eu fiquei espantando com a inteligência de Edimundo, talvez fosse mais inteligente do que eu, muita gente na Terra gostaria de parecer uma criancinha depois dos trinta, então fiz a Edimundo uma outra pergunta:

— Pretende voltar a vida terrestre?

E ele me respondeu:

— Todos vamos voltar, pretendendo ou não, mas enquanto tenho o direito de escolher, prefiro ficar, porque tenho medo de voltar.

— Você não é o único que tem medo. — Respondi.

Então eu e Edimundo conversamos sobre outras coisas, agora ele não estava mais tão reservado, tínhamos algumas coisas em comum e naquele dia ganhei um novo amigo.

Quando acabaram minhas tarefas no lar das crianças fui ao treinamento de aerobols como de costume. Eu estava feliz com a amizade de Edimundo e o dia passou rápido. Quando fui para o meu alojamento fiquei surpreso, quem estava esperando na porta do meu quarto? Era ela, a diretora Bey, assim que me viu deu um sorriso e me disse:

— Eu vim cumprir minha promessa, vou te levar para tomar um chá em minha casa.

Até eu tinha esquecido do combinado, mas a diretora Bey sempre cumpre suas promessas. Foi um final de tarde agradável, tomei um cházinho de hortelã enquanto ela me perguntava a respeito de Luciana, dos trabalhos na colônia e minha vida pessoal, e mesmo falando de coisas pessoais me senti muito à vontade, pois não me sentia culpado e nem acusado por ela, porque ela é um ser admirável de coração aberto. Enquanto conversávamos ela me levou a uma varanda e o sol estava se pondo, fizemos uma prece de agradecimento à Deus e assim nos despedimos de mais um dia esperando a chegada de uma noite abençoada.

Capítulo 23

De Novo em Casa

Passaram-se alguns dias e como me sobrou um pouco de tempo fui conhecer outros lugares na colônia, afinal de contas a colônia Jardim Érida não é assim tão grande, mas há muitas coisas para conhecermos nela. E lá fui eu passeando, parando em frente a um campo de girassóis, vendo do outro lado de uma estrada simples uma bela praça com uma placa escrita: "Praça da Prece". A praça estava vazia, então sentei em um banquinho e fiquei olhando para os girassóis e escutando alguns passos olhei para frente, era meu amigo Valmir e o irmão Nelo, na verdade ele se chamava Cornélio, mas na vida terrestre não gostava do nome, por isso eu chamava ele de Nelo e atrás dos dois vinha Isabel. Quando chegaram bem pertinho de mim me cumprimentaram e Nelo disse:

— Que bom te ver aqui, Jesus sempre escuta as orações, viemos te buscar, porque vamos te levar até a sua casa para que faça uma visita, pois sua sobrinha já nasceu e a atmosfera é boa.

Então fiquei muito feliz e não disfarçava, dei uma boa gargalhada e uns pulinhos e nós fomos, ainda era dia. Quando chegamos na frente de casa fiquei paralisado de emoção, não sabia se chorava ou se ia pra frente, então Valmir me disse:

— Ô Sadraque, você veio até aqui, agora vamos.

Então entramos, foi pela janela mesmo. No quarto minha irmã Kely estava amamentando a pequena Alice, meu pai e minha tia Joselda estavam lá também e eu fui logo dizendo:

— Olá gente, é nós na área.

Era melhor eu não ter dito nada, porque ninguém percebeu que eu estava ali e o irmão Nelo percebendo minha tristeza quis me consolar dizendo:

— Irmãozinho, minha família também não me vê e talvez seja melhor assim, temos que confiar em Jesus amigo.

— É verdade, a esperança é a última que morre. — Valmir completou.

Então expliquei aos meus amigos o seguinte:

— Que os outros não me percebam está certo, mas até a mana que diz ver os espíritos? Nem ela me percebeu, será que sente mesmo saudade de mim?

Então Isabel explicou:

— Os clarividentes não são assim o tempo todo e sua irmã precisa concentrar as atenções na criança que acabou de nascer, ela precisa ter energia para amamentar, é natural que algumas médiuns reduzam a atividade quando as crianças nascem, mas depois de algum tempo vai te perceber.

Só que de certa forma me perceberam, porque do nada meu pai começou a pensar em mim, sei disso porque senti suas lembranças e também do nada ele deixou o quarto onde estava minha irmã e ficou triste em um canto, e logo depois quase todos os encarnados saíram do quarto, com a exceção da minha irmã e do bebezinho que ficaram. Já o irmão Nelo e o Valmir foram atrás do meu pai, enviando pensamentos de conforto e amor, enquanto isso fiquei no quarto com a mana e com a criancinha. Então cheguei mais perto, era uma gracinha, o bebê me percebeu e sorriu, então fiz cócegas no pezinho da criança enquanto falava: “lililili”.

Então minha irmã escutou minha voz e perguntou:

— Sad, é você? Aonde você tá maninho, não estou te vendo só te escuto.

Daí fiquei contente e respondi:

— Tô aqui, tô aqui!

Ela então falou:

— Agora já consigo te ver um pouquinho, como você está?

— Muito bem. — Respondi.

Mas pelo jeito ela não conseguia me ver mais, porque logo depois ela disse:

— Ah droga, sumiu.

Eu continuava explicando que estava ali, mas era em vão, então ela passou a acariciar e beijar o bebezinho e nem aí pra mim. De repente meus amigos desencarnados entraram no quarto e Nelo disse:

— Agora temos que ir, a atmosfera do lar já melhorou bastante, mas ainda não é das melhores e não queremos que nem você e nem sua família se entristeçam.

— Deseja ver mais alguém antes de partirmos para a colônia? — Perguntou Isabel.

— Quero ver minha mãe. — Respondi.

Então fomos até lá, ela estava na cozinha lavando a louça e como eu sabia que não iria me ver nem me ouvir, só fiz carinho na cabeça dela mesmo, daí minha mãe, do nada, disse:

— Ai meu filho, que saudade.

Ela disse aquilo com tanta tristeza que me senti culpado e preferi sair. Então chorando, eu disse para o irmão Nelo:

— Já chega por hoje, quero sair.

Daí ele fez uma oração como de costume e vi unirem-se em volta da casa amigos de luz, então voltamos para a colônia.

E quando entramos em um dos portões da colônia Jardim Érida enfrentei uma outra surpresa que não me agradou, pois tinha alguns homens carregando alguma coisa que não sei dizer se era um cesto ou um berço, então fiquei curioso e me aproximando, perguntei:

— Amigos, o que estão carregando aí?

Então um dos homens que mais tarde fiquei sabendo que era o irmão Celso respondeu:

— Não é o que, mas quem. Aqui no berço está Miranda preparada para a reencarnação.

— Eu posso ver? — Perguntei.

Então o irmão Celso explicou:

— Pode ver apenas por um instante, porque vamos levá-la aqui dentro para que não aconteça de alguém que habita o Vale do Choro impedir a nossa empreitada, ou melhor dizendo, tentar impedir e mesmo que não consigam fazer nada, não queremos imprevistos, já que Miranda precisa estar bem.

Então ele abriu aquela espécie de cesto e realmente era Miranda quem estava lá mantendo a mesma forma, mas o tamanho dela era de uma criança recém nascida. Eu fiquei admirado e ao mesmo tempo triste porque ela estava indo embora, então o irmão Celso interrompeu minha observação dizendo:

— Seja breve Sadraque.

Então eu disse:

— Tchau Miranda.

E ela mal conseguindo responder, disse:

— Adeus amigo, fique bem.

Então ela fechou os olhos e parecia que queria dormir, estava bem sonolenta, daí eu disse:

— Nossa, coitadinha! Ela fala tão fraquinho como se estivesse morrendo.

Então Celso respondeu:

— E está morrendo para este mundo, para renascer na crosta terrestre.

Daí o irmão Celso fechou o cesto e disse aos outros:

— Agora vamos, não podemos mais esperar.

Então eles foram, eu nem me despedi de Miranda direito, porque eu queria ter segurado ela no colo, sei lá. Ela estava tão pequenininha que eu nem tive coragem de pedir a eles. Então eu fiquei chateado e esquecendo das regras da colônia, saí voando até o Campo de Girassóis. Chegando lá chorei profundamente, só depois é que me lembrei que volitei fora das pistas e já estava pensando em qual seria o meu castigo, foi quando Edimundo se aproximou de mim e perguntou:

— Agora é você quem está triste, o que aconteceu?

Então respondi indignado:

— As pessoas que eu amo não conseguem me ver e acabei de perder Miranda. Eu já estava acostumado com ela e fiquei triste com a sua partida.

— Vocês devem ter história juntos e se você se esforçar pode se recordar de outras existências. — Explicou Edimundo.

E como eu faço para me lembrar de alguma vida com a Miranda? Se é que tive alguma.

— Pense nela e pergunte a si mesmo a respeito da verdade, mas quando estiver bem concentrado. — Edimundo respondeu.

Então ele se afastou um pouco e se despediu dizendo:

— Você precisa ficar sozinho rapaz, as vezes o silêncio é a resposta que precisamos.

— Tem certeza que você é criança? — Perguntei.

— Talvez. — Ele respondeu e foi embora.

Então comecei a pensar em Miranda e fiz perguntas a mim mesmo e deu tudo certo como Edmundo havia explicado, porque lembranças começaram a surgir. Eram lembranças de um tempo antigo onde uma mulher estava estendendo algumas roupas em uma pedra, enquanto um homem um pouco mais velho e rude se aproximou e disse:

— Euracléia, tem alguma coisa para comer? Estou faminto!

E ela amedrontada respondeu:

— É claro, só espere Euclides chegar, ele foi buscar lenha para assar o cordeiro.

Então o homem ficou bravo e respondeu:

— Cheguei cedo demais, espero que quando voltar o cordeiro esteja assado!

E quando o homem foi embora a mulher ficou aliviada, enquanto uma vizinha disse à ela:

— Euracléia, pode trazer a carne, Euclides vem vindo com a lenha e Filemon está com ele.

Então vi aparecer na cena duas crianças que pareciam ter aproximadamente oito anos, eles estavam felizes porque estavam ajudando os pais e todos continuaram ajudando no preparo da refeição e quando o homem chegou o cordeiro já estava assado e o restante da refeição preparada.

Então perguntei a mim mesmo quem eram aquelas pessoas e aos poucos fui entendendo que a mulher chamada Euracléia era Miranda, mãe de Euclides, que no caso era eu. A vizinha dela, Orfídia, era minha irmã e Filemon, filho dela, era meu amigo de infância, éramos vizinhos e amigos inseparáveis, e claro, o homem exigente e furioso era Wagner. Nesta existência estávamos no ano três depois de Cristo e então vi outra cena. Estava de noite e o menino Euclides foi se esconder na casa de Filemon porque morávamos em Atenas e meus pais se mudariam para Creta. O menino Euclides não queria se afastar do amigo Filemon, então passei a noite na casa da vizinha com meu amigo, enquanto meu pai furioso me procurava por todos os cantos. A mãe de Filemon querendo ajudar, revelou aos meus pais a verdade, dizendo que eu estava escondido na casa dela e que não teve outra saída a não ser me acolher porque eu não aceitava a mudança de cidade que meus pais queriam. Então o homem furioso encontrou o menino Euclides e deu aquela surra e a mudança aconteceu de qualquer maneira.

Mas de repente alguém interrompeu minha autoregressão. Era Crisânia, ela me perguntou se estava tudo bem. Eu respondi que sim, que

estava aprendendo a lembrar, então ela me perguntou se estava gostando do que via, respondi que sim e perguntei:

— Irmã Crisânia, já descobri que Euracléia, é Miranda, o homem furioso é Wagner, o menino Euclides sou eu e Orfídia a vizinha é minha irmã Kely, mas quem é Filemon o menino que gosto tanto nesta existência antiga?

Então Crisânia se aproximou e respondeu:

— Lembra quando fez um curso em uma empresa para conseguir trabalho e aprimorar seus conhecimentos? Pois bem, nesse curso conheceu um jovem chamado Alisson, recorda?

— Claro que sim. — Respondi e continuei perguntando: — E como ele está? Tudo certo?

Então Crisânia respondeu:

— É claro que sim, ele está muito bem e no momento certo vai poder vê-lo, mas você precisa estar melhor do que está, para que seu amigo fique feliz por você.

— Posso continuar lembrando? — Perguntei.

— Pode sim, mas se quiser mais esclarecimentos a respeito desta história procure o irmão Vilson, ele vai te mostrar o cubo relator que registra essa existência, agora tenho que ir. — Explicou Crisânia enquanto saía.

Então ela me deixou sozinho e eu comecei a refletir, porque agora começava a entender o comportamento do Wagner, o tal venerado e começava a entender porque se interessou por mim no Vale do Choro. Em uma existência antiga foi meu pai e em outra existência um general amigo, como pai me ensinou a ser violento e como amigos praticamos o mal em uma guerra na europa. E agora eu me perguntava quantas coisas mais devíamos ter feito, mas uma certeza eu tinha, aquélas duas encarnações não eram as únicas que tivemos juntos. Daí também entendi porque senti a tristeza por ter me afastado de Miranda, afinal ela foi minha mãe nesta existência tão antiga, e o Alisson então, foi meu amigo por duas vezes, mas na última existência que tive, pelo menos não apanhei por causa da nossa amizade. A minha irmã Kely esteve comigo em algumas existências, como

vizinha, como irmã e infelizmente como companheiro de guerra e com o tempo pude ir mais além em minhas recordações. Sempre quando tinha tempo livre exercitava minhas lembranças recordando de outras existências, algumas lembranças muito agradáveis e outras terríveis, mas agora posso dizer, a reencarnação é uma questão de justiça e Deus incontestavelmente sabe o que faz, aceitemos isso!

Capítulo 24

O Amor e a Disciplina da Colônia

Alguns dias haviam se passado e eu cumpria minha rotina e sempre que tinha um tempo livre revirava minhas lembranças. E enquanto estava no Campo dos Girassóis pensando, Kimberlly se aproximou e disse:

— Sadraque, a diretora Bey quer falar com você, vim te buscar.

— Acho que já sei do que se trata, voei no lugar errado. — Respondi.

Então Kimberlly falou:

— Sadraque ela não me disse porque quer falar com você, então vamos?

Enquanto eu olhava para Kimberlly lembrei de um fato e quis esclarecer minhas dúvidas, então perguntei:

— Kimberlly preciso saber uma coisa, quando eu tinha acabado de chegar na colônia você me convidou para um passeio na Praça das Luzes e me falou que Crisânia daria um presente, aquele cisne, lembra? O problema é que quando falei com a irmã Marcele, ela disse que você usou seus bônus para custear o cisne, então me responda, o cisne foi um presente seu ou de Crisânia?

Kimberlly ficou calada por um tempo e depois respondeu:

— Sabe o que é Sadraque, é que quando você chegou aqui parecia não gostar de mim, então preferi dizer que o presente era de Crisânia, porque os ministros da colônia nos dão presentes de vez em quando.

— É, eu sei, ganhei umas maçãs de cristal. — Interrompi dizendo.

E Kimberlly continuou dizendo:

— Espero que não fique chateado por eu ter mentido.

— Esquece, você pensou que eu não fui com a tua cara, eu gosto de você amiga, mas quando cheguei aqui estava muito triste com os meus problemas e sinceramente não importa de quem foi o presente, o importante

é que foi dado com amor e já aproveito para te dizer obrigado. Ah amiga, não esqueça de uma coisa, não precisa mentir pra mim, tá certo?

— Tá certo. — Ela respondeu.

Então fomos até a sala da diretora Bey no instituto e quando chegamos ela já estava a minha espera e foi logo dizendo:

— Sadraque, você já conhece boa parte das regras da colônia e uma regra que deixamos bem claro é que não se deve volitar fora das áreas correspondentes.

— E qual será meu castigo? — Interrompi dizendo.

Então ela continuou:

— Castigo é uma palavra muito forte, eu prefiro a palavra correção e estou corrigindo você neste momento, porque enquanto conversamos o irmão Celso e a irmã Virgínia estão retirando o computador que instalamos no seu alojamento.

Eu fiquei um pouco contrariado, pois gostava do meu computador, então perguntei:

— É só isso? Posso me retirar?

E ela respondeu:

— Ainda não e peço que não fique bravo, a disciplina da colônia é necessária, porque quero que todos melhorem e tenho mais uma missão para você. Sabe, no hospital Rosa Lilás, Dóris começa hoje como enfermeira e ela está lidando com uma paciente que você já conhece, peço que vá ajudá-la nas suas horas livres, essa é a outra metade da correção.

— Tá certo. — Respondi contrariado.

Na minha vida terrena eu não estava muito acostumado a receber ordens e não me dava muito bem com a disciplina, mas com a Senhora Bey eu ficava só um pouquinho chateado, sempre tendo a consciência de que as decisões dela estavam me ajudando e a Senhora Bey sempre confiava em mim como muitos na Terra não confiavam, então fazer o que né, o jeito é

ficar sem computador e ir até o hospital ver a tal pessoa conhecida e ajudar a enfermeira Dóris.

Então fui até o Hospital Rosa Lilás e duas mulheres já me esperavam, uma delas era a novata Dóris e a outra era Leila, uma enfermeira veterana. Nós nos dirigimos até onde a paciente estava, o quarto era pouco iluminado por uma espécie de iluminação violeta, então a enfermeira Leila explicou:

— Aqui há pouca iluminação porque ela não está acostumada, assim como você não estava quando chegou, lembra?

— Lembro. — Respondi.

Então eu fiquei olhando para a paciente que era magra e pálida, a pobre mulher estava olhando para a parede e quando ela se virou e olhou para mim me reconheceu na hora e disse:

— Meu Deus, é o anjo que canta nos infernos!

E quando ela falou também a reconheci, era a jovem suicida que encontrei no começo de minha jornada pelo Umbral, ela havia cortado os pulsos e eu cantei para ela se acalmar. Então a jovem interrompeu os meus pensamentos com uma pergunta:

— Você veio cantar para mim de novo, ou veio me fazer mal?

Então respondi:

— Eu não faço mal a ninguém, muito menos sem motivo e aqui na colônia mesmo que eu quisesse não deixariam, posso cantar pra você outra vez?

Daí ela me interrompeu dizendo:

— Pode sim, mas cante outra música, não quero me lembrar daquele lugar horrível.

— Nem eu. — Respondi.

Então cantei algumas músicas que conhecia, não eram hinos como aqueles que cantei nas regiões inferiores, eram músicas populares que quase

todos conhecem e eu ouvia na rádio mesmo. Depois que terminei de cantar perguntei:

— Qual é o seu nome amiga? Quando eu te perguntei da outra vez você não sabia.

— Aline. — Ela respondeu.

De repente algo estranho aconteceu, os braços de Aline estavam inchando, ela tremia e chorava, então perguntei o que estava acontecendo e a enfermeira Leila me explicou que era uma crise, então eu perguntei se era culpa minha e Leila respondeu que não. Daí enquanto falávamos Dóris apertou uma campainha e um senhor apareceu no quarto trazendo uma espécie de aparelho, pareciam braceletes que estavam conectados a dois fios, o senhor colocou o aparelho em Aline e aplicou passe tranquilizante, então ele disse:

— Olá rapazinho, sou o Doutor Lúcio e a diretora Bey já me disse o quanto pode nos ajudar, sua tarefa não será difícil, apenas terá que falar assuntos alegres e cantar suas canções quando não estivermos com ela, Aline ainda não deve ficar sozinha e quando estivermos em outras ocupações, virá ficar com ela assim que for solicitado.

Então interrompi dizendo:

— Tá certo, mas a minha rotina aqui na colônia, como fica?

Então Dr. Lúcio respondeu:

— Sua rotina será a mesma, mas quando for solicitado tem permissão de abandonar qualquer tarefa para ser acompanhante da senhorita Aline.

— Se não vou ter problemas, tudo certo. — Respondi.

Então a moça ficou tranquila depois do atendimento e todos saíram do quarto, ficando apenas eu e ela. Aline estava acordada e me perguntou:

— Anjo, como é o seu nome?

Então respondi:

— Meu nome é Sadraque, mas ser um anjo já é outra história, dá para ver que não me conhece, sou um cara comum como você e você não estava no inferno, mas deixa pra lá. Tem saudade de alguém da sua família?

Ela ficou me olhando e não respondia nada, então comecei a contar fatos engraçados da minha vida terrena, falei das travessuras que eu e minha irmã gostávamos de aprontar e ela riu bastante, as vezes ela entendia o que eu falava e as vezes parecia que não, mas estava bem, era o que importava. Fiquei cuidando dela uma semana e a cada dia parecia mais lúcida, os dias se passavam e eu a conhecia um pouco melhor. Aline quando estava na Terra era esquizofrênica e conheceu um rapaz, eles tiveram um namoro rápido, mas claro, ele não ia querer se comprometer com ela, então sumiu. Ela começou a ficar muito agressiva em casa e tiveram que internar a coitadinha, infelizmente não a internaram em uma clínica decente, lá foi abusada e mal tratada, teve uma crise e cometeu suicídio, ela tinha noção do certo e do errado, mas as vezes viajava um pouco, os pais eram bem católicos, por isso frequentemente falava de céu, inferno, anjos e demônios, eu não podia fazer muito por ela, mas eu tentava, fazia orações e alegrava contando as minhas histórias. Teve um dia que nós brincamos que estávamos em uma rádio, eu era o radialista e ela a ouvinte, foi bem divertido!

Enfim, meses passaram e Aline melhorou bastante, então foi encaminhada para o Instituto Renascer, talvez já deva ter reencarnado, tomara que seja feliz um dia e como o tempo não para, quando me dei conta já estavam fazendo três anos que eu estava vivendo na colônia Jardim Érida. Eu cuidei de outros amigos, mas se for citar todos vou precisar de outro livro.

Teve um dia em que a diretora Bey e Crisânia se aproximaram de mim e se desculparam por interromperem minhas reflexões enquanto estava no Campo dos Girassóis, pois era meu local favorito da colônia, então a diretora Bey explicou o que queria de mim:

— Sadraque, enquanto está aqui na colônia progredindo, irmãos ainda perdidos, zombadores e depressivos se passam por você e dão a entender que está perdido e sofrendo, Isabel e Luiz Augusto querem ir com você a sua casa e ajudarem os seus familiares provando que está bem.

Então ela parou de falar e Crisânia continuou:

— Sua irmã agora está bem, não sofre mais tanto com a sua ausência, acho que o contato entre vocês poderá ser mais frequente e vamos nos aproximar aos poucos, consolando a todos, afastando quem deve ser afastado e também ajudando a comprovar a continuidade da sua existência.

Eu concordei com o plano de aproximação e como estávamos perto da Praça da Prece, fomos nós três até lá pedir a aprovação do Criador.

Capítulo 25

Um Fenômeno Físico

Alguns dias se passaram e como combinado, Luiz Augusto, Isabel e eu juntos com outros amigos fomos até minha casa. Agora minha irmã tinha mais tempo livre porque suas crianças já estavam frequentando a creche. Minha irmã e minha mãe estavam caminhando na rua em frente a nossa casa, estavam indo para algum lugar, enquanto isso Isabel e os outros se dirigiam até a minha casa afim de afastarem de lá espíritos inferiores.

Enfim, como eu estava dizendo, minha mãe e minha irmã se encontravam na estrada e me minha irmã conseguiu me ver de imediato, ela sorriu e eu fiquei feliz porque ela estava me vendo, então eu disse:

— E aí mana, beleza?

E ela me respondeu em pensamento:

— Que bom que estou te vendo, comigo está tudo bem e com você?

— Estou bem, melhor agora. — Respondi e continuei dizendo. — Mana, me responda uma coisa, por que você está falando comigo em pensamento?

Ela deu uma risadinha e voltou a responder:

— Ué, falo em pensamento porque você está entendendo, não quer que eu fale sozinha aqui no meio da rua, não é? As pessoas não vão ver você, e aí como é que eu fico?

— Tá certo, verdade. — Eu respondi.

Mas minha mãe percebeu que minha irmã estava diferente e escutou quando ela deu a risadinha, então perguntou:

— O que que foi Kely? Por que está rindo?

— É o mano. — Ela respondeu.

E minha mãe disse:

— Até parece.

Então a minha irmã ficou calada por um tempo e voltou a conversar comigo em pensamento:

— Maninho já que está aqui, me diga o que você quer.

— Bom, estou aqui por duas coisas, meus amigos vieram ajudar a retirar da nossa casa espíritos inferiores, enquanto eu vim provar que existo e preciso de sua ajuda. — Expliquei à ela.

Ela ficou feliz e respondeu:

— Me diga em que posso te ajudar que vou fazer o possível.

Então pedi à ela para que ficasse concentrada enquanto estivesse tomando café da tarde com minha mãe e com a Silvana, mulher que um dia foi a minha esposa. A Kely disse que me ajudaria mas primeiro teria que conversar com seus guias para ver se aprovavam o plano. Nós também combinamos que minha irmã compraria um presente e presentearia a minha mãe em meu nome.

E ela foi mesmo, pagar as contas e comprar um perfume que a minha mãe gostava e depois de ter resolvido suas coisas, voltaram pra casa e quando chegaram em casa ela entregou o presente a minha mãe e disse:

— Mãe, esse presente não é só meu, estou te dando em nome do meu irmão e ele gostaria de mostrar que ainda existe.

Então minha mãe disse:

— Que venha então.

Mas ela disse com aquele arzinho de dúvida. Enfim, algumas horas passaram e elas começaram a tomar o seu cafezinho da tarde, enquanto isso eu combinava tudo com Isabel e Luiz. Até que entramos na casa, quando chegamos perto da mesa de refeição, percebemos que minha irmã Kely já estava concentrada, haviam do lado dela dois espíritos, um homem e uma mulher e a mulher disse para minha irmã:

— Agora vamos, podem fazer o que estavam programando, afinal de contas os espíritos inferiores já foram retirados com o grupo de Isabel. Ela

é uma das colaboradoras da colônia onde seu irmão está e o rapaz que está aí é verdadeiramente seu irmão, eu vou, fique em paz.

Então os dois se retiraram e minha mãe conversava com a Silvana coisas do dia a dia, enquanto isso Isabel se aproximou de minha irmã e disse:

— Querida jovem, olhe para frente, está me ouvindo? Está vendo o seu irmão?

— Sim, perfeitamente. — Ela respondeu em pensamento.

— Então concentre-se ainda mais, pois precisamos de fluídos. — Isabel explicou.

Enquanto minha irmã se concentrava, Silvana e minha mãe se alimentavam enquanto ouviam sua rádio favorita. Luiz Augusto e outros amigos encaixaram um aparelho em cima do rádio e Luiz falou:

— Amado Sadraque, quando eu te disser que tudo está pronto, fale o que deseja para sua mãe.

E enquanto eles encaixavam o aparelho sobre o rádio, Isabel colocou um instrumento perto de minha irmã, enquanto olhava por uma tela desse aparelho e depois de algum tempo ela disse:

— Amigos, é agora, vejam aqui na tela.

Então vimos a imagem de um cérebro e Isabel explicou o seguinte:

— Estão vendo esta parte central? É o hipocampo, está escuro, significa que sua irmã se desligou parcialmente de tudo à sua volta e esta outra parte do cérebro é o lóbulo pré frontal, está bem iluminado, vejam. Agora retirem os fluídos necessários.

E assim foi, seis amigos conduziam fluido animalizado da minha irmã até o aparelho que estava no rádio e Luiz Augusto disse:

— Quando eu levantar a mão fale o que deseja à sua mãe.

E assim foi, ele levantou a mão e eu disse:

— Mãe! Aqui é o Sadraque, é ‘nóis’ na área.

Fiquei surpreso quando minha voz foi ouvida no rádio e mais surpresa ainda ficou minha mãe, que depois de ter passado o susto se emocionou e começou a chorar, eu também me emocionei e não pude dizer mais nada, então a rádio voltou a sua programação normal, tocando uma música bem alegre. Fiquei um pouco frustrado, porque não deu tempo de pedir perdão, Luiz Augusto percebeu meus pensamentos e disse:

— Se quer pedir perdão à sua mãe então vá, sua irmã ainda está lá concentrada esperando por você.

Então me aproximei da mana e disse:

— Posso fazer a ligação e falar por você?

Minha irmã olhou para mim e respondeu em pensamento:

— Pode sim, mas não é fazer a ligação, se diz incorporação e vê lá em, é só psicofonia.

— Como assim? — Perguntei.

Então ela explicou:

— É que só vou deixar você falar com ela, tá?

— Tá certo. — Eu respondi.

E assim foi. Através de minha irmã disse tudo o que precisava ser dito, foi mais ou menos assim:

— Mãezinha, me perdoe por favor, eu estou bem, eu te amo muito e sinto saudade.

Então a minha mãe recebeu ao mesmo tempo o abraço de seus dois filhos unidos em um só. Foi uma experiência que só consegui realizar por causa dos amigos que vieram comigo, eles me explicavam o que precisava ser feito e me ajudaram na medida do possível. Então tive que me despedir, afinal de contas era muita emoção para uma tarde só. Daí eu me desliguei de minha irmã e me despedi, Isabel foi comigo para a colônia Jardim Érida, enquanto Luiz Augusto ficou dando instruções a minha irmã, acompanhado de outros operários do bem. Disse que era preciso fazer mais preces e que todos em casa deveriam mudar de comportamento e atitude mental, e depois

se despediu junto com os outros. Tudo que aconteceu naquela tarde foi bem lindo, a atmosfera do lar começou a ser mais leve e minha mãe passou a ter mais fé e mais esperança.

Capítulo 26

Outras Colônias e Algumas Histórias

O tempo foi passando e tanto eu quanto minha irmã estávamos fortalecidos, eu já não estava sentindo o meu suicídio com tanta intensidade e minha irmã estava resolvendo boa parte dos seus problemas. Então as nossas conversas passaram a ser mais frequentes. Crisânia, Luiz Augusto e Isabel permitiam minha saída da colônia contanto que eu estivesse acompanhado por um deles, ou por outro tutor responsável.

Em um certo dia minha tia Normira visitou nossa casa e convidou minha irmã para passar um tempo com ela afim de se conhecer e dominar mais a mediunidade. E assim foi, minha irmã aceitou a proposta e foi morar com minha tia em outra cidade, foi lá que conheci dois centros espíritas e por causa disso passei um bom tempo em outras duas colônias. Foi uma experiência incrível, tanto pra mim quanto pra minha irmã, porque ela passou a estudar livros e conviver com irmãos da mesma fé e eu aprendi muito, é claro. Assim que minha irmã se mudou para a casa de minha tia, Isabel se aproximou de mim e disse:

— Sadraque, hoje vamos conhecer um lugar bem diferente, tanto você quanto sua irmã terão uma nova experiência, vamos a um centro espírita muito simples onde irmãos encarnados e desencarnados, ajudam uns aos outros através dos conhecimentos kardecistas e também através das plantas e da natureza. Eles utilizam ervas e contam com a ajuda de amigos negros e indígenas.

Fiquei intrigado e pensei comigo: “agora vou visitar um centro espírita, quando encarnado não teria coragem de visitar um lugar assim, agora sem preconceitos já que não fui conhecer um centro para não ser interpretado como espírita, agora vou como espírito e Isabel também disse que é um lugar diferente, vai ser minha primeira visita em um lugar desses e para começar vou a um centro não convencional? Então que seja, se a maninha vai estar lá não deve ser ruim, afinal de contas quando eu estava encarnado ela tentava por juízo na minha cabeça”.

Então Isabel interrompeu meus pensamentos dizendo:

— Sadraque, antes de chegarmos até o centro onde se encontram os irmãos do grupo fraterno, vamos até uma outra colônia na qual trabalho, preciso que conheça alguns amigos, então vamos até Belo Vale.

Então descobri que Isabel não morava exatamente na colônia Jardim Érida, ela estava trabalhando no Instituto Somos Eternos, mas tinha uma casa na colônia Belo Vale. Quando cheguei lá fui muito bem recebido e não demorou muito para que eu fosse até a residência de Isabel, ela morava com quatro pessoas, não era uma casa modesta e nem luxuosa demais, era simples, mas muito bonita. Então um homem assim que nos viu, se levantou de uma cadeira de balanço que estava na varanda da casa e disse:

— Que bom que chegaram, trouxe companhia Isabel?

— Sim querido, esse é meu amigo Sadraque. — Isabel respondeu.

Então nós entramos na casa e o senhor amavelmente se apresentou:

— Olá meu jovem, meu nome é Clóvis, é um prazer recebê-lo em nossa casa, sabe, eu cheguei aqui primeiro e Isabel veio depois. Nós fomos casados na Terra e como em nossa casa o evangelho sempre foi obedecido com alegria, agora temos o privilégio de estarmos juntos e essa casa foi adquirida pelo esforço de minha mãe Madalena, que trabalhou aqui na colônia durante algum tempo e com seus bônus adquiriu essa casa, mas como já reencarnou eu e Isabel cuidamos da casa agora. A extraordinária senhora que foi minha mãe agora tem quatro anos e sempre que posso cuido dela. E você meu jovem, o que tem para nos contar?

Eu me sentia muito à vontade com a hospitalidade daquele senhor, mas não queria desapontá-lo falando a respeito das minhas más escolhas, pensei muito no que ia responder e falei:

— Bom, eu me chamo Sadraque e estou aqui a pouco tempo, eu tenho muito que aprender e acho que estou progredindo, pelo menos é o que dizem as pessoas que estão cuidando de mim, e hoje a noite vou até a crosta em um centro espírita e ver a maninha. Minha irmã sempre gostou da doutrina espírita, só que só agora ela vai ter a oportunidade de conhecer e frequentar um centro, quero ver isso de perto.

Então Clóvis interrompeu dizendo:

— Que bom meu jovem que está se interessando pela família e pela seara do Senhor, tenho certeza que vai gostar da experiência, aceita um chá?

— Claro. — Respondi.

Daí ficamos ali conversando por um tempo e Clóvis se despediu, pois tinha suas obrigações. Isabel explicou que precisava se unir a alguns amigos, para irmos até o centro. Enquanto isso, chegou uma moça que nos interrompeu dizendo:

— Isabel, é esse o jovem que vai conosco?

— Sim. — Ela respondeu.

E a jovem continuou:

— Meu nome é Lucila e vou te fazer companhia enquanto Isabel vai chamar Damião e os outros.

— Tá certo. — Respondi.

Então ela me mostrou praças e edifícios, percebi que algumas coisas eram semelhantes em todas as colônias, como os bônus hora, os Ministérios e a devoção à Deus, é claro. Quando falavam de Jesus era sempre com muito carinho e respeito claro, e Deus, o Pai, sempre mencionado com muita reverência, "nosso Criador", "Pai de infinita bondade" e assim por diante. Eu estava refletindo quando Lucila se afastou um pouco e uma senhorinha se aproximou de mim, tinha olhos verdes e cabelo bem branco, era baixinha e bem carismática e ela foi logo dizendo:

— Que bom ver você amigo, fico feliz que esteja bem, eu me chamo Hildegard e vim buscar você para conhecer a colônia Muiraquitã, é uma colônia diferente, mas é uma colônia! E lá também reina a paz e o amor, venha comigo.

Ela foi me puxando pela mão, então eu disse:

— Espera senhora, eu não posso sair daqui, eu vim acompanhado pela Isabel e por uma moça chamada Lucila, tenho que ficar com elas.

Mas dona Hildegard me interrompeu dizendo:

— Fique tranquilo, elas estão comigo, mas eu preferi te buscar pessoalmente, Isabel me falou bem de você e conheci sua irmã na infância e estou gostando da sua disciplina, você está confiando e respeitando aqueles que estão te cuidando.

— Tem certeza que está com elas? — Perguntei.

Então Lucila se aproximou e respondeu:

— Fique tranquilo Sadraque, é verdade, Hildegard é nossa colaboradora e chefe do nosso grupo. Vamos, porque Isabel já está nos esperando em um dos portões da colônia.

Então chegamos perto dos portões da colônia e vi uma espécie de estação, semelhante as estações de metrô terrestre, então Isabel me explicou:

— Sadraque, hoje você vai embarcar em um veículo diferente, como saíamos em pequenos grupos e você sabe volitar, não necessitávamos desse veículo, agora vamos partir de uma colônia à outra em um grupo bem maior, estamos em um grupo de quarenta indivíduos, então vamos de aerobus, é um meio de transporte aéreo muito semelhante aos aviões, só que sem as asas e as janelas não são redondas, mas tirando essas diferenças, no quesito velocidade é praticamente a mesma coisa, sei que você já embarcou em um aerobus antes, mas este aqui é maior e mais rápido. Se bem que os espíritos são mais rápidos ainda quando bem evoluídos, não é o caso da maioria. Esse veículo não é pilotado, a rota é programada em um painel que é comandado pelo irmão Celso, então interrompi dizendo:

— É o mesmo Celso que levou Miranda embora?

— Não, se trata de outro irmão com o mesmo nome. — Isabel respondeu.

Então quando chegamos a colônia Muiraquitã, fomos calorosamente recebidos por irmãos negros e indígenas. Eles nos receberam com capoeira, danças indígenas e um grupo de crianças cantou uma canção indígena para que nós escutássemos. Quando eu estava na crosta ouvi falar dos índios, mas nunca tinha visto nenhum pessoalmente, era tudo muito diferente, mas eu gostei. Um índio alto se aproximou de mim, tinha uma coisa muito bonita

na sua cabeça e não demorou muito pra eu saber que era um cocar de penas vermelhas, então ele me estendeu uma flauta de bambu e disse:

— Toma moço, é um presente teu, sabe tocar?

Então respondi:

— Sei sim, obrigado.

Então ele continuou dizendo:

— Vem, a Isabel vai junto, vamos te mostrar os nossos trabalhos e como 'nós' cuida de quem precisa ser cuidado.

Então nós fomos até uma espécie de hospital, era bem simples mas bem eficiente e tinha pessoas tão preparadas quanto no Hospital Rosa Lilás da colônia Jardim Érida. Também usavam instrumentos bem interessantes e avançados, a única diferença dessa colônia, é que era um pouco mais simples que as outras e os indígenas e negros podiam se sentir mais à vontade, os trabalhos nessa colônia são bem mais intensos, lá se realiza muitas expedições aos Umbrais. Esta colônia também tem algumas semelhanças com as outras, possuindo o sistema de bônus hora e os veículos aerobus, sendo governada também por um Governador e seus Ministérios, aliás, falando em Ministérios, não demorou muito para eu conhecer um dos ministros. Ele se chamava Pai Joaquim, ele também é mentor do sítio onde minha irmã estava trabalhando, lá na colônia Muiraquitã os Ministros também são chamados de pai ou mãe. Os ministros dessa colônia nos passam uma forte impressão fraterna. Enfim, Pai Joaquim se aproximou de mim e disse:

— Que bom que veio, vai ficar um tempo com a gente, mas agora vai passear um pouco com as crianças enquanto eu falo com a Isabel.

Enquanto ele falava com Isabel a respeito de alguns trabalhos, dois indiozinhos se aproximaram de mim, eram duas crianças e a indiazinha que se chamava Mayara, pegou em minha mão e disse:

— Vem guri, 'nós vai' num igarapé lá da Terra, é que essa colônia fica em cima da Amazônia, então 'vamo'!

Fiquei um pouco preocupado, eu tinha toda essa liberdade para sair da colônia? Então olhei para o Pai Joaquim e ele entendeu o meu olhar interrogativo e respondeu:

— Vai sem medo guri se você não se comportar eles dão um jeito em você, confia nessas crianças, vai sem medo.

Então saímos da colônia volitando já que na colônia Muiraquitã não tem muita restrição quando o assunto é volitação, só não podemos volitar perto dos hospitais e dos postos de atendimento, mas no restante da cidade tudo certo. Enfim, descemos até um rio na crosta terrestre. Sim, eu estava na Amazônia pela primeira vez, primeiro visitamos uma reserva indígena e a indiazinha Mayara me disse:

— Vem, 'vamo' cuidar das criança.

Daí fiquei pensando e respondi:

— Como vamos cuidar deles? Nós somos espíritos e eles são crianças encarnadas.

Então a indiazinha Mayara pegou em minha mão e respondeu:

— É eles tão na casca, mas quando 'nós fala' bem pertinho deles, eles nos obedecem e ainda pensam que a ideia é deles, então vamos afastar essas crianças do perigo tá?

— Tá certo. — Então respondi.

É impressionante a liberdade que os pais indígenas dão as crianças, eles entram na mata sozinhos e tudo bem, porque algumas daquelas crianças que observávamos saíram em direção à floresta, parece que eles sabem que os filhos são protegidos. Mas enfim, o indiozinho desencarnado que acompanhava Mayara quase não falava, mas de repente ele disse:

— Olha Mayara, o tamanho daquela mãe da Terra.

Então olhei para frente e vi outras quatro crianças encarnadas brincando ao lado de uma árvore e do outro lado estava enrolada atrás da mata uma cobra enorme. Daí Mayara me explicou assim:

— É uma jiboia, a gente chama ela de mãe da Terra, avisa as 'criança' que é hora de sair dali!

Então cheguei perto das quatro crianças que brincavam e falei bem pertinho do ouvido da menina maior que parecia ser a mais velha:

— Indiazinha, olhe para o lado direito e saia daí! Cuidado com a cobra.

Então a menina olhou para o lado e tranquilamente levou as crianças para o outro lado da floresta onde havia um ribeirão. Eu logo pensei: "cadê os pais dessa criançada? E se o rio for fundo eles podem se afogar! Na minha opinião os pais também deveriam ter vindo". Daí o indiozinho desencarnado ouviu meus pensamentos e respondeu:

— O rio é fundo, mas 'nóis' tá aqui e hoje essas 'criança' não vai morre.

Então aqueles dois espíritos me levaram para o fundo daquele rio e claro a gente não se molhava, nós estávamos respirando tranquilamente e a experiência não parou por aí, porque lindos peixes e alguns botos cor de rosa passavam através de nós sem perceber nossa presença, apenas um daqueles golfinhos nos percebeu e desviou de rota. Aquela parte do rio aonde estávamos, estava bem funda e eu estava preocupado com as crianças, então Mayara me disse:

— As 'criança' 'tão' vindo pra cá, olha o que eu vou 'fazê'.

Então ela saiu do rio e foi flutuando em direção as crianças, chegando perto de um menino que parecia ter apenas quatro anos, daí ela disse:

— Olha lá, tá vendo aquele pé de guaraná?

Então o menino olhou para o lado e arregalando os olhinhos, saiu da água imediatamente e junto com ele foram as outras crianças e terminando de colher as frutas, foram para casa. Então Mayara me disse novamente:

— 'Vamo' pra cima que já 'tá' na hora.

Então voltamos para a colônia Muiraquitã, aquelas crianças se transportavam tão rápido que chegamos na colônia quase instantaneamente.

Daí fomos recebidos por alguns membros da colônia, por Isabel, pela Dona Hildegard, pelo Pai Joaquim e pela Dona Rosinha que era uma senhora negra um pouco mais alta que eu, pensa em uma senhora alegre que deixa qualquer pessoa feliz, ela me viu e foi logo dizendo:

— Seja bem vindo menino Sadraque, Deus vai curar as feridas do teu coração, 'vossunce' ainda vai 'cê' muito feliz.

Daí fiquei pensando: "tomara que ela tenha razão, estou envergonhado diante dessa gente. Sou um suicida e a energia dessa mulher é tão acolhedora", mas o Pai Joaquim interrompeu meus pensamentos dizendo com autoridade:

— Olha moço, o que você fez foi coisa muito feia, mas ficar se condenando não ajuda, por outro lado, um rio represado quando estoura faz estrago, então venha comigo.

Então ele me levou a um jardim simples e bem isolado, lá tinha alguns banquinhos de madeira. O Pai Joaquim me levou lá por estar muito abalado emocionalmente e dessa forma eu não poderia aprender muita coisa, daí ele me disse:

— Aqui é um lugar muito bom pra você se livrar de algumas coisas, então chora moço, chora a vontade e quando sair desse lugar não quero que fique mais pensando no teu fracasso, deixa teu fracasso aqui e sai com a vitória, vou te deixar um pouco sozinho pra você deixar correr as lagrimas amargas que está guardando, saia daí sem nenhuma lágrima, tá certo moço?

Só que eu já não respondia, porque já estava chorando. Então ele me deixou sozinho e fiquei lá pensando nos meus erros, de repente não estava mais chorando e quando dei por mim estava distraído com o pôr do sol na colônia e aquela gente me perdoava, então certamente Deus também me perdoou e se Deus me perdoou também tenho que me perdoar.

Capítulo 27

Visitando um Lugar Abençoado

Estava começando a escurecer na colônia Muiraquitã, então escutei o som que parecia de uma trombeta, ouvindo uma grande movimentação na colônia, agora negros e indígenas se reuniam no centro de uma praça, então uma jovem chamada Zúlia se aproximou de mim, era uma jovem negra, ela tinha um penteado enfeitado com búzios. Mas enfim, Zúlia pegou minha mão e foi logo dizendo:

— Vem moço, vamos lá pra cabana que fica em um sítio onde a gente trabalha, a tua irmã está lá com a tua tia e outros amigos encarnados e desencarnados.

Então interrompi dizendo:

— Só quero saber se Isabel vai com a gente.

Daí Zúlia respondeu:

— Não é só a Isabel quem vai, mas todo o grupo que veio com ela, fica tranquilo, aqui todo mundo se conhece, somos unidos, eu não vou fazer você desobedecer nenhuma regra.

Então Zúlia me levou até onde estava Isabel para que eu ficasse mais tranquilo e fomos todos, fiquei surpreso com a grande migração de espíritos, éramos muitos, talvez mais de duzentos indivíduos e Zúlia me explicou o seguinte:

— Nem todo mundo vai ficar no sítio, muitos vão para os lares das famílias que vão para o sítio a procura de auxílio.

— E você, trabalha no sítio? — Perguntei.

— Trabalho sim, a muito tempo. — Zúlia respondeu.

De repente aquela trombeta tocou novamente.

— Nós chegamos. — Zúlia disse.

Então vi que quem tocava a trombeta era o índio Ubiratã, o mesmo que tinha me presenteado com aquela flauta de bambu na minha chegada. Agora, já no sítio, as mulheres e as crianças foram para trás daquela casa humilde, os homens mais velhos entraram e os jovens cercaram a casa, tanto por fora, quanto por dentro. Os jovens indígenas portavam arco e flecha, e assim guardavam a casa protegendo de forças sombrias. Notei que a casa era protegida por paredes e muros dos mesmos materiais que se usam nas colônias, ou seja, uma casa de matéria sutil estava sobreposta sobre a humilde casa de madeira, bem antiga por sinal, mas muito acolhedora. Decidimos entrar, já havia muitos espíritos sendo atendidos pelos trabalhadores da casa e não demorou muito para os encarnados começarem a chegar, então eles ligaram um pequeno rádio com músicas indígenas e pensei comigo: “Nossa que legal, um rádio”. Porém Zúlia percebeu o que eu pensava e foi logo dizendo:

— Sadraque a gente não veio pra isso, esquece o rádio.

— Desculpa amiga, é que eu gosto muito. — Respondi.

E não demorou muito para a casa ficar cheia e para minha alegria a maninha estava chegando, ela me viu de imediato, estava acompanhada de alguns amigos encarnados que trabalham naquele lugar, então minha irmã disse em pensamento:

— Nossa que bom que você veio, se der tempo a gente conversa tá bom?

— Se der tempo? — Perguntei.

Então minha irmã explicou:

— É que eu já vim aqui outras vezes e posso garantir que tem bastante atividade, até mesmo pra você eu acho.

Nós estávamos conversando ainda quando dois espíritos se aproximaram da minha irmã, lembrei deles imediatamente, era o mesmo casal que estava ao lado de minha irmã quando ela me ajudou com o fenômeno físico do rádio, lembro que naquele dia a mulher desencarnada me apoiava dizendo que minha irmã poderia confiar em mim, então me aproximei dos dois e perguntei:

— Quem são vocês amigos?

Então os dois me olharam e a senhora se aproximou dizendo:

— Boa noite, eu me chamo Airala e já te conheço, é você que não me conhece, pois quando encarnado não podia me ver.

— As vezes minha irmã falava da senhora. — Eu disse.

Daí ela colocou o braço envolta do meu pescoço e respondeu:

— Pode me tratar por você, somos irmãos em Deus, a única diferença entre nós é que a perfeição do Criador não sai do meu pensamento e confio plenamente nele, já você só confiou em si mesmo muito antes de estar preparado para isso, é claro que necessitamos confiar em nós, mas nunca devemos deixar de confiar no Criador, porque tudo que faz é perfeito e não se esqueça, o Universo tem princípios criados por Deus, respeitar esses princípios é ter misericórdia de si mesmo e dos que te cercam.

E muito simpática ela continuou:

— Venha Détro, vai ser bom para o Sadraque conhecer você também.

Então o outro mentor de minha irmã se aproximou de mim e falou:

— Olá meu jovem, que bom que você está aqui, as atividades vão começar, venha comigo, vamos conhecer os trabalhos da casa.

— Minha irmã sempre falava de vocês, mas não sabia que eram tão agradáveis. — Interrompi dizendo.

— Só tratamos as pessoas como Cristo nos manda. — Détro disse e continuou. — Nós somos todos irmãos, filhos do Pai Celeste, se lembrarmos que somos uma família universal e realmente acreditarmos nisso, não haverá desrespeito entre nós.

De repente todos silenciaram, um homem encarnado fazia uma prece, enquanto isso mulheres negras desencarnadas cantavam uma canção com uma melodia bem suave, enquanto outros desencarnados batiam palmas de maneira tão organizada que parecia um instrumento acompanhando a canção. Daí luzes brancas e amarelas desciam do alto e

duas mulheres desceram com essas luzes. Enquanto isso, alguns espíritos se aproximavam de seus médiuns que trabalhavam através da incorporação, enquanto outros aplicavam passes utilizando também pequenos ramos de arruda ou até mesmo outras ervas, e a nossa tia Normira também auxiliava, incorporada com a índia Jandira, aconselhando a muitos. E em uma outra sala no fundo da casa, três trabalhadores encarnados também recebiam o auxílio dos espíritos. Então perguntei a Détro onde estava minha irmã e ele me respondeu:

— Sua irmã continua na sala central da casa ouvindo a palestra.

E ele me levou até lá. De repente para mim já não era mais possível contar os desencarnados, porque haviam chegado outros habitantes da colônia Muiraquitã e visitantes de outras colônias. E alí muitos espíritos estavam sendo atendidos, havia tanto serviço que também fui convocado a trabalhar, daí uma senhora negra trocou alguns olhares com Détro, o guia da minha irmã, então ele me disse:

— Amigo Sadraque, quer nos ajudar a trabalhar?

— Não sei se consigo. — Respondi.

Então Détro colocou sua mão direita em meu ombro e disse:

— Não se preocupe amiguinho, a tarefa é simples, não vamos te pedir o que não é capaz de fazer.

— Tá, então tá certo, eu ajudo. — Respondi.

Então a senhora negra se aproximou de mim e se apresentou dizendo:

— ‘Boas’ noite menino, meu nome é Nastácia, esse homem que está do seu lado vai dizer o que se tem que ‘faze’, fico feliz se nos ‘ajudá’.

— Tá certo Nastácia, te ajudo. — Respondi.

Então Détro me conduziu para um corredor que havia na casa, o corredor ficava entre o banheiro e uma outra sala, para os encarnados aquele corredor termina em uma parede, ou melhor dizendo, em uma porta que não é utilizada, mas para nós começa uma escada que nos conduz a outros andares da casa, dois andares de edificação material e mais três andares de

edificação etérea. Enfim, fui até o quinto andar onde Détro me mostrou uma espécie de carrinho com várias prateleiras e nas prateleiras havia duzentos potinhos com alimentos para os espíritos enfermos, o quinto andar era uma espécie de hospital bem rústico, mas também bem preparado, com equipamentos desconhecidos para os hospitais terrestres, no quinto andar encontrei Zúlia e me surpreendi, ela era uma enfermeira daquele lugar. Détro me deixou aos cuidados dela e juntos cuidamos e alimentamos irmãos sofredores. Além da alimentação, Zúlia me disse que eles precisavam de um pouco de atenção, não percebi, mas fiquei trabalhando com Zúlia a noite toda. E quando o trabalho acabou o sol estava nascendo, muitos estavam voltando para a colônia e claro, minha irmã já tinha ido embora, fiquei um pouco triste por não ter me despedido, mas gostei de ajudar aquela gente e com certeza veria minha irmã em outro momento. Eu estava pensando nisso quando Airala se aproximou, ela estava acompanhada do seu amigo Détro, eles nunca se afastavam muito um do outro, então ela me disse:

— Bom dia Sadraque, deve estar cansado da tarefa, Pai Joaquim me pediu para te levar conosco até a colônia Muiraquitã e fico feliz que vai conosco, pois preciso te contar algumas coisas.

Eu realmente estava cansado, ultimamente eu dormia apenas uma hora por dia, mas sinceramente estava necessitado de mais horas de sono. Então Détro e Airala foram comigo até a colônia Muiraquitã e quando chegamos lá, Nastácia nos mostrou aonde deveríamos ficar, sim, porque Détro e Airala ficariam comigo, fiquei feliz em conviver um pouco mais com os guias de minha irmã. Daí entramos em uma cabana bem simples, porém muito limpa, Nastácia deu para nós uma fichinha e nesta fichinha tinha nosso nome e uma numeração, o meu número era catorze, então Détro me explicou assim:

— Já visitei essa colônia mais vezes, então vou te explicar a razão de termos ganhado essa fichinha. É que nessa cabana que vamos ficar tem muitos leitos e você vai ficar na cama catorze, eu vou ficar na treze e Airala vai descansar na vinte e quatro junto com algumas mulheres. Agora vou te levar ao refeitório da cabana já que precisa se alimentar.

Então perguntei:

— Détro, você também vem comigo?

E ele respondeu:

— Não amiguinho, não preciso mais me alimentar, apenas vou descansar ao seu lado para que se sinta mais à vontade, mas vai ter que ir ao refeitório sozinho, só é permitida a entrada daqueles que precisam se alimentar. Vai irmãozinho, fique à vontade, essa colônia é tão harmoniosa quando as outras, não precisa ter medo de ficar com pessoas que não conhece.

Então entrei no refeitório sozinho mesmo, eu não conhecia ninguém, mas todas as cadeiras estavam numeradas e logo achei a cadeira caatorze e não demorou muito para o refeitório ficar cheio, então mulheres indígenas começaram a nos servir. Daí Pai José apareceu para que nos sentíssemos à vontade, a comida era gostosa e todos conversavam educadamente, não era um silêncio fúnebre, nem tinha barulho de festa, tudo muito tranquilo. Então uma índia que sentou ao meu lado, perguntou se eu estava satisfeito e começamos a conversar, ela perguntou algumas coisas, mas o que me chamou atenção foi quando perguntou sobre minha relação com minha irmã, perguntou se nos entendíamos bem. Respondi que sim e ela pareceu ficar mais tranquila. Quando terminei a refeição ela me mostrou onde deixar o recipiente que eu havia usado e saiu caminhando comigo pela colônia, ela falava pouco mas me senti bem com a índia, decidindo ouvir os conselhos de Détro, resolvendo não ficar tão preocupado, afinal de contas eu estava em uma colônia, eu não conhecia aquela índia, mas não me faria mal. E enquanto caminhávamos o clima ficou um pouco tenso, porque vi homens negros indígenas jovens que carregavam algumas gaiolas e dentro dessas gaiolas haviam homens revoltados e desfigurados, e a índia me tranquilizou dizendo:

— ‘Nóis’ ‘vamo’ cuidar deles, só tão preso pra não se machuca, nem machuca os ‘outro’, ‘vamo’ cuida deles com o mesmo amor que ‘cuidamo’ de você, só que não dá pra ‘solta’ não.

Então a índia me explicava aquela situação um tanto desagradável, só que aí um daqueles prisioneiros me reconheceu, é, pra ver como o mundo espiritual também é pequeno. Daí ele gritou de dentro da gaiola:

— Até aqui tenho que te aguentar tampinha! Não é justo suicida, você está livre e eu estou aqui.

Aquela boa índia não gostou nenhum pouco da situação, ela não queria que eu me sentisse mal, então ela olhou bem sério para aquele prisioneiro e me levou dali.

Então me perguntou:

— Conhece ele moço?

— Conheço sim, é Genésio. — Respondi e continuei dizendo. — Será que já invadiram o Vale do Choro? Mas a Miranda ainda nem cresceu.

Então a índia me esclareceu dizendo:

— Não, lá ainda 'nóis' não vai, Jesus disse que se tirar o joio antes da hora o trigo também vai embora, esse aí 'nóis' pegamo fora daquele vale, tava incomodando em uma casa de um irmão encarnado nosso, agora vai fica aqui até toma jeito, mas 'dexa' isso pra lá, tem uma dona querendo falar com você.

Então ela me levou até uma espécie de praça onde Airala estava sentada em um banco de madeira, Airala cumprimentou a índia e disse para que cuidasse bem de minha irmã. A bela índia se despediu e Airala segurou minhas mãos e me convidou a sentar, de repente aconteceu uma coisa que achei estranho, Airala começou a chorar, pensei comigo: "ué um guia chorando"? Ela entendeu meus pensamentos e respondeu:

— Guias espirituais também amam Sadraque e tenho história com sua irmã, mas tenho provas a cumprir e também uma missão importante na Terra, pois os pais que escolhi já se casaram e tenho que reencarnar, preciso que você caminhe na trilha do amor e da justiça para auxiliá-la no que for possível, Détro vai visitá-la de vez em quando e durante um tempo trará notícias minhas.

Fiquei preocupado, então perguntei:

— Então minha irmã ficará sem guia?

Ao passo que ela me respondeu:

— Não amigo, enquanto sua irmã escolher o bom caminho, sempre terá com ela uma equipe de espíritos amigos, aquela índia que acabou de sair daqui é Potiguára, ela vai ficar no meu lugar, mas sua irmã tem

dificuldades de aceitá-la, elas já se dão bem, mas a confiança que ela deposita em Potiguára não é a mesma que deposita em mim, sua irmã está acostumada com pessoas comunicativas, então peço que de vez em quando converse com ela e faça amizade também com Potiguára, se ela observar que andam juntos a amizade vai fluir mais fácil.

— Onde vai nascer? — Perguntei.

— Nascerei em Israel, na cidade de Jerusalém. — Ela respondeu.

“Tá lascada”, pensei comigo. Airala entendeu meus pensamentos e respondeu:

— Sua irmã tem a mesma preocupação, porém é uma preocupação desnecessária, nenhuma folha cai sem o consentimento divino, eu tenho uma missão a cumprir na Terra, a única que pode frustrar essa missão sou eu mesma se me desviar no caminho.

Daí Airala silenciou e reparei como gostava de estar na companhia dela, então imagina como minha irmã estava, durante anos estavam juntas e Airala é do tipo de pessoa que sempre tem a palavra certa. Mas de repente me senti muito mais cansado, eu havia trabalhado muito e desde que cheguei ainda não tinha descansado. Então Airala me levou até onde eu deveria me hospedar, se despediu e eu adormeci. Não sei explicar, mas uma coisa estranha aconteceu, meu corpo mental se desprendeu do perespírito, não sei como isso acontece, mas aconteceu, pensei que esse acontecimento fosse uma regra para encarnados, mas vejo que não, de repente senti que me deslocava rapidamente para cima e vi um lugar muito diferente. Ao mesmo tempo que o lugar era todo escuro, tinha pontos muito brilhantes, então ouvi uma voz que tomava conta de todo lugar e essa voz me disse:

— Este é o espaço, está vendo um pouquinho do universo, contemple as belezas das moradas do Pai Eterno.

Queria saber quem estava falando comigo, mas aquela voz vinha de todas as direções e não importava pra onde eu olhava, eu enxergava de tudo, globos brilhantes, globos que não brilhavam, enfim, bolinhas e bolonas, mas nada de ver quem falava comigo. De repente tudo silenciou e comecei a ver em minha frente uma luz que estava ganhando forma, daí outra luz ao lado daquela ganhava forma também, eram dois seres completamente diferentes

de tudo que eu já havia conhecido, mas apesar de serem diferentes eram muito belos, fiquei com medo a princípio, mas quando se aproximaram de mim, percebi que meu medo era infundado, pois sentia uma força acolhedora, apesar de me sentir muito pequeno diante deles. Então um dos dois começou a falar:

— Vi teus pensamentos criança e peço gentilmente que não vulgarize o universo, o espaço não é um aglomerado de esferas, é um complexo sistema de planetas, estrelas, galáxias, enfim, coisas que vai compreender melhor com o tempo.

Essa voz que eu escutava era a mesma voz que falava comigo a poucos instantes, mas agora eu sabia de onde estava vindo, mas mesmo assim eu a escutava falar por todos os lados, também naquela situação eu conseguia enxergar por todos os lados, até por trás de mim, sentia coisas que ainda não posso explicar. Quando eu estava na Terra, ou nas colônias, eu conseguia ouvir pelos ouvidos, sentir o cheiro das coisas pelo nariz, enfim, agora sinto e vejo tudo por tudo e por todo o lugar, fiquei um pouco confuso com essa situação, então aquele ser voltou a me esclarecer assim:

— Criança, você precisa se concentrar, se você está em seu corpo mental decida para onde quer olhar e o que quer ouvir, então se manterá em ordem.

Fiquei admirado e respondi:

— Então posso ver e ouvir só o que quero?

E aquele ser me respondeu:

— No seu grau evolutivo ainda não é possível ouvir e ver só o que você deseja, mas nós podemos fazê-lo. Para que conseguisse nos ver, tivemos que ficar mais densos, é uma espécie de materialização.

Então eu respondi:

— É, eu entendi algumas coisas, mas quero pedir um favor, não me chame de criança, já sou adulto.

Então os dois seres e se aproximaram de mim e o ser que falava comigo me pegou no colo e disse:

— É um adulto para aqueles que você conhece, mas não para nós, sua estrada ainda é longa, mas com certeza vamos te esperar, não te amamos só pelo que é, mas pelo que ainda vai se tornar. Para nós é uma criança, porque seu espírito foi criado quando nós já existíamos, você tem muito o que aprender e sabemos disso.

Sinceramente eu queria sair dali, estava envergonhado, provavelmente sabiam tudo sobre mim e sobre meus erros também, e o ser que estava comigo no colo me disse:

— Não sinta vergonha de si mesmo agora, há momentos para tudo, não vou julgar você, ah e desculpe, não nos apresentamos ainda, eu sou Kuarian e este ao meu lado é Sananda, te levaremos para conhecer algumas coisas, mas antes quero saber de ti se deseja acompanhar-nos.

— Sim eu vou. — Respondi.

Então eles me mostraram uma constelação que nós na Terra chamamos de Cabeleira de Berenice, também fomos a uma outra Galáxia chamada Andrômeda. Nessa Galáxia vi outros espíritos como eles, então perguntei:

— Nesse lugar existem planetas físicos habitáveis?

Então Sananda respondeu:

— Existem sim, mas hoje não verás nenhum desses planetas, você precisa voltar.

E me conduziram de volta para o lugar onde eu estava no começo de nossa conversa, então Kuarian me disse:

— Minha criança, já pensou no seu futuro?

— A que futuro está se referindo? — Perguntei.

E ela continuou dizendo:

— Você sabe que um dia terá que voltar a crosta terrestre.

— Não quero voltar! — Interrompi dizendo.

Então Kuarian me abraçou e continuou dizendo:

— Sinto muito, um dia terá que voltar, essa lei é do nosso Criador e é muito justa, não há motivos para ter medo, além do mais, se quiser reparar alguns erros deve ser pelo caminho da redenção e não da culpa. Falando em culpa, ouça um conselho meu, muitos irmãozinhos que se sentem culpados, imploram para sofrer as suas penas no corpo físico, mas o Pai Celeste em seu infinito amor prefere um corpo saudável que estenda a bondade à todos que o cercam, então o Pai te dá duas escolhas: pode sofrer no corpo as penas do suicídio; ou pode nascer saudável, mas terá que servir a muitos. A sua mãe é um exemplo disso, nasceu saudável e estendeu suas mãos para ser de tudo um pouco, enfermeira, mãe, professora. Enfim, você entendeu o que eu quero dizer, a escolha é sua, volte com a paz de Cristo, não esqueça as minhas palavras.

De repente acordei com um susto, eu estava de volta a colônia Muiraquitã, deitado em minha cama pensando naquele sonho tão real. Então Potiguara, Détro e Airala se aproximaram, e contei a eles sobre a minha experiência. Potiguára apenas me abraçou, enquanto Détro me olhava em silêncio e Airala muito sábia nos disse:

— Irmão Sadraque, pelo que vejo, tem uma decisão a tomar, vamos orar para que faça a melhor escolha, para si e para os que te cercam, eu conheço Sananda e Kuarian, e digo com segurança que deve ouvi-los.

Então nós pedimos à Deus para que me iluminasse e também pedi proteção a minha família. O sol estava se pondo e nós estávamos de mãos dadas pedindo a misericórdia e a sábia decisão divina. Quem me dera se antes eu tivesse finalizado cada dia com uma prece.

Capítulo 28

Cuidando de um Adversário

Alguns dias haviam se passado e eu já estava sentindo saudade da colônia Jardim Érida, pois já estava acostumado com minha rotina diária, os irmãos da colônia Muiraquitã perceberam o que estava acontecendo e Dona Hildegard se aproximou de mim e perguntou se eu queria participar de algumas atividades, também me perguntou a respeito de Genésio, e eu, claro, falei o que sabia a respeito dele, dona Hildegard falou que eu podia ajudá-lo. Genésio já estava na colônia a mais de quinze dias e não dizia uma só palavra, mas quando me viu disse alguma coisa pelo menos e mesmo que não tenha falado coisas boas, pelo menos agora tinha vontade de se expressar, eu queria ajudá-lo, mas não tinha certeza se conseguiria, então dona Hildegard perguntou:

— Sadraque, estou indo agora ver o irmão Genésio, gostaria de me acompanhar? Pelo menos para ver como ele está e ver como ele reage quando te ver.

— Vamos então. — Respondi um pouco contrariado.

Enfim, chegamos até onde Genésio estava, era uma cabana simples, com algumas gaiolas e dentro delas irmãos revoltados que precisavam estar lá presos pela segurança deles e da colônia. Bom, foi só colocarem os olhos em nós para começarem a bagunça, batiam nas grades, xingavam, alguns exigiam a sua liberdade. Dona Hildegard nem se importava com tudo aquilo, mas eu sinceramente estava um pouco incomodado com a baderna. Então avistei Genésio em uma das gaiolas e ele foi logo dizendo:

— Some daqui tampinha, não quero te ver e o medrosinho não veio sozinho, trouxe junto uma velha esclerosada. Vão embora! Não quero sermão. — Dizia ele gritando cheio de raiva.

Então dona Hildegard disse à ele:

— Amigo Genésio, não me ofendo com o que você diz, mas por favor, peço um pouco de respeito, as palavras que você fala apesar de não me ofenderem fazem mal a você mesmo, a rebeldia faz muito mal.

Então ele interrompeu dizendo:

— Não se faça de boazinha e tira esse tampinha daqui!

Mas eu fiquei indignado com aquele mal educado, então falei:

— Genésio, essa senhora não se faz de boazinha, ela é boa e é isso que te incomoda, além do mais o tampinha aqui veio te ajudar cara, mas se não quiser...

— Me ajudar como, vai me tirar daqui? — Ele interrompeu dizendo.

— Eu não posso fazer isso. — Respondi.

Nem preciso dizer que ele disparou uma série de xingamentos, ele só queria sair dali e continuou reclamando:

— Por que o suicida tem que estar livre e eu estar aqui preso?

— Porque eu não vim pra cá esperneando. — Respondi.

Então dona Hildegard calmamente falou a Genésio:

— Nosso irmão Sadraque tem consciência dos seus erros, mas você tem em seu coração a vingança, o ciúme, a revolta e a amargura, tudo isso não te faz bem, queremos te mostrar um caminho novo.

Então eu interrompi dizendo:

— Estou começando a caminhar por esse novo caminho e me encontro bem melhor do que antes e você deve confiar em Deus amigo.

Então ele respondeu com crueldade:

— Se confia tanto em Deus, por que se matou então?

— Porque eu não confiei naquele momento. — Respondi.

E Genésio continuou a reclamar:

— Se você fosse tão bom não teria chamado a atenção do venerado, eu estava no Vale do Choro a mais tempo que você e o tampinha em três dias chamou a atenção de Wagner, deve ter sido por causa da bondade, né?

Então eu respondi:

— Genésio, em primeiro lugar dispenso a atenção daquele cara, em segundo lugar, todo mundo erra, em terceiro lugar eu quero te ajudar, mas desse jeito fica difícil, olha, se estou aqui é porque essa boa senhora me pediu e por mais que você negue, a minha presença fez pelo menos você ter vontade de se expressar. Não é verdade que você está calado desde que chegou aqui?

Então ele respondeu:

— É que eu não conhecia ninguém quando cheguei, mas agora já é demais, eu e meus companheiros estamos aqui trancados e o suicida livre como um passarinho, ah, mas eu não vou ficar quieto mesmo, isso não é justo!

Então dona Hildegard explicou:

— Também queremos que seja livre Genésio, mas por enquanto você está muito violento e deseja prejudicar a muitos, já o nosso irmão Sadraque deseja melhorar e está cooperando com a recuperação de outros amigos.

— Ah, então é só se fazer de bonzinho e pronto. — Ele interrompeu dizendo.

Então interrompi dizendo:

— Estou sendo sincero Genésio, eu não estou fingindo. Mas estou vendo que te ajudar é difícil.

— Não disse que seria fácil. — Dona Hildegard respondeu.

— Ah tampinha, tomou bronca. — Genésio disse debochando.

E enquanto conversávamos a indiazinha Maiara entrou no local empurrando um carrinho com recipientes para alimentar aqueles irmãos, ela foi distribuindo o alimento, mas Genésio recusou e ainda fez malcriação dizendo:

— Some daqui fedelha, se não o bicho papão vai te pegar.

E fez uma cara bem feia. Mas a menina deu uma risada e respondeu:

— O bicho papão está na minha frente, mas não assusta não, um dia você vai ficar bonzinho.

— Nunca! Some daqui pirralha. — Ele respondeu.

Então a pequena Maiara olhou para dona Hildegard e as duas riram, pareciam não se importar com as grosserias daquele cara, mas eu sinceramente estava indignado. Então Dona Hildegard estendeu o recipiente para Genésio e ele respondeu asperamente:

— Já disse que não quero!

E atirou longe o potinho. Daí dei uma bufada e saí, para mim já havia sido o suficiente e me sentando em um dos bancos de uma das praças da colônia fiquei pensando até que me acalmasse, mas a indiazinha Maiara foi até ao meu encontro e não demorou muito para dona Hildegard chegar lá também. Então eu disse:

— Dona Hildegard, como é que você consegue aguentar esse cara?

Daí a pequena Maiara sem que eu esperasse sentou em meu colo e dona Hildegard disse:

— Existem irmãos mais difíceis que Genésio, já estamos acostumados com esse tipo de reação, além do mais, ter que cuidar de Genésio vai exercitar a sua paciência. Já está decidido, enquanto estiver aqui, cuidará dele.

— Eu quero, mas não sozinho. — Respondi.

E ela continuou explicando:

— É claro que não fará isso sozinho, Maiara e Ubiratã estarão com você.

— Mas a Maiara é só uma criança. — Respondi.

Então Dona Hildegard pacientemente me respondeu:

— Até as crianças sabem trabalhar quando são ensinadas e Maiara é um espírito livre do cérebro infantil, ela já trabalha com espíritos difíceis a cinquenta anos, vai se surpreender com ela.

Bem, como eu disse, a Maiara estava no meu colo e quando percebi já estava deitada em meu peito, e de repente ela tocou em minha testa com sua mãozinha delicada, daí passei a me sentir muito bem, a sensação era tão boa que já não me importava mais com as malcriações de Genésio.

Mas enfim, a noite chegou e os membros da colônia se reuniram para orar e fazer um momento devocional, enquanto flores florescentes desciam do alto e se desfaziam ao tocar em nossas cabeças. Quando a prece terminou, avistei Maiara novamente empurrando aquele carrinho com os tais potinhos, e ela disse:

— Vem Sadraque, vamos dar comida pra eles.

Eu fui com ela e no meio do caminho ela me explicou o seguinte:

— Sadraque, quando a gente chegar lá você oferecesse comida pro Genésio, mas se ele não quiser não tem problema, lá na cabana tem uma mesinha, só deixa lá em cima, ele vai ficar olhando, olhando, mas se ele não te pedir, você não dá.

— E o que eu faço enquanto isso? — Perguntei.

— Me ajuda a cuidar dos outros. — Ela respondeu.

E assim foi, quando chegamos alimentamos a todos, e claro, Genésio não quis, mas dessa vez fiz o que Maiara havia sugerido e não demorou muito tempo para que ele pedisse para mim o potinho, então dei a ele. É claro que quando terminou de se alimentar o potinho voou em minha direção e eu me abaixei rapidamente, Maiara guardou o potinho e se aproximou da gaiola dele, ela estendeu as mãos e deu um passe em Genésio e ele adormeceu profundamente. Ela tinha muitas coisas sob controle, mesmo sendo uma criança. Eu ainda estava pensando nisso quando ela me perguntou:

— Você ainda quer cuidar dele?

— Enquanto você estiver me ajudando não vou ter medo de fazer o que vocês me pedem. — Respondi.

Agora eu estava bem mais tranquilo e o tempo foi passando, o sol estava quase nascendo e Genésio acordou. Me aproximei da gaiola e perguntei:

— Tudo bem com você amigo?

E ele respondeu meio sonolento:

— Tudo ótimo, mas não quero ser seu amigo.

Então me aproximei mais da gaiola e respondi:

— Mas eu vou ser seu amigo mesmo assim.

E comecei a cantar um hino que eu conhecia e ele respondeu:

— Para não continuar te ouvindo eu até finjo ser seu amigo, mas cala a boca.

Então parei de cantar e perguntei à Genésio como ele havia chegado ao mundo espíritual, ele ficou um pouco desconfiado e a princípio não quis responder, mas logo depois respondeu. Ele contou que pertencia a uma família bem sucedida, mas sua vida era vazia e para piorar a situação, conheceu amigos que encaminharam ele para o mundo das drogas e acabou desencarnando em um racha de moto, depois de ter contado parte da sua história ele disse:

— E agora que sabe disso, vai fazer o que?

— Nada, amigos conversam. — Respondi.

Também contei a ele como era minha vida na Terra, mas ele se calou e não disse mais nada, então deixei o local e voltei para o meu alojamento. Airala me esperava e me convidou para ir com ela até um outro centro espírita da cidade em que minha irmã estava, ela me disse que Pai Joaquim já havia autorizado a nossa saída e que em poucos dias eu voltaria para a colônia Jardim Érida.

Enquanto a tarde não chegava, eu e Airala fomos até uma oficina onde muitos irmãos da colônia Muiraquitã estavam tecendo algumas esteiras, Airala pediu licença a todos e perguntou se podíamos tecer com eles, todos ficaram felizes com o interesse de Airala, dava para ver no sorriso

deles o contentamento com o jeito espontâneo dela. Eu e minha mais nova amiga nos sentamos perto de Rosinha e Nastácia, Rosinha começou a nos contar suas histórias de como cuida dos irmãos na colônia e também do seu sofrimento no tempo da escravidão do Brasil. Quando ela terminou sua narração, Airala me ensinou a tecer e não foi muito difícil aprender, já que na Terra ajudei uma vizinha encarnada a fazer cestos de vime. Quando tudo silenciou me aproximei de Airala e perguntei baixinho:

— Amiga, tenho um problema que não consigo resolver, o que faço?

— Que problema? — Ela perguntou.

— É que não sei o que faço a respeito de Genésio. — Expliquei.

Então Airala continuou tecendo e me explicou:

— Sadraque, quando os espíritos são muito inferiores os resultados não são imediatos, quando auxiliamos esses espíritos precisamos ter paciência, não se ofenda com o que vou dizer, mas uma das causas do seu suicídio foi não saber esperar, as vezes é preciso semear para que outros colham os frutos, Jesus a muitos anos semeou na Terra palavras e ações cheias de luz e hoje muitos colhem com abundância os frutos do evangelho do mestre, não se preocupe com o sucesso da batalha, preocupe-se em batalhar apenas.

— Tá certo. — Respondi.

Eu estava um pouco decepcionado comigo mesmo porque Airala tinha razão, eu estava acostumado a ter tudo que eu queria, como quase não ouvia a palavra não, ficava frustrado quando as coisas não saiam do jeito que eu esperava, agora entendo porque dona Hildegard pediu para mim cuidar de Genésio, acho que cuidar dele vai ajudar mais a mim mesmo.

Mas enfim, depois que terminamos de tecer algumas esteiras, Airala pediu licença para me levar até o centro espírita onde ela havia prometido me levar. Então eu e ela flutuamos e perguntei pelo caminho:

— O que vamos fazer nesse centro espírita, vamos trabalhar?

Ela deu uma risada gostosa e respondeu:

— Não Sadraque, vou buscar um grande amigo meu, lembra que eu te falei que preciso reencarnar, então, vamos nós três para colônia Nova Jerusalém em Israel. Apesar desta colônia se chamar Nova Jesuralém, é uma das colônias mais antigas da Terra e também é uma das maiores, fundada pelo próprio Jesus após a sua ascensão, foi a promessa que ele fez dizendo: “vou preparar-vos um lugar”.

A explicação estava boa, mas interrompi Airala perguntando:

— Amiga, desde criança ouço falar da Nova Jerusalém, mas até onde eu sei essa cidade é a cidade santa que descerá do Céu quando Cristo voltar.

Então Airala explicou:

— O fato de que as colônias descerão, isso é verdade, mas será um evento espiritual e não material, quando a Terra deixar de ser um planeta de regeneração e o bem prevalecer. Daí não haverá na Terra territórios temerosos como os umbrais e as colônias terão o clima energético apropriado para permanecerem na crosta terrestre. Então quando o bem prevalecer sobre a Terra as colônias descerão do alto, os homens e os anjos andarão juntos, os animais não serão selvagens e Jesus andará com seus filhos, enfim, a profecia de Isaias se cumprirá.

Quando ela terminou de me explicar volitamos mais rápido, sinceramente eu tinha que aprender muito agora e Airala me disse:

— Sadraque já chegamos ao centro Schneider.

Era um casarão amarelo para os encarnados, para nós, no entanto, é um prédio de vinte andares, todo amarelo com detalhes em dourado. Nesse prédio, existem dois jardins suspensos no astral, um no interior do prédio, no segundo andar, que também é existente para os encarnados e o outro jardim suspenso fica na cobertura da edificação, esta existindo apenas para nós. Do lado de fora do prédio, existem grandes alto falantes, que convida irmãos desencarnados em situação de erraticidade a terem esclarecimentos e buscarem um sentido para sua existência. Nesses alto falantes também era possível ouvir algumas músicas suaves que automaticamente despertavam a curiosidade, atraindo os visitantes.

Enfim, eu e Airala entramos por uma porta lateral existente apenas para nós, daí fomos recebidos com muita gentileza pelo irmão Rogério, um dos mentores da casa e pela irmã Virgínia que eu já havia conhecido em outra ocasião. Airala então perguntou ao irmão Rogério aonde estava o seu parente Rabi Eliabi, o irmão Rogério então respondeu:

— Está na biblioteca como sempre, preparando suas mensagens para entregar à Goréti, sua médium escrevente.

Airala agradeceu a informação e me conduziu apressadamente até a biblioteca do centro, ela estava visivelmente feliz, agora nem parecia uma guia espiritual, porque andava comigo quase correndo, com a alegria de uma criança.

Até que chegamos na biblioteca onde encarnados trabalhavam, mas em um canto perto de uma janela estava um homem diferente, vestindo um terno preto e usando um chapéu e no lugar das costeletas tinha dois cachinhos enrolados, ele era a pessoa mais diferente da sala, então com certeza era o judeu. Ele estava escrevendo em um bloco de notas com uma caneta dourada, então Airala interrompeu a escrita daquele senhor dizendo com alegria e entusiasmo:

— Shalom Eliabi, que alegria te encontrar aqui!

Então o Rabi levantou a cabeça e respondeu:

— Shalom! Que bons ventos a trazem com essa alegria tão expressiva?

Daí ele se levantou e foi em direção de Airala, os dois se abraçaram e daí por diante não entendi mais a conversa, pois começaram a conversar em hebraico e eu sinceramente não entendia o por quê daquilo, então Airala interrompeu meus pensamentos dizendo:

— Eu e Eliabi fomos compatriotas na última existência, eu sei que todos os espíritos são irmãos, independente do país que tenham nascido, mas eu e o Rabi gostamos da nossa tradição.

— É, dá pra ver. — Respondi.

Ela então segurou em meu braço e disse:

— Então vamos?

E lá fomos nós três pelo céu afora e quando avistamos o mar volitamos ainda mais depressa, umas duas vezes paramos em postos de socorro, a fim de que eu descansasse. Já era de noite quando chegamos a Nova Jerusalém e Airala já estava sendo esperada por muitos amigos, e mesmo eu não conhecendo ninguém, todos foram muito gentis comigo, a grande maioria das pessoas estavam vestindo branco e a cidade era praticamente toda dourada. De repente Détro também chegou, trazendo com ele a minha irmã Kely desdobrada, então pensei: “Agora sim, não vou ficar deslocado nessa festa, afinal de contas, só conheço Détro e Airala, o tal Rabi conheci hoje, mas sinceramente não temos muita afinidade”. Eu ainda estava pensando quando a mana veio correndo em minha direção, mais alegre que Tomásia e me abraçou dizendo:

— Maninho que saudade!

— É, agora sim! — Eu respondi.

Então segurei nas mãos de minha irmã e nós dois demos uns pulinhos de alegria, de repente nos tocamos de que estávamos em um lugar estranho repleto de pessoas e muitos nos olhavam, porém não olhavam com um olhar de reprovação. Então uma senhora baixinha se aproximou e nos disse:

— Que alegria sincera, parecem até judeus!

Mas Airala interveio, dizendo:

— Em todas as nações existem os bons e os maus sentimentos, que podem ser demonstrados com sinceridade ou não.

Enfim, fomos todos a uma praça que estava muito iluminada e no momento em que chegamos, estavam contando a história de Jesus em forma de teatro e prestei atenção em alguns pontos da narração que eu não conhecia, já que não estavam escritos na bíblia. E quando tudo acabou fizemos uma prece e fomos até a residência de Airala, lá encontramos os pais dela que naquele momento estavam desprendidos do corpo físico em razão do sono, e assim que nos viram eles trocaram juramentos, prometendo

cuidar um do outro e em consequência, cuidarem também do bebê que chegaria.

Enfim, para os que ainda precisavam, como eu e minha irmã, tinham alimentos como bolos, pães e frutas, tudo muito bem decorado, nem preciso dizer que eu e minha irmã aproveitamos, claro, sem exagero. De repente todos começaram a dançar uma música típica de Israel e o tal de Rabi que parecia tão conservador e calado, puxou minha irmã para a roda, enquanto Airala também me levava para dançar com eles, é isso, nos divertimos bastante.

Mas de repente um homem chegou e todos ficaram solenes, era um dos ministros da colônia, Yosef e ele começou a falar:

— Bendito é o Deus onipotente que nos concedeu a lei da reencarnação, seja para reparar os erros, seja para contribuir com o andamento do planeta, como é o caso de Airala. Desejo a você cara irmã que cumpra seus propósitos nessa nova jornada, nunca te deixaremos, que nessa nova fase seja como uma estrela brilhando na Terra.

Quando Yosef terminou de pronunciar seu discurso, Airala agradeceu as palavras dele dizendo à todos:

— Amados, cada um de vocês estarão guardados em meu coração, meu corpo será outro, mas a essência é a mesma. Nessa nova fase como alguns já sabem, terei um corpo masculino, já que infelizmente no oriente as vozes das mulheres ainda não são ouvidas como deveriam ser, então para concluir minha missão, serei Elieser.

Então Airala começou a se despedir das pessoas, seus amigos a abraçavam desejando votos de felicidade, eu e minha irmã também fomos nos despedir, eu desejei felicidades a ela, mas quando minha irmã à abraçou as duas choraram, porém minha irmã soluçava.

Mas é isso, a noite estava terminando e quando todos acabavam de se despedir, o irmão Rabi me levou para a colônia Muiraquitã, enquanto minha irmã foi para casa na companhia de Détro.

Agora o dia estava amanhecendo e eu já estava na colônia Muiraquitã, daí um homem negro e alto chamado irmão Sebastião,

perguntou se eu queria conhecer a biblioteca da colônia, eu acompanhei aquele amigo até a biblioteca, peguei o primeiro livro que eu vi e por ironia do destino era o livro: “memórias de um suícida”. Naquele momento eu li algumas páginas e pensei comigo: “quando passei pelo umbral não sofri tanto como esse tal Camilo, personagem suicida e central do livro. Sei que essa é uma história real também, então devo agradecer a Deus por não ter sofrido tanto”. Daí lembrei da proposta do irmão Vilson, um dos ministros da comunicação em minha colônia, que fez a proposta de recolher em cubos relatores a minha experiência para que eu pudesse ditar uma pequena obra.

Enquanto eu pensava na possibilidade de fazer um livro, me lembrei do pedido de Airala, de aparecer ao lado de Potiguára, para que minha irmã se acostumasse mais rápido com a nova guia. Então fui procurar aquela índia, como não a encontrei, fui ver como Genésio estava e antes de entrar na humilde cabana aonde ele estava enjaulado, pensei: “sofri no umbral, mas não tanto quanto algumas pessoas e não tenho como agradecer a misericórdia infinita de Deus, então vou demonstrar a minha pequena gratidão tendo paciência com esse infeliz”.

Capítulo 29

Aproveitando Uma Ideia

Eu estava decidido a não perder a fé na recuperação de Genésio, daí cheguei perto da gaiola onde ele estava e quando digo gaiola, não se espantem, porque os membros da colônia Muiraquitã só o prenderam porque não tiveram outra escolha, mas dentro da jaula, há uma pequena maca onde o prisioneiro pode descansar e a jaula é embutida em um espaço de parede com um banheiro e uma pequena pia. Enfim, era um tipo mais rústico de ambiente de retificação, o lugar onde Genésio e outros prisioneiros estavam também era mais escuro, já que eles não suportam a luz. Enfim, quando me aproximei de Genésio, percebi que ele estava tremendo e também estava muito agitado, então perguntei:

— Amigo, o que está acontecendo, você está com frio? Posso ajudar em alguma coisa?

Então Genésio me olhou com os olhos arregalados e respondeu:

— Não tenho frio tampinha, eu estou muito agoniado, sinto falta da heroína e da cocaína, mas sei que nesse lugar não vão me dar, pelo menos quando eu estava trabalhando com o venerado ele me deixava sair para procurar os caras que usam, aí eu consumia com eles e voltava tranquilo e animado pro serviço, agora eu já estou a um tempão aqui preso, e até agora não injetei nem cheirei nada, se você quer mesmo me ajudar, me deixe sair daqui e vou te agradecer.

Daí fiquei muito preocupado, eu queria que Genésio melhorasse mas eu não o tiraria dali mesmo que eu pudesse, o que não era o caso, mas se eu dissesse isso a ele não seria ouvido e com certeza ele ficaria agressivo novamente e eu não poderia fazer nada por ele, então respondi:

— Sabe o que é amigo, é que eu não sei como abrem essas gaiolas, eu vou te ajudar, mas espere um momento, tenho que fazer umas coisas e depois voltamos a conversar.

Daí Genésio deu um sorriso porque acreditava que eu iria fazer alguma coisa para tirá-lo dali, mas na verdade eu estava pensando em outro

tipo de ajuda, sim, eu tive uma ideia! Minha amiga Tomásia também tinha morado no Vale do Choro, se Genésio pudesse ver o quanto ela mudou, talvez quisesse mudar também.

Então saí logo dalí e fui procurar dona Rosinha, daí contei a ela a respeito do que pensava, ela então consultou Pai Joaquim e Pai José que também concordaram com a ideia, mas antes teriam que comunicar a ministra Bey do Ministério da Regeneração da colônia Jardim Érida a respeito da vinda de Tomásia. E após um breve acerto as colônias concordaram, eles se comunicavam através de ondas que transitavam em aparelhos semelhantes aos nossos rádios, ou até mesmo esses aparelhos eram semelhantes aos televisores ou telefones que temos. Enfim, fiquei interessado, claro, na Terra eu queria ser locutor e gostaria de trabalhar com uma coisa dessas. Ouvi Crisânia falar por aquele aparelho, avisando que Détro, Isabel e Cristina, levariam Tomásia até a colônia Muiraquitã no dia seguinte. Bom, enquanto esse dia não chegava, eu ainda tinha tempo e lembrei mais uma vez do pedido de Airala. Daí encontrei a índia Potiguára em uma escola simples da colônia Muiraquitã, então me aproximei dela e perguntei:

— Amiga, muito ocupada?

Então ela se afastou um pouco de seus alunos e respondeu:

— Sadraque, agora eu ‘tô’ trabalhando, mas daqui a ‘poco’ eu não vou ‘te’ nada pra ‘fazê’, então te ajudo com o que você ‘precisá’.

Daí esperei que Potiguára terminasse sua atividade, então falei a ela a respeito do pedido que Airala tinha me feito antes de se despedir para a reencarnação, Airala desejava que eu e Potiguára aparecêssemos juntos para que minha irmã nos visse, Potiguara concordou e fomos até a casa da tia Normira onde minha irmã estava morando.

Quando chegamos ao quarto onde ela estava, ela não registrou a nossa presença imediatamente, porque estava bem concentrada, tendo nas mãos um pequeno rádio e estava escutando com atenção a história que estava sendo narrada em áudio. De repente, ela nos percebeu e deu um sorriso perguntando:

— Vocês se conhecem?

Então Potiguára foi logo dizendo:

— Esse moço aqui tá lá na colônia onde 'nóis' trabalha, ele é bom, a gente é amigo.

E eu completei dizendo:

— Mana eu sei que vai sentir falta da Airala, afinal de contas, vocês foram companheiras de algumas encarnações e na sua atual existência, ficaram juntas por onze anos, mas a Potiguára é bem legal e eu confio nela. Ah, mas mudando de assunto, o que você está ouvindo aí nesse rádio? Parecem gritos aterrorizantes.

Então minha irmã respondeu:

— Estou escutando um áudio livro que fala a respeito de Camilo Cândido Botelho, ele se suicidou e o nome desse livro é "Memórias de um suicida". Sabe mano, esse homem sofreu bastante no umbral pelo que estou escutando aqui nesse livro, e você, sofreu assim também?

Então respondi:

— Olha mana, eu me lasquei bastante, mas igual esse cara aí não. E a propósito, estamos lendo o mesmo livro, peguei um exemplar emprestado na colônia Muiraquitã, mas não é um áudiobook, mas sim um livro tradicional mesmo.

Daí minha irmã ficou feliz por mim e também contei à ela que pretendia fazer um livro e ficamos conversando um pouco sobre outras coisas pessoais, lembramos de coisas que fizemos na infância e comentamos a respeito da nossa família. Mas então Potiguára me disse que apesar de a conversa estar boa, ela precisava ajudar uma mulher que tinha um problema bem sério, perguntei se podia acompanhá-la, a resposta dela foi afirmativa e fomos até o centro Schneider, que não era tão afastado da casa da nossa tia.

Lá encontramos Amalha que nos falou a respeito de uma jovem grávida que estava quase perdendo seu bebê por conta de uma trombose na placenta e aquela criança precisava reencarnar. De repente encarnados entraram na sala onde estávamos e começaram a se preparar para um estudo que teriam ali, e enquanto revisavam os livros que traziam, esperavam

também a chegada de outros estudantes e minha irmã estaria entre eles com a minha tia e depois de alguns minutos eles chegaram e finalmente começaram o estudo. Ao lado da minha irmã estava sentada uma mulher muito preocupada e Amalha, nossa amiga desencarnada, explicou:

— Aquela mulher que está sentada ao lado de sua irmã é mãe da jovem grávida que vamos ajudar, ela está aflita por causa de sua filha e da criança, enquanto eles estudam, vamos ao hospital!

Eu também queria acompanhar aquela assistência que seria dada a jovem mãe, então pedi para acompanhar Potiguára, ela consentiu e fomos em seis pessoas, eu, Amalha, Potiguára e mais três assistentes. Quando chegamos ao hospital, entramos pela janela onde estava aquela mãe, então Amalha disse:

— Vamos fazer aqui uma operação espiritual, preciso da ajuda de todos.

Então todos começaram a orar, pedindo a orientação de Jesus e o apoio de esferas mais altas, Amalha percebeu ao fim da prece que eu estava ali deslocado, não sabia bem o que fazer para ajudar, então ela me orientou dizendo:

— Quando você olha para a cama vê apenas uma jovem grávida certo?

— Certo. — Eu confirmei.

Mas ela continuou explicando:

— Olhe para a barriga dessa mãe e se concentre, pense que deseja ver o interior do ventre.

Então respirei fundo e olhei fixamente para a barriga da mulher, cheguei mais perto e bem concentrado realmente pude ver a criança dentro de uma bolsa semitransparente, mas não sabia identificar o que havia de errado, afinal de contas, não tinha nenhum conhecimento científico. Enquanto isso Potiguára pegou uma espécie de caneta prateada e transpassando a mão pelo ventre da mulher com aquela caneta especial, aplicava uma luz azul em uma região daquela placenta, enquanto os outros dois assistentes criavam uma outra bolsa fluídica que colocaram por cima

da placenta carnal. Daí todos nós começamos à orar e todos aplicavam passes reparadores naquela jovem, exceto eu que não sabia dar passes. Amalha então me ensinou o que eu devia pensar e como estender as mãos sobre aquela jovem e começou a dar certo, estendi as mãos e desejava fortemente que a mãe e a criança se salvassem, desejando saúde a elas. Então senti uma força passar por mim e minhas mãos esquentaram, vi também uma luz verde que me envolvia e envolvia a todos, e fiquei feliz.

Quando o trabalho terminou, nós voltamos para Muiraquitã e aquele dia terminou rapidamente e quando amanheceu continuei lendo o meu livro e quando percebi o sol já estava alto no céu, Isabel e Cristina vinham trazendo minha amiga Tomásia, ela estava sorrindo e falante como sempre, estava com um bom aspecto e usava um vestido simples e branco. Assim que me viu, correu e me deu um abraço forte, disse que estava com saudade de mim, então perguntei:

— Amiga, você sabe por que está aqui né?

E Tomásia respondeu:

— É claro que sei, fiquei sabendo que Genésio foi capturado e você quer que eu converse com ele, não é isso?

Então respondi:

— É isso sim amiga, tenho esperança de que Genésio vendo você melhor e feliz queira melhorar também, tomara que dê certo amiga.

Então nós estávamos nessa conversa quando Rosinha, dona Hildegard, pai Joaquim e irmã Manoela deram boas-vindas à Tomásia. Daí explicaram à ela que a cabana dos prisioneiros não era uma coisa bonita de se ver, e ela respondeu bem humorada à eles:

— Infelizmente já morei no Vale do Choro, eu já vi muita coisa feia, com o Genésio não me assusto mais.

Ao ouvi-la eles riram e nos encaminharam até a cabana da recuperação. Entrei primeiro comunicando à Genésio:

— Amigo, trouxe uma pessoa que quer te ver. Eu mal terminei de falar e ele muito ansioso me interrompeu dizendo:

— E essa visita vai me tirar daqui, eu estou muito angustiado, preciso de cocaína, se você me ajudar não vou te esquecer.

— Quem veio te ver amigo, é a Tomásia. — Eu esclareci.

Genésio então ficou surpreso e respondeu:

— A copinho tá aqui?!

— Estou sim. — Ela respondeu e já foi entrando.

Então Genésio ficou olhando para ela demoradamente e Tomásia perguntou estranhando o olhar de Genésio:

— Por que tá me olhando assim Genésio? Sou eu, sua amiga Tomásia, quer dizer, eu que queria ser sua amiga né, você quem vivia brigando comigo, como você está, está bem?

— Estou preso, não vê sua burra. — Genésio respondeu.

— Vejo que é o mesmo de sempre. — Tomásia comentou.

— É que eu sinto falta da cocaína. — Explicou Genésio angustiado e continuou: — Eles não me deixam sair, porque você não me dá um jeito e me tira daqui, sempre que o venerado pedia você fazia as coisas certinho e se você me deixar voltar, ele vai ficar contente com você. Tomásia, você também não tem saudade de casa?

Tomásia ficou espantada com a atitude mental de Genésio e respondeu:

— Deus me livre Genésio, você chama aquilo de casa? Esquece aquele vale e aquele venerado, eu não tenho raiva dele, mas não tenho vontade de vê-lo tão cedo! Além do mais estou muito bem aqui, não vê?

Daí Genésio respondeu:

— É verdade em, tá bonitona, não é uma gata de revista, mas não assusta mais ninguém.

Tomásia riu do comentário e não se ofendeu e perguntou à Genésio:

— É um elogio Genésio?

— É sim. — Ele respondeu secamente e continuou: — O que você fez para que essa gente te tratasse bem? Que tipo de trabalhinho você anda fazendo copinho?

Daí Tomásia esclareceu:

— Eu não fiz nada, eles gostam de mim por amor a Jesus, quando o grupo do imperador me abandonou fugindo dos operários da luz, aqueles amados operários do bem, me resgataram junto com muitos que estavam sofrendo e moro naquela cidade linda, é claro que eu trabalho, mas o trabalho que eu faço é para me ajudar e não é nenhum trabalho sujo viu.

Genésio então debochou e disse à Tomásia provocando-a:

— Duvido que não sente falta da bebida, dos cigarros e dos seus namoricos.

Tomásia então interrompeu dizendo:

— Não sinto falta de nada disso e além dos cigarros e da bebida, também tinham humilhações, sofrimento e exploração! Isso não tem aqui. Eles falam que me amam, mesmo quando não acerto as tarefas, porque você não muda também Genésio? Prefere passar a vida toda desse jeito?

Então Genésio ficou pensando e ele não parava de olhar para Tomásia, até eu voltei a lembrar de como Tomásia era no Vale do Choro, era apenas a copinho debochada, frívola, extremamente superficial e vingativa, descuidada com a aparência e sem amor na voz, mas agora quando ela falava, sua voz transmitia carinho e paciência, mantendo o bom humor, mas sem ser escandalosa. Mas foi só eu começar a elogiar em pensamento que Tomásia deixou a curiosidade falar mais alto e perguntou:

— E o imperador, o que é feito dele?

— Tomááásia! — Repreendi, interrompendo a curiosidade dela.

Mas ela continuou e esclareceu:

— Calma Sadraque, eu não quero especular como anda o Vale do Choro, eu estou realmente preocupada com o imperador, sei que ele me tratava mal, mas eu gostava, ou melhor dizendo, eu gosto dele, queria que ele mudasse também, ele seria feliz como eu estou sendo agora.

Então Genésio interrompeu dando uma gargalhada e falando:

— O imperador mudar? Não mesmo! Mas aquele infeliz teve o que merecia, quando ele voltou a Mansão Vermelha, contou que aqueles desgraçados da colônia resgataram o tampinha aí e quando contaram que Isabel liderava junto com Miranda e um cara branco a operação de resgate, se sentiu muito traído por todos e descontou a raiva no imperador, chamando ele de incompetente e sinceramente perdi a conta de quantas chicotadas ele levou. Daí o venerado disse que iria até o Palácio de Fogo e quando voltasse não queria mais ver a cara do Siang por ali no Vale, caso contrário ele mesmo o torturaria. Então o cara sumiu e não sei o que é feito dele, só sei de uma coisa, no Vale do Choro ele não manda mais e quando eu voltar, vou ficar no lugar dele.

Daí fiquei indignado com a teimosia de Genésio e me senti tentado a perder a paciência. Meu Deus! A gente estava fazendo de tudo para mostrar o bom caminho e ele não se tocava, mas de repente lembrei dos conselhos de Airala que não era eu quem deveria colher os frutos e disse com paciência, uma paciência forçada, mas em fim, eu disse:

— Genésio, pra que você quer voltar para aquele lugar? Você sempre vai ser pau mandado do venerado que nunca vai te respeitar, vai ficar sempre preso no vício, existe uma vida melhor, uma vida de amor, de trabalho e de consciência limpa.

Então ele interrompeu gritando:

— Eu gosto da vida que eu tenho! Eu quero ser livre de novo, eu quero servir o venerado, um dia vou ser como ele e vou ter o que ele tem!

— Isso não é admiração, isso é inveja! — Eu respondi.

Daí Tomásia se aproximou um pouco mais da jaula e disse:

— Ai Genésio, eu lamento por você, eu queria tanto que você e o imperador mudassem, eu gosto muito de você e sinto uma coisa especial por ele, mas vocês dois, ah, eu vou orar por vocês.

Mas ele respondeu:

— Não perca seu tempo.

Mas de repente, Détro e Pai Joaquim entraram na cabana, Genésio não era bobo e parecia estar mais calminho. Daí Pai Joaquim se aproximou e disse com firmeza:

— Você vem fazendo muita coisa feia Genésio, mas Jesus ama todo mundo, a gente vai 'cuidá' de você, por isso não fica igual criança esperneando, chorando e fazendo malcriação, todo mundo 'qué vê' o que tem de bom aí dentro e tem coisa boa, mas você não quer achar porque o vício manda em você, a inveja manda em você, muita coisa ruim faz você virar um escravo, eu já fui escravo na senzala, mas a minha alma sempre foi livre, eu apanhava, mas Deus me fazia 'perdoá' quem batia. Eu trabalhava e fazia o serviço bem feito, não pro sinhozinho, mas pra Deus, eu tinha tudo pra ficar reclamando, mas não reclamava, você tinha tudo pra vencer, tinha dinheiro, família boa, família que você finge que esqueceu, mas você lembra da tua vó Isaura e você lembra da moça que você gostava, a Luiza que te deixou pra trás porque era boa e você escolheu as drogas, você finge que não lembra deles, mas eles oram, fazem prece por ti. Aquele homem que você chama de venerado e não manda nada, te tirou a liberdade, é o teu sinhozinho e você é escravo dele, mas ele é escravo também.

E enquanto ouvia Genésio chorava, não sei dizer se era de raiva, de desespero, ou porque estava se lembrando de seus amados. De repente Rosinha entrou também e Détro, Pai Joaquim e Pai José, pediram a minha ajuda para empurrarmos a gaiola para a Cabana da Revelação. Era uma casa de madeira bem simples com algumas telas, então Détro pegou alguns cubos relatores, colocou no aparelho e mostraram a infância da última existência de Genésio. Ele era uma criança rica que ganhava tudo que pedia, sendo o mais velho, pregava peças em seus irmãos, seu pai tentava disciplinar e educar a criança, mas a mãe o acobertava. Mostraram também sua vida escolar, não era das melhores, então Détro explicou:

— Você não sofreu nessa última existência para justificar suas revoltas, mas suas revoltas são justificadas pela lei, o rebelde implora por disciplina, porque o destino do homem é melhorar, quando a mãe e o pai são condescendentes com os erros dos filhos, eles vão reclamar na forma de rebeldia pela falta de orientação.

Daí eles continuaram mostrando à Genésio outras imagens. Imagens da sua adolescência, onde se envolvia em brigas e começou a usar drogas, mesmo tendo uma família estruturada aparentemente. Então pai Joaquim esclareceu:

— Os teus amigos te mostraram a droga, mas Deus muito bom apresentou uma saída.

E continuaram a mostrar o cubo relator. Vimos uma cena, em que uma jovem moça o conheceu em uma praça e começaram a se encontrar, não demorou muito para que começassem a namorar, mas com o tempo ela descobriu as más companhias de Genésio, ele gostava muito da jovem, mas como ela exigiu mudanças, terminou com ela sem justificativas, então eles mostraram a Genésio uma encarnação anterior, onde esta jovem era sua mãe muito querida, uma alma gêmea que só lhe faria bem. Porém Genésio não quis ver mais nada e botando as mãos no rosto, gritava:

— Não quero ver nada! Estão me torturando, já chega disso, vocês não precisam se incomodar comigo, é só me soltar e pronto.

Pai Joaquim então disse sériamente:

— É Genésio, a gente não precisa ficar aqui com você mesmo, só que todo mundo quer cuidar de você, Jesus te ama também e pelo amor dele você vai ficar, vai ficar com a gente um tempo até entender as coisas, mas você não vai ficar aqui pra sempre, daqui uns meses eu vou te soltar, mas não sem te mostrar a verdade da vida, só vai sair daqui quando entender que quem manda no Universo é Deus, Wagner é o nosso irmãozinho doente, mas se você quiser obedecer ele, aí a gente não vai poder fazer nada.

Daí Genésio ficou quieto e conformado, porque sabia que não podia sair dali, então Pai Joaquim mandou chamar o índio Ubiratã que não demorou muito a chegar. E quando veio, Ubiratã pediu que todos se afastassem, fazendo fumaça com um cachimbo e Genésio adormeceu. O índio disse que era necessário que Genésio descansasse por alguns dias. E enquanto ele estava adormecido, eles o colocaram em uma maca e o viraram de bruços e pai Joaquim disse:

— A gente precisa ‘cuidá’ muito dele.

Então tiraram aquela camiseta suja e desgastada que ele trazia e nas costas dele haviam machucados e marcas de chicotadas, eu nem precisava dizer quem era o responsável por aquilo. Daí Rosinha pegou um maço de ervas e passou nas costas de Genésio, e aquele maço de plantas emitia de si mesmo uma luz azulada que melhorava as feridas e desintegrava as larvas astralinas. Daí colocaram nele uma roupa limpa de cor azul clara e o colocaram de novo na gaiola e o levaram de volta para a cabana onde estava antes. Já eu e Tomásia não sabíamos o que dizer e nem o que fazer, então Rosinha nos disse:

— Tomásia e Sadraque, venham aqui 'vamo fazê' uma prece, pra que os 'irmão' lá das altura, nos ajude com ele.

E nós oramos. Fiquei na colônia Muiraquitã apenas mais alguns dias, enquanto Détro voltou para suas atividades em uma colônia distante. Já Isabel, Crisânia e Valmir vieram buscar eu e Tomásia.

Capítulo 30

O Que Será De Mim

Voltamos para a colônia Jardim Érida de aerobus, e chegando lá fui recebido pelos meus colegas de trabalho, ganhei um abraço da diretora Bey, uma das ministras da regeneração e quando voltei para Ciranda Colorida, as crianças ficaram felizes, muito agitadas ao me ver, abracei algumas, beijei outras e a pequena Fatula, joguei para cima e peguei de volta, claro, ela gostava e pedia que eu fizesse outra vez, mas a danadinha não me contou que já sabia volitar e a última vez que joguei pra cima, ela flutuou e deu uma gargalhada e disse mentalmente:

— 'Chadraque', já sei voar!

Então segurei a menina pelos pézinhos e disse:

— Legal, mas aqui não pode.

Daí fui trazendo ela para o solo e as outras crianças riram, então pedi a professora Fabiana para apostar corrida com eles nas pistas de volitação, ela permitiu e nos divertimos um pouco. Passaram-se alguns meses e claro, eu voltei as minhas atividades. Daí recebemos notícia a respeito de Genésio, pai Joaquim e Rosinha nos informaram que ofereceram a liberdade à ele dentro do prazo estabelecido, mas ele recusou porque já não precisava das drogas e viu naquelas telas muitas falhas do passado e do presente, implorou para esquecer tudo aquilo e foi encaminhado para a reencarnação. Fiquei sabendo que ele vai retornar como filho de sua irmã mais moça, só que abusou das drogas e como esse vício atingiu seu perespírito, será uma criança com autismo, eu não sabia o que dizer, mas fiquei pensando: "o que será que vai acontecer comigo na próxima existência? Serei normal, ou deficiente? quais serão as minhas provas"? Eu estava com esses pensamentos quando alguém resolveu me assustar, era Kimberlly, ela também estava com saudade e me contou que iria visitar sua mãe e a diretora Bey deixou que ela me levasse.

Então nós fomos com Anselmo e Simone, eles trabalhavam como visitadores, ou seja, auxiliavam os desencarnados a visitarem seus parentes sem serem afetados com as más notícias caso as encontrassem.

Enfim, no final da tarde nós quatro embarcamos em um veículo pequeno e fomos até os Estados Unidos onde morava Samanta, a mãe de Kimberlly, já era de noitinha quando chegamos, Samanta estava na sala de jantar jantando com um homem, Kimberlly queria se aproximar, mas Anselmo orientou que ela devia apenas observar antes de tomar qualquer atitude. O homem chamado Deivid sugeria a mãe de Kimberlly que ela deveria se distrair mais e ela afirmava que preferia continuar mergulhada no trabalho, afim de esquecer a perda de Kimberlly. Deivid tentou explicar que essa não era a solução, mas Samanta não se importou, se despediu do homem e disse que ele precisava ir embora, ele se despediu frustrado, era visível o interesse que tinha por ela. Samanta então entrou no quarto de Kimberlly onde tudo estava do jeito que a menina havia deixado quando desencarnou. Então pedi permissão para me aproximar da mãe de Kimberlly ao amigo Anselmo, ele consentiu, já que eu não era da família, cheguei perto de Samanta, a abracei e falei:

— Senhora, um dia vai encontrar sua filha, ela não deixou de existir.

Então Samanta falou sozinha assim:

— Que ideia mais estranha, eu sou ateu, não acredito que eu exista depois da morte, mas eu queria mesmo poder acreditar que vou encontrar minha filha.

Então Kimberlly disse:

— Mas vai mamãe, estou aqui!

Mas Anselmo pediu que ela se calasse esclarecendo:

— Kimberlly, para instruir a sua mãe, você precisa estar bem equilibrada, para não prejudicá-la com fluídos de tristeza, porque ela já se sente triste. O irmão Sadraque eu permiti que interferisse pelo fato de estar conhecendo sua mãe agora, mesmo assim ele deve saber o que dizer, se não terei que intervir.

Simone nos olhava, era uma assistente muito paciente, chegou perto de Samanta, aplicou passes confortantes e disse perto dela:

— Deus é amor, Deus existe, ele ama você, procure esclarecimento, saia mais dessa casa e divirta-se.

Samanta então se sentou na cama que um dia foi de Kimberlly e disse consigo mesma:

— Queria tanto acreditar em Deus, porque me sinto sozinha, mas nem sei por onde começar.

Então Anselmo se aproximou e disse:

— Faça uma prece, vamos orar por você e com você.

Então Samanta se ajoelhou e começou a rezar um Pai Nosso meio errado e nós oramos com ela. Kimberlly segurava suas emoções enquanto Samanta chorava abertamente. De repente Samanta se levantou, pegou o telefone e ligou para alguém, era uma amiga que ela não via a tempos, a amiga de Samanta a convidou para passar as férias de verão em sua casa nas montanhas, a princípio ela recusou, mas eu e Simone a incentivamos a aceitar e graças a Deus ao final da conversa a resposta foi positiva.

Daí voltamos para a colônia Jardim Érida satisfeitos pelo bom trabalho, afinal de contas, a amiga de Samanta era uma senhora verdadeiramente cristã e com certeza tudo daria certo. Já na colônia, quando me toquei era quase madrugada, como já não durmo mais como antes, fiquei meditando: "isso me fez lembrar do desprendimento mental que tive na colônia Muiraquitã, isso me causou um sonho bem real com aqueles dois seres magníficos que me deram a entender que eu era livre para fazer algumas escolhas futuras, uma das coisas que eu quero escolher é ter um pai e uma mãe que me ensinem a doutrina da reencarnação e o amor infinito de Jesus e peço para que esses meus novos pais não me deixem muito tempo ocioso, eu quero trabalhar e ser saudável! Tomara que já na infância eu possa progredir e que meus pais me ensinem pequenas tarefas para que eu possa ser independente mais tarde".

Fiquei ali meditando na minha próxima reencarnação, mas escutei uns passos, era meu amigo Edimundo que se aproximava, então ele me perguntou:

— Em que está pensando, parece distante.

— Na minha reencarnação. — Respondi e continuei. — Sabe, eu não quero voltar, mas também não quero mais transgredir nenhuma lei divina.

Daí Edimundo deu um sorrisinho e me disse:

— Não transgredir nenhuma lei divina? Só quando for perfeito, mas quanto menos leis quebrar melhor. Sadraque, você gostaria de pesquisar sua condição no Instituto Renascer?

— Isso é possível? — Perguntei.

Edimundo então respondeu:

— Sim, podemos falar com Helena, uma das ministras do esclarecimento, ela pode te dizer alguma coisa.

Então combinamos de visitar a ministra assim que eu terminasse minhas atividades. O dia se passou e assim que eu estava livre, fui até o Ministério do Esclarecimento, tive de esperar sentado em uma sala até que chegasse a minha vez, quando chegou minha hora, entrei no gabinete de Helena e ela foi muito gentil. Então ela me perguntou o que eu desejava saber, daí falei a respeito das minhas preocupações, a respeito da minha reencarnação. Então ela segurou as minhas mãos e me esclareceu dizendo:

— Irmão Sadraque, agora que sabe que a reencarnação é uma lei impossível de ser evitada, também deve saber que é muito melhor que cada encarnação seja bem aproveitada, não sei se você sabe, mas já é reincidente no suicídio, estou falando de três suicídios, você precisa entender que vai reencarnar, mas por outro lado, não se preocupe, não poderá ser agora, você primeiro precisa entender claramente o real valor da vida.

Então fiquei espantado com as declarações de Helena, “eu me matei três vezes quando estava na Terra, confesso que estava determinado a me suicidar, mas nunca me passou pela cabeça que eu tinha tanta coisa para responder diante de Deus, porque antes pensava ter apenas uma vida só e

que tudo se resolveria apenas no juízo final, mas o juízo final não tem mais sentido porque somos eternos, não sei se agradeço, ou lamento ainda mais, agora não tem mais essa de juízo final, é juízo contínuo”. Eu tinha tantas perguntas, Helena percebendo que eu não saberia formular as perguntas necessárias, pegou um livro e me mostrou e calmamente foi me explicando:

— Sadraque, aqui estão alguns documentos que trazem muitas informações a seu respeito, informações a respeito dos três suicídios e vou te ajudar a entender algumas coisas. Em uma existência que você nasceu na Itália, era muito rico, a riqueza é uma prova e quando perdeu tudo por não saber administrar, não teve a coragem de suportar a pobreza e atirou contra seu crânio. Em uma vida seguinte, já na Alemanha, aderiu a última grande guerra e não suportando seus próprios crimes, se suicidou do mesmo modo. E em sua última existência, nem a deficiência visual impediu seu suicídio, você detestava a existência, um bem precioso do criador, o existir é uma dádiva tão profunda que nem eu compreendo perfeitamente a vida, você não aceitava ser cego, mas a cegueira muitas vezes torna mais aberta a visão espiritual, agora deve compreender que para você reencarnar, precisa amar a vida, então você ficará um bom tempo no mundo espiritual e quando seu coração estiver pronto e for a hora certa, vou conversar com você, por enquanto estude, trabalhe, se esclareça cada vez mais, estou feliz com o seu progresso, está ajudando algumas pessoas e a si mesmo, continue assim.

Então perguntei à Helena se poderia algum dia trabalhar cuidando de infelizes como Genésio e Helena respondeu:

— Bom, esses departamentos são do Ministério da Regeneração e quando se trata de hospitais o departamento é do Ministério do Auxílio, então eu não posso responder por eles, mas se você deseja ajudar, deve procurar informações.

E foi o que fiz, usei meu tempo restante para ir até o Ministério do Auxílio, esperei como da outra vez e fiquei muito feliz em ter encontrado Luiz Augusto, ministro do auxílio. Então falei para ele a respeito do meu desejo de ajudar pessoas infelizes e Luiz Augusto me esclareceu dizendo:

— Veja bem, sua vontade é sincera, mas deve amar esses infelizes como Jesus, sem condenar nenhum deles e ter uma boa dose de paciência. Quanto aos umbrais, creio que ainda é cedo para que faça expedições, o que

não quer dizer que nunca fará esse trabalho, precisamos de colaboradores dispostos, a seara é muito grande. Por enquanto vou te conceder o trabalho de visitador no hospital Rosa Lilás, você faz suas atividades durante o dia e visita algumas áreas do hospital à noite. Você visitará o setor dos isolados, se tudo correr bem! Então, vou falar sobre você para a diretora Bey e para outros ministros da regeneração, quem sabe um dia faça expedições com os Samaritanos.

E assim foi, fui fazendo visitas aos hospitais, minha primeira visita foi na ala de isolamento masculino, muitos estavam desfigurados, choravam e lamentavam. Eu conversava com eles, cantava e a essa altura já estava aplicando passes como Amalha havia me ensinado, os enfermeiros gostaram do meu trabalho e muitos pacientes progrediam, outros porém, sem sucesso, mas eu não desistia, pois queria ser um samaritano.

Enfim, Oito meses depois a ministra Flávia, juntamente com a diretora Bey, me comunicaram que eu iria ser treinado pelo irmão Paulo e pela irmã Janete, juntamente com Luiz Augusto. O irmão Paulo era líder de um dos grupos de Samaritanos da colônia Jardim Érida, no meu primeiro dia de treinamento, fui conhecer os animais que muitas vezes nos acompanham em expedições, fiz amizade com dois cães, eles pareciam com esses cães policiais que nós conhecemos, também dei comida para uma espécie de ave bem maior do que eu, acho que se deixasse poderia voar montado nela, o nome dessa ave era Aira, uma Íbis Viajores, gostei daquela ave. Paulo disse que eu ficaria responsável pelo cuidado com os animais, seria parte do meu treinamento, cada semana eu seria treinado em uma atividade diferente, o treinamento durava vinte e três semanas, então eu faria a minha primeira expedição.

Capítulo 31

O Deserto Das Vozes

O tempo se passava e o meu treinamento estava quase terminado, Alberto Santana e Paulo me avisaram que na próxima noite eu iria participar da minha primeira expedição e eu ficaria responsável por seis animais, porque eu já havia aprendido a dar os comandos necessários e a colocar os animais em uma espécie de trenó que puxava os sofredores, e esse seria o meu primeiro trabalho como samaritano. Naquele momento, tudo que eu tinha que fazer era cuidar e dirigir os animais.

A noite seguinte chegou e eu estava ansioso, mas também fiquei preocupado e perguntei a Paulo:

— Amigo, a que espaço inferior nós vamos? Não é que eu tenha medo, mas não quero ir ao Vale do Choro.

Então o irmão Paulo me acalmou dizendo:

— Não se preocupe, também não achamos prudente levar você as zonas inferiores onde esteve, vamos ao Deserto das Vozes, uma zona inferior pouco frequentada, você vai encontrar lá escritores, cientistas e professores que usaram sua sabedoria em favor da satisfação própria, que desperdiçaram seu tempo em vícios e mesquinharias, são supostos sábios que se reúnem por afinidade, muitos desencarnaram vítimas do câncer pelo abuso do cigarro, poucos deles cometeram suicídio, também existem os que morreram do coração pela má alimentação e pelo estresse em busca de rendimentos, não são agressivos e lá existem mais sofredores do que verdúgos, então não se preocupe Sadraque, não te faremos andar além da capacidade dos teus passos.

Fiquei feliz por eles estarem preocupados com as minhas possibilidades de trabalho, não se exige nas colônias o que não estamos prontos para dar. Enfim, coloquei os animais na diligência, eram seis cachorros, mas eu tinha mais afinidade com Laica, Lubi e Aixa, esses animais lideravam os outros, também soltei a Íbis, a nossa querida Aira e partimos em direção ao Deserto das Vozes.

Quando chegamos lá o frio era quase insuportável, homens e mulheres gritavam e choravam e muitos vagavam desorientados, eu apenas observava o trabalho dos outros Samaritanos, já que a minha responsabilidade eram os animais. A princípio pensei que os animais nem seriam muito utilizados naquela expedição, mas eu estava enganado, de repente Laica e Lubi começaram a rosnar e a latir, tirei os dois da diligência e deixei que fizessem seu trabalho, eles andavam em volta dos que estavam sendo resgatados, rosnavam e latiam para uma espécie de besta que eu não sabia dizer se era um homem ou um lagarto. Também se aproximaram algumas serpentes, então soltei mais dois animais, enquanto os Samaritanos resgatavam e aplicavam passes confortadores àqueles irmãos sofredores. Os dois primeiros animais que eu havia soltado, continuavam rondando à diligência e os outros dois corriam em direção as féras, espantandoas dalí. Daí Aira começou a sobrevoar emitindo seu grito e devorando as formas mentais que naquela atmosfera pairavam, facilitando o nosso trabalho. Daí Paulo me instruiu a soltar todos os animais, porque mais feras estavam vindo, então perguntei:

— Paulo, você me disse que esse lugar era pacífico.

E ele me respondeu:

— E geralmente é, mas parece que estão vindo espíritos de outros lugares, o Deserto das Vozes é uma região do Umbral e não tem a proteção das colônias.

Os animais fizeram muito bem o seu trabalho, teve um momento que até a nossa ave voou baixo espantando as feras, o trabalho de resgate durou a noite toda. Mas quando acabou, assoviei chamando os animais e coloquei todos para puxarem a grande diligência.

E quando chegamos a colônia Jardim Érida, os sofredores resgatados foram deixados nas alas da regeneração. Eu nunca tinha visitado aquele lugar antes, naquele momento eu estava muito ocupado, não tinha tempo para conhecer o lugar, levei os animais até seus lugares correspondentes e voltei para casa, eu estava exausto, mas bem feliz, então descansei. Afinal de contas, estava sendo útil e fiz amizade com muitos amigos Samaritanos, além de Paulo, Roger também chamou minha atenção, ele era jovem e as vezes me ajudava com os animais, ele me falou de sua família na Terra e

perguntou coisas a meu respeito. Enquanto conversávamos, Paulo veio até nós e me esclareceu em minha casa dizendo:

— Sadraque, por enquanto você só vai conosco nas expedições uma vez por mês, você desempenhou muito bem o seu trabalho, mas tem outras atividades durante o dia, vamos conversar a respeito dos seus horários e se quiser nos acompanhar sempre, terá que abrir mão do aerobols, porque as atividades no setor da regeneração são atividades pesadas e demandam energia.

— Tá certo. — Respondi.

Não pensei duas vezes e tomei providências, eu não podia deixar de coletar as frutas nos campos, nem deixaria de cuidar das crianças, agora eu já não ensinava mais Luciana a se desenvolver, então deixei os treinamentos de aerobols afim de ingressar no grupo de Samaritanos. Então informei a Paulo que estava fazendo minha parte para contribuir com eles. O professor Marcelo, instrutor de aerobolss, compreendeu perfeitamente as minhas condições, ele disse que era um ato de altruísmo eu trocar uma atividade de diversão e treinamento do perispírito, por um trabalho sério e pesado. Mesmo depois de ter deixado o aerobols, participava das expedições apenas uma ou duas vezes por mês, até que eu me acostumasse, sempre com a mesma tarefa, comandar e guardar os animais. Às vezes eu visitava os bichinhos simplesmente para fazer um carinho, Laica e Lubi eram os meus prediletos, mas eu dava carinho para todos, então procurei Paulo e perguntei:

— Esses animais também são espíritos desencarnados?

Daí Paulo respondeu:

— Certamente, esses animais viviam na Terra, mas agora servem com amor a causa dos Samaritanos, claro, porque são muito bem cuidados.

— E um dia vão reencarnar. — Perguntei.

— Com certeza, essa é a lei. — E Paulo continuou a esclarecer: — Nem todos os animais trabalham nas colônias e existem algumas colônias dedicadas ao cuidado dos animais, como a colônia Rancho Alegre e a colônia Irmãos Menores.

Daí ele continuou me esclarecendo algumas outras coisas. Bem, em uma noite eu estava na minha casinha, sim, porque agora eu já estava morando em uma pequena casa particular, é claro que esta casa pertence ao Instituto Somos Eternos, mas eu posso morar nela, eu até poderia comprar com meus bônus hora se eu quisesse, mas ainda não me sinto seguro para ser independente do Instituto Somos Eternos, prefiro que a casa continue pertencendo ao instituto e já falei à diretora Bey que qualquer pessoa que tenha se recuperado consideravelmente, pode morar comigo, se ela decidir assim. A minha casa é pequena e amarela, tem dois quartos, já aprendi a preparar alguma alimentação e não dependo apenas da bondade das cozinheiras do Instituto Somos Eternos, só um quarto da casa tem uma cama, o outro quarto tem um pequeno divã branco e duas poltronas, também tem uma sala de banho que eu quase não uso mais, pois já me higienizo por conta própria, eliminando a impureza pela força da vontade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, fazem quase seis anos do meu desencarne e me encontro bem, continuo morando na colônia Jardim Érida, estudo na biblioteca do Ministério do Esclarecimento a respeito das minhas vidas passadas, tentando encontrar a melhor forma de reencarnar, eu não tenho mais tanto medo de voltar, mas também não quero ser apressado, tanto para vir, quanto para ir, é preciso chegar o momento certo. Graças à Deus aprendi que o suicídio não é o caminho, porque existem irmãos que mesmo sabendo que continuam existindo, se condenam, mas não condenam o que fizeram.

Tomásia e Kimberlly estão estudando no Instituto Renascer, para reencarnarem daqui a alguns anos, Tomásia já está no isolamento do instituto, pronta para renascer em breve. Eu continuo com os meus amigos Samaritanos nas expedições noturnas e quando o dia amanhece, trabalho nos pomares da colônia, mas nunca pense que porque estou nessa colônia vale a pena o suicídio por estar em um lugar assim. Antes, conheci o Vale do Choro e só saí de lá pela intercessão das pessoas que amo e pelo meu esforço, não é o suicídio que abre portas para cidades bonitas, mas o arrependimento, o suicídio abre portas para os vales do sofrimento. E depois do suicídio, se arrepender não basta, é preciso provar esse arrependimento em uma próxima encarnação.

Então amigos, enfrentem os sofrimentos desta vida, para não duplicar o sofrimento na outra vida e no plano espiritual. Apesar de destruir o corpo, você vai continuar existindo, então ame a vida, ame à Deus e ame ao próximo.

CONCLUSÃO

Esta obra teve a colaboração de algumas pessoas importantes para mim. Agradeço à mediunidade de minha irmã, que podendo me ver e me ouvir, ditou a minha história à Silvana, àquela que foi minha esposa. Aos meus irmãos, mas principalmente agradeço ao meu amigo Alisson Roger Piske, que digitou a maior parte da obra, já que minha irmã na presente encarnação, também tem deficiência visual. Agradeço também, à colaboração dos meus amigos desencarnados que me ajudaram a formular a minha história e a escolher as palavras certas, agradeço à Crisânia Velardi, Vilson Dias e à Margareth Bey. Foi uma satisfação imensa escrever uma pequena parte da minha experiência no mundo espiritual, peço que perdoem qualquer falha, afinal de contas, não sou escritor e desde já, digo que esse pequeno livrinho, foi feito sem nenhuma pretensão, meu único objetivo, é demonstrar aos parentes encarnados que continuo existindo, e fazer com que pessoas desistam, ou nunca pensem em suicídio, por isso, escolhi palavras do nosso dia a dia, para que pessoas deprimidas não percam a disposição na hora da leitura. Agradeço antecipadamente à todos os leitores, muito obrigado.

S.W.S.